

POR QUE
A GRAÇA
TRANSFORMA

por Chuck Smith

POR QUE A GRACA TRANSFORMA
por Chuck Smith

Direitos Autorais © 1994, 2001, 2004
Publicado por The Word For Today
Caixa Postal 8000, Costa Mesa, CA 92628, EUA
1(800) 272-9673

Web site: www.twft.com
E-mail: info@twft.com

Tradução: Anselmo J. Bacarini
Revisão: Anselmo J. Bacarini, Fabiana França Aguiar e Lídia Damasceno Gialluca

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema, ou transmitida em qualquer formato ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou outros) sem a permissão prévia do publicador, exceto pelo o que estabelece a lei norte-americana de direitos autorais.

As referências bíblicas deste livro, salvo exceções, foram tiradas da Bíblia Sagrada, Tradução de João Ferreira de Almeida, edição contemporânea, ou da Nova Versão Internacional. Emendas, interpretações e ampliações foram feitas pelo autor.

Conteúdo

Introdução – Uma Relação de Amor com Deus	1
1 Fomos perdoados	6
2 A porta nunca está fechada	13
3 Não há favoritos no reino de Deus	20
4 O perfil da graça	30
5 Um passo por vez	37
6 Um pomar, não uma fábrica	46
7 Credo para receber as bênçãos	54
8 A luta começa	61
9 Realmente livres	70
10 Eles não enlouquecerão?	77
11 Armadilhas explosivas e minas terrestres	85
12 Tudo ou nada	93
13 Membros da realeza	101
14 Nossa própria responsabilidade	109

Uma relação de amor com Deus

Você já refletiu sobre o significado dessa simples frase “Deus ama você”? Ela possivelmente contém a verdade mais importante do que qualquer um de nós pode compreender: Deus tem-nos chamado a um relacionamento de amor com Ele. Nossa parte é simplesmente acreditar e confiar no intenso cuidado e na compaixão que Ele gratuitamente nos estende.

Como é lindo experimentar a liberdade e a alegria de um relacionamento de amor com Deus! Como é triste, porém, que ainda haja tantos que insistem em se relacionar com Deus de maneira legalista. Sua justiça é baseada no que podem fazer pelo Senhor e não no que o Senhor já fez por eles. Carregam uma lista enorme, contendo o que deve e o que não deve ser feito para mantê-los ligados a Deus.

Eu não sou estranho a esse tipo deprimente de justiça negativa. Conforme crescia, considerava-me um dos jovens mais religiosos da vizinhança com base no que não fazia. Eu não fumava, não dançava, não ia a shows. Ensinaram-me que essas coisas eram absolutamente pecaminosas. Não apenas as evitava, como também acreditava que eu era muito mais correto do que os meus fracos amigos que se entregavam a elas. Achava que era muito mais santo do que o filho do pregador, que era conhecido por apanhar bitucas de cigarro e fumá-las às escondidas.

Contudo, eu tinha um grande problema. Embora não freqüentasse shows, desejava muito ver o filme da Branca de Neve e, por isso, me sentia culpado. Queria ser salvo de novo a cada domingo e prometia a Deus que na semana seguinte seria diferente. Teria sorte, contudo, se meu relacionamento com Ele durasse até o café da manhã da segunda-feira. Minha justiça estava baseada em força de vontade e empenho, por isso não demorou muito para meu relacionamento com Deus transformar-se em um tremendo peso.

Todo verão, ia para o acampamento de jovens da igreja. Na última noite, fazíamos uma grande fogueira e nos reuníamos em volta dela para cantar músicas de adoração como “Eu entrego tudo” e “Eu te seguirei, meu Senhor”. Durante esse período carregado de emoções, pediam-nos para escrever em um papel uma área da nossa vida que desejaríamos que Deus mudasse, ou um compromisso que gostaríamos de assumir. Depois, cada um de nós pegava uma pinha, colocava o papel dentro dela e a jogava ao fogo. Enquanto assistia a minha pinha queimar, lágrimas corriam no meu rosto. Eu falava para Deus sobre o meu desejo de que a minha vida fosse consumida pelo Seu amor e que desejava me entregar por completo para servi-lo.

Assim que deixávamos a fogueira, éramos levados a uma mesa na qual os líderes do acampamento tinham uma pilha de cartas que diziam: “Eu prometo, pela graça de Deus, que, no próximo ano, não irei ao teatro ou cinema, não fumarei cigarro, não beberei bebida alcoólica, não usarei palavras de baixo calão e não dançarei”. Então, assinávamos essas cartas de compromisso e as carregávamos para onde quer que fôssemos dentro de nossas carteiras durante todo o ano.

Eu era cuidadoso para manter todos os meus compromissos, mas também acabei em um relacionamento exaustivo e legalista com Deus. Tinha pouca alegria em caminhar com Cristo porque estava preso a Deus por um contrato. Não podia quebrar o meu acordo. Eu não o tinha datado e assinado? Não o carregava a todos os lugares em meu bolso? Estava comprometido a manter o contrato e realmente acreditava que Deus me devia algo pelo meu sacrifício. Ele tinha que ser bom para mim – pelo menos, melhor do que para aqueles que não cumpriam seus compromissos.

Imagine, então, o choque que levei quando os meus amigos, que não eram justos como eu, ganharam o concurso de adivinhar quantas balas de goma havia no pote! Eu ficava nervoso e perguntava: “Deus, por que não me abençoa? O Senhor sabe que mereço ganhar mais do que eles”. Quanto mais pensava nisso, mais confuso ficava. Enquanto mantinha a minha parte no acordo, Deus parecia não prestar a mínima atenção em nada. Constantemente me sentia desapontado.

De vez em quando, eu era honesto comigo mesmo e começava a ver que não estava nem perto de ser tão correto quanto pensava. Sabia que, com frequência, minha atitude não era a que deveria ser. Houve momentos em que sabia que tinha agido fora da vontade de Deus. Lembro-me de uma vez, durante o ensino médio, quando fui escondido a um show. Nos seis meses seguintes, vivi em total condenação porque havia quebrado minha promessa. Desistia constantemente da ideia de que algum dia Deus acharia certo me abençoar. Havia tantas coisas pelas quais queria orar, mas que direito eu tinha de pedir alguma coisa quando o havia decepcionado de forma tão miserável!

O peso de ser justo por meio de obras foi acumulando-se sobre os meus primeiros anos de ministério em Tucson, no estado do Arizona (EUA). Não demorou muito para eu perceber que deveria existir algo a mais do que estava experimentando; mais do que o relacionamento que estava desfrutando com Deus. Para piorar, assistia às reuniões de alguns dos maiores evangelistas, quando passavam pelo meu estado e via tendas cheias de pessoas sendo salvas e muitas recebendo, o que parecia ser, curas milagrosas.

Eu desejava muito ver aquele tipo de poder evidente na minha própria vida e ministério. Então, comecei ardentemente a buscar a Deus com jejum e oração no deserto de Tucson. Partia sozinho para servir ao Senhor, tendo somente uma

jarra de água, uma Bíblia e um caderno como companhia. Lá, implorava a Deus por Suas bênçãos, poder e unção sobre minha vida. Após algum tempo nessa disciplina espiritual, tinha uma sensação de euforia, acreditando que Deus estava prestes a abençoar a nossa igreja, porque eu estava jejuando e orando. Ficava ansioso pelo próximo culto para ver o que Deus faria.

Infelizmente, estava tão fraco por causa do jejum que, lá pelo domingo, mal conseguia ficar em pé atrás do púlpito. A minha mente desviava-se tanto, que quase não conseguia apresentar uma mensagem coerente. As pessoas adormeciam e eu ficava arrasado. Esperava um mover tremendo de Deus e, em vez disso, um coro de rancos rompia o silêncio da igreja. Ficava frustrado e nervoso e pensava: “Deus, o Senhor não tem visto como tenho jejuado e orado? O Senhor deve abençoar essa igreja e a mim também!”

À época, eu não entendia que o meu jejum e a minha oração eram tentativas de obrigar e forçar Deus a fazer o que eu queria. Pensava que se as pessoas pudessem apenas ver milagres como aqueles descritos no livro de Atos, elas seriam convencidas da realidade de Jesus Cristo.

Mais tarde, descobri que o melhor testemunho que podemos dar ao mundo é o amor que temos uns pelos outros; um amor que flui do coração do próprio Deus. Obedecer simplesmente às leis e regras não produz esse relacionamento de amor. Podemos tentar impor leis aos nossos relacionamentos, mas o amor de Deus é a única forma de conquistarmos a estabilidade e a segurança que desejamos. A Bíblia diz que o amor é o cumprimento da graça. De fato, quando perguntaram a Jesus qual era o maior dos mandamentos, Ele respondeu que era amar ao Senhor de todo o coração, com todo o entendimento, de toda a alma e com todas as forças, e amar o nosso próximo como a nós mesmos. O amor, não a lei, é a chave do nosso relacionamento com Deus e de uns para com os outros.

Deus quer que experimentemos a beleza de sermos atraídos a Ele por uma corda muito mais forte do que a da obrigação e da culpa da lei. Se ainda estivéssemos ligados a Deus por uma lista de preceitos e regras, logo ficaríamos impacientes e lutaríamos contra tais amarras. Há uma diferença enorme entre estar ligado a um relacionamento pela alegria do amor e estar amarrado pela obrigação e culpa.

Deus nunca quis que Seu povo estivesse ligado a Ele por uma lista infinita de pressões externas. Não é agradável para Deus ficar ouvindo-nos lamentar e reclamar: “Que chatice! Tenho que ir para a igreja de novo, sendo que existem centenas de outras coisas para fazer. Mas se eu não for, Deus deixará de me amar e o pregador vai me dar aquela olhada por perder o seu sermão”.

Se nos sentimos tão incomodados assim, é porque não estamos operando em um relacionamento de amor com Deus, ao contrário, temos caído no

legalismo. Deus, com certeza, quer algo melhor para nós do que uma existência inexpressiva e sem amor!

Deus nunca redigiu um longo contrato dizendo: “De acordo com todos os meus termos, Eu o amarei e o abençoarei. Mas, se você violar, mesmo que seja a menor das cláusulas, está tudo cancelado, anulado, e você está fora do Meu reino!” Os cristãos não estão ligados a Deus por algum contrato. Paulo declarou que a única coisa que o constrangia era o amor de Jesus Cristo (2 Coríntios 5:14).

Precisei de anos da obra paciente de Deus em minha vida para ser liberto da escravidão da justiça. Por muito tempo, escutei que pessoas estavam sendo tremendamente abençoadas com o livro de Romanos. Como estava sempre procurando por uma bênção, decidi investigar. Ainda sim, isso era algo difícil de entender. Mas, resolvi perseverar para ver se conseguiria descobrir o que existia de tão interessante para chamar a atenção de outras pessoas.

No dia em que estudei esse grande livro, Deus não fez nada menos que revolucionar meu relacionamento com Ele. Foi aí que me revelou o sentido desta simples e gasta, mas raramente compreendida palavra “graça”. Daquele momento em diante, encontrei um relacionamento de amor e liberdade com Deus, a ponto de não dar tanta importância em ver milagres em meu ministério. Descobri que mesmo estando prestes a tropeçar e cair, meus erros não me alienam de Deus. Meu relacionamento com Cristo deixou de ser uma montanha russa e passou a ser um passeio seguro pelo Seu maravilhoso amor.

Imagine como me senti quando descobri a profunda verdade de que “se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8:31). Por muitos anos, tinha a concepção errada de que Deus estava contra mim. Imaginava que Ele só estava esperando que eu pisasse fora da linha para julgar-me severamente. Finalmente, entendi que Deus queria que eu desfrutasse da paz do Seu amor incondicional, em vez do medo que sempre acompanha o legalismo. Comecei, então, a relacionar-me com Deus de uma maneira totalmente diferente.

Apreendi que a lei serve como um guia de proteção para o povo de Deus. Suas restrições deveriam funcionar como um guia de segurança dado por nossos pais, apenas para o nosso bem-estar. Quando descobrimos, porém, a maravilhosa graça de Deus, não precisamos mais ser trancafiados pela lei. Podemos ter uma vida livre, porque amamos a Deus e não queremos fazer nada que prejudique o relacionamento de amor que temos com Ele. Quando conhecemos a alegria da intimidade com Deus, não queremos nenhuma barreira ou bloqueio entre nós.

De fato, quanto mais experimentamos o amor de Deus, mais Ele se torna o principal desejo e foco da nossa vida. Os aspectos repressores da lei tornam-se desnecessários. Nós queremos agradar a Deus simplesmente porque nós o amamos.

Esta é a maior alegria da nossa vida: experimentar uma genuína relação de amor com Deus. Saber que Ele é por nós e nos ama é a maior fonte de segurança que qualquer pessoa pode ter. Descobrir a gloriosa graça de Deus foi uma das mais importantes experiências espirituais da minha vida. Aprendi a relacionar-me com Deus de uma maneira completamente diferente, não baseada em minhas obras, ou em minha justiça, mas com base no amor de Deus por mim, através de Jesus Cristo.

Isso é graça. É o que faz o viver valer a pena. Na verdade, é o que torna a vida – real, abundante, completa e satisfatória – possível a todos. Quando os nossos olhos se abrem à surpreendente verdade de que nosso relacionamento com Deus não depende dos nossos ínfimos esforços, mas de Sua natureza imutável de amor, a vida abre-se diante de nós em uma explosão de possibilidades.

A graça transforma campos frios e desolados em valiosos pastos verdes. Transforma a dura obrigação do trabalho pelo servir em amor e com entusiasmo. Troca as lágrimas e a culpa de nossos esforços pela eterna alegria e emoção dos prazeres oferecidos pela destra de Deus. A graça transforma tudo!

Você já descobriu a felicidade profunda de viver pela graça de Deus? Você receberia com prazer a ideia de que permanecer em Deus não depende de seus fracos esforços, mas daquilo que os poderosos braços do Senhor conquistaram por nós? Onde quer que você esteja em sua jornada espiritual, eu o convido a parar e considerar a graça maravilhosa de Deus que foi derramada em nosso benefício, pois sabemos que Sua graça transforma!

1. Fomos perdoados

Uma noite, ouvi um discurso do ex-secretário de estado dos Estados Unidos, Dr. Henry Kissinger, dizendo que seu primeiro erro estava registrado em sua autobiografia na página 1159. Ele também observou que esse teria sido o seu último.

Se eu fosse escrever uma autobiografia, meu primeiro erro provavelmente seria encontrado já no prefácio do livro, se não no próprio índice! De maneira nenhuma, tentaria entrar na presença de Deus, baseando-me em minhas boas ações. Não é que eu seja algum depravado moral. É que não estou nem perto de ser bom o suficiente para ser aceito diante de um Deus absolutamente santo.

O beco sem saída da justiça

Uma forma bem comum para tentar tornar-se justo é definir o que é, e o que não é justiça, estabelecer um código e, então, viver de acordo com ele. Há apenas um problema: nunca ninguém conseguirá viver de acordo com seus próprios códigos, por isso apresentamos um enorme número de desculpas para explicar porque falhamos. A mais freqüente é que, na verdade, a nossa falha não é nossa culpa.

Se derrubo um copo e ele se quebra, não quer dizer que eu seja descoordenado, mas que o quebrei porque alguém me chamou quando não deveria. Se pessoas estavam fazendo barulho no quarto ao lado, portanto, o meu erro é culpa delas. “Olha só o que você me fez fazer! Você me obrigou a isso. Não é minha culpa”, dizemos.

Esse tipo de atitude vem desde Adão, que culpou Eva por sua falha: “Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi” (Gênesis 3:12). O livro de Provérbios declara: “Há uma geração que é pura aos seus próprios olhos, mas ainda não foi limpa de sua sujeira” (Provérbios 30:12).

Se você se acha uma pessoa muito pura, porém não se permitiu ser limpa de sua imundice, é a sua própria justiça que o tem impedido de enxergar essa situação. A Bíblia diz: “Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós (...) Se afirmarmos que não temos cometido pecado, fazemos de Deus um mentiroso, e a sua palavra não está em nós” (1 João 1:8,10). As Escrituras declaram o nosso problema claramente: “Todo o mundo esteja sob o juízo de Deus (...) Pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Romanos 3:19,23).

Sempre que tentamos estabelecer nossa justiça cumprindo regras, no final das contas, somos forçados a admitir que agimos como uma tabela de variáveis. Eu sempre vou parecer ser moralmente melhor para mim mesmo do que para você. E você sempre parecerá ser moralmente pior para mim do que para você mesmo. Posso olhar para a sua vida e ver todo tipo de falha, mas quando olho para as minhas, as poucas que percebo não são tão ruins assim.

Mesmo a justiça que consigo alcançar pelo que faço não passa de algo fingido. A Bíblia afirma: “Somos como o impuro — todos nós! Todos os nossos atos de justiça são como trapo imundo” (Isaías 64:6). Se nosso relacionamento com Deus dependesse de que fôssemos justos e bons, nunca teríamos êxito.

Chega a ser cômico ver algumas pessoas desfilarem seus trapos por aí. Elas andam como se dissessem: “Sou mais santo que você” – um tipo de religiosidade vulgar, com ar de hiper espiritual. Falam sussurrando, porque pensam que soa santo e justo. Usam linguagens polidas, pois como sabemos, “Vós” e “Tu” soam muito mais justos do que “Vocês” e “Você”. Nós os vemos inchados em sua própria justiça, gabando-se, exibindo-se... E Deus balança Sua cabeça e diz: “Trapos imundos”.

Se meu relacionamento com Deus dependesse de que eu fosse justo e bom, nunca teria êxito. Eu falhei e fui destituído da glória de Deus. O melhor que posso ser é quando tenho um dia bom, meu corpo está bem e todo o resto também. Fico tranquilo. Realmente sou alguma coisa, mas, mesmo em meus melhores dias, Deus olha lá de cima e diz: “Trapos imundos”. Meus melhores esforços simplesmente não são suficientes.

Tentar manter a lei condena-me, pois a verdadeira lei está relacionada com as atitudes interiores. Quando eu trabalhava sob o padrão da minha própria justiça, descobri que me sentia mal por algumas coisas que outras pessoas faziam. Tornei-me amargo. Percebi que odiava certas pessoas e tinha ciúmes e inveja do que possuíam. Eu me dei conta que tinha violado o meu próprio código e destruído o meu relacionamento com Deus. Não me restou mais nada a não ser começar tudo de novo.

Infelizmente, quando sentia que estava conseguindo estabelecer um relacionamento certo com Deus, alguma coisa acontecia. Eu estragava tudo e ficava para baixo de novo. Era forçado a recomeçar, a subir a escada das boas obras novamente até chegar ao degrau no qual finalmente sentia que poderia me relacionar com Deus. Entretanto, assim que chegava a esse degrau, bastava alguém fazer uma manobra estúpida na estrada para eu gritar: “Onde você conseguiu a sua habilitação, seu idiota?”. E, mais uma vez, eu tinha que começar todo o processo desde o início.

Qual é o padrão?

Aqueles que acreditam que podem se tornar aceitáveis a Deus sem o intermédio de Jesus precisam lidar com algumas perguntas cruciais. Se crêem que podem ser salvos ao atingir certo grau de bondade, com qual padrão devem viver? O que Deus vai requerer deles? Muitos dizem: “Sinto que sou uma pessoa boa e gentil e tenho vontade de me apresentar diante de Deus com os meu próprios méritos”.

Mas essas pessoas falham por não levar em consideração que os padrões de Deus são diferentes dos nossos. Jesus mostrou o que Deus requer daqueles que lutam por um lugar no céu com suas próprias forças: “Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês” (Mateus 5:48). O padrão para a pessoa que deseja estar irrepreensível com Deus é a absoluta perfeição. Não basta apenas se esforçar e ser sincero, mas deve se manter em tudo aquilo que Deus pensou para a humanidade sem cometer nenhum erro. Evidentemente, aqueles que assim acreditam têm um entendimento distorcido do que é santidade e do que significa ser reto diante de Deus.

Se vamos estabelecer um padrão de conduta para sermos justos, precisamos usar aquele deixado por Cristo. Ele foi a única pessoa sobre a qual Deus disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado” (Mateus 3:17). Para desfrutarmos de intimidade com Deus, devemos ser tão justos quanto Jesus. Em João 16:8 e 10, Jesus falou: “Quando Ele (o Espírito Santo) vier, convencerá o mundo (...) da justiça, porque vou para o Pai, e vocês não me verão mais”. A ascensão de Cristo aos céus foi o testemunho de Deus ao mundo sobre Seu Filho. Foi como se Ele dissesse: “Esta é a justiça que aceitarei no céu”. A vida de Jesus é o único padrão de justiça. Se eu quiser ser aceito por Deus, devo ser tão justo quanto Jesus Cristo. As Escrituras revelam que há apenas um único tipo de justiça que Deus aceitará: a do próprio Cristo. Portanto, se quisermos nos colocar diante de Deus com base em nossas boas obras, devemos viver uma vida que atenda aos padrões de bondade que encontramos em Jesus.

Mas, isso é impossível. Não consigo atingir esse tipo de justiça. O próprio Jesus falou: “Qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração” (Mateus 5:28). E disse: “Qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento” (Mateus 5:22). Como também: “Amem os seus inimigos, façam o bem aos que os odeiam, abençoem os que os amaldiçoam, orem por aqueles que os maltratam. Se alguém lhe bater numa face, ofereça-lhe também a outra. Se alguém lhe tirar a capa, não o impeça de tirar-lhe a túnica. Dê a todo aquele que lhe pedir, e se alguém tirar o que pertence a você, não lhe exija que o devolva” (Lucas 6:27-30). E Ele nos ordenou: “Amem, porém, os seus inimigos, façam-lhes o bem e emprestem a eles, sem esperar receber nada de volta” (Lucas 6:35).

Como alguém consegue ser tão justo? Eu sei que não consigo. Eu falhei miseravelmente. Isso significa, então, que devo viver afastado de Deus? Não existe nenhuma possibilidade de desfrutar de intimidade com Ele? Tenho que continuar nesse vazio, nessa frustração, procurando algo que nunca poderei obter?

Se existe alguma esperança para sermos perdoados por Deus, deve haver um caminho diferente do que o das nossas obras. Paulo afirma: “Portanto, ninguém será declarado justo diante Dele baseando-se na obediência à lei” (Romanos 3:20).

Se quisermos desfrutar de intimidade com Deus, terá de ser de uma maneira diferente, não por meio da nossa própria justiça. As regras que Deus estabeleceu são demasiadamente severas para que as obedeçamos. Não conseguimos cumpri-las. Nossa única esperança é que haja alguma outra forma de justiça para nós, baseada em um princípio totalmente oposto as nossas próprias obras.

Muito obrigado, Deus, por existir esse princípio! E ele é chamado graça.

O que é graça?

A raiz da palavra graça é “beleza”. No Novo Testamento, graça significa “favor imerecido”. Graça é Deus me dar algo que sozinho não conseguiria obter. Graça é ser aceito por Deus mesmo que eu não mereça, mesmo que não seja digno.

A Bíblia ensina que a graça é recebida com base na fé e confiança em Deus. Hebreus 11:6 declara que sem fé é impossível agradar a Deus. Somos perdoados pelo Deus santo simplesmente ao acreditar em Jesus Cristo e que Ele morreu por nossa causa. Quando colocamos nossa confiança em Deus, nossas transgressões são completamente apagadas.

Não é possível sermos perdoados ao cumprir leis ou seguir sistemas religiosos. Foi preciso Cristo ser crucificado para que fosse estabelecida a base pela qual podemos ter acesso a Deus.

Quando Jesus estava orando no jardim, Ele disse: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice; contudo, não seja feita a Minha vontade, mas a Tua” (Lucas 22:42). Ele quis dizer: “Se for possível que a humanidade possa ser salva por outro meio, que não seja por minha morte – se puderem ser salvos sendo religiosos, de alguma maneira ganhando sua própria justiça –, então não quero ir para a cruz. Por favor, que eu não passe por essa terrível provação”. No entanto, isso não foi possível e Ele foi para a cruz, morreu, foi sepultado e ressuscitou. Sua morte tornou possível a Deus estender Sua Graça a você e a mim.

Talvez uma ilustração ajude a tornar isso mais claro. Imagine que você foi formalmente acusado pelo crime de invadir a propriedade de seu vizinho. Como todo advogado de defesa sabe, há duas possibilidades para você ser inocentado: ou você tenta provar que não ultrapassou os limites da propriedade, ou então que você tinha todo o direito de estar lá.

Agora, aplique essa lógica a nossa situação espiritual. Deus nos acusou de sermos pecadores – por nos rebelarmos contra Sua lei e Sua vontade. E nos acusou também de injustiça.

Como podemos ser justificados dessas acusações? Não podemos dizer que somos inocentes, porque somos culpados. Todos nós pecamos. E nem podemos dizer que tínhamos o direito de fazer o que fizemos, pois não o tínhamos. Nossas ações estavam claramente erradas. Como, então, a lei pode ser útil frente ao nosso desejo de sermos perdoados? A resposta é: não pode. O caso foi aberto e encerrado. Não tínhamos o direito de fazê-lo, mas fizemos mesmo assim e, portanto, somos culpados.

Um grande assalto a banco

Vamos mudar a ilustração. Suponhamos que eu roube um banco de maneira intencional e deliberada. A lei me condena porque não posso dizer ou provar que não o fiz, pois o sistema interno de vídeo me flagrou. Não posso dizer que tinha o direito de fazer isso, porque roubo é crime. Por isso, não há como ser perdoado dentro da lei.

Durante o julgamento, poderia tentar falar: “Prometo que não assaltarei mais nenhum banco enquanto viver. Terei uma vida útil e limpa daqui por diante. Nunca mais tomarei nada de ninguém de maneira errada”. Isso ainda não me justificaria do que fiz. Poderia até dizer que deveria ser perdoado, porque fiz muitas coisas boas com o dinheiro. Doei um pouco para a igreja e alimentei minha família. Mas as minhas obras de justiça não poderiam contrapor ou absolver-me da minha culpa.

Como parte da minha sentença, o juiz poderia até ordenar que eu pagasse ao banco todo o dinheiro que roubei ou mandar que eu recolhesse latinhas nas estradas. Poderia passar o resto da minha vida fazendo coisas boas, mas ainda não seria absolvido do crime que cometi. Nem todas as obras da lei poderiam apagar minha culpa. Meus erros ainda continuariam existindo. Sou um ladrão e o veredicto é claro.

Como, então, tantas pessoas tentam se declarar espiritualmente inocentes diante de Deus pela virtude de suas boas obras?

Há muitos de nós que respondem aos nossos pecados, culpas e injustiças com arrependimento e novas resoluções. Queremos fazer emendas e começar

uma nova página, mas tais esforços não podem remover a culpa do que já fizemos. Nunca poderemos ser justificados pelas boas obras. Nem mesmo uma vida cheia de boas obras pode reparar um pecado sequer.

A base para o perdão de Deus é o sacrifício do Seu único Filho. Toda nossa culpa – todas as falhas passadas e futuras – foi colocada sobre Jesus Cristo, o Cordeiro inocente, o Perfeito que não conheceu pecado algum. Ele morreu por nós, suportou a nossa culpa, sofreu e foi morto por nossos pecados. Paulo escreveu: “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21). Jesus tornou-se pecado por nós, para que fôssemos perdoados através dele. Em outras palavras, Ele trocou de lugar conosco. “Pois nosso Senhor Jesus Cristo, sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos” (2 Coríntios 8:9). Ele levou nossos pecados e nos perdoou simplesmente por meio de nossa fé e confiança Nele.

Jesus, nossa Esperança

Quando Deus colocou sobre Jesus a iniquidade de todos nós, Cristo recebeu o julgamento por nossos pecados. Ele recebeu o castigo que era nosso e que a Bíblia declara ser a morte (Romanos 6:23). Deus afirma que se acreditarmos em Cristo como nosso Senhor e Salvador seremos perdoados de todos os erros que já cometemos. “O sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 João 1:7). Essa purificação é algo que a lei jamais poderia fazer por nós. É uma provisão de graça.

Podemos esforçar-nos para conquistar o céu por meio de nossos próprios esforços, ou podemos colocar nossa fé em Jesus.

O fato é que a fé é a nossa única esperança. Nossas boas ações, esforços e obras nunca poderão nos trazer o perdão de Deus. Paulo falou de maneira enfática: “Todavia, aquele que não trabalha, mas confia em Deus, que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça” (Romanos 4:5). Deus nos dá esse perdão por causa da nossa fé no completo trabalho que Jesus Cristo fez por nós.

A escolha é sua

Você tem uma escolha: pode esforçar-se para chegar ao céu por seu próprio mérito e tentar ser tão bom quanto Cristo, ou pode colocar sua fé em Jesus e receber a sua permanência com Deus como um presente de Sua graça.

Para mim, não há o que pensar. Sei que não existe nenhuma chance de chegar ao céu somente por minhas boas obras. Permaneço totalmente sem esperança, condenado por meus pecados do passado. Não tenho como ser recebido por Deus fora da Sua misericórdia.

A boa notícia é que Deus deu um jeito de sermos aceito diante Dele. O Senhor, que é absolutamente santo, puro e justo, e que pecado algum consegue ficar em Sua presença, criou um caminho para pessoas como nós termos comunhão com Ele. Quando cremos nesse sacrifício que Jesus Cristo fez por nós – mesmo que não o mereçamos – o Pai nos dá o perfeito perdão.

Este é o evangelho da graça. Cada um de nós pode se relacionar com Deus mesmo estando longe de ser perfeito. Ainda podemos ter um lindo relacionamento com Ele através de Seu Filho Jesus Cristo.

Quando nos relacionamos com o Pai pela fé, por meio de Seu Filho, temos um relacionamento firme. Somos, agora, filhos de Deus. Porque Ele é o nosso Pai, não temos mais que nos questionar se somos dignos de vir até Ele. Não vamos a Ele com base em nosso merecimento, mas em nosso relacionamento.

É sobre isso que está firmado o evangelho da graça. Deus olha para nós como se nunca tivéssemos cometido nenhuma transgressão contra Ele. Mas tenho dificuldade em me enxergar dessa forma. Olho-me no espelho e digo: “Chuck, você é um pecador. Não consegue controlar seus desejos. Você tem tantas falhas!” Porém, mesmo assim, Deus olha para mim e diz: “Você está perdoado”. Ele me ama e me aceita como sou, porque estou em Jesus Cristo. Da mesma maneira que aceitou o Seu único Filho, Ele também me aceita. Paulo diz que fomos aceitos “no Amado” (Efésios 1:6). O Amado é Cristo e você, estando nele, é aceito por Deus assim como Cristo o é.

É por essa razão que o evangelho da graça é a melhor notícia que já ouvi. Deus nos perdoa porque acreditamos em Seu Filho que foi enviado para morrer por nossos pecados. Portanto, todos eles foram apagados e não existe mais culpa. Paulo nos fala: “Como são felizes aqueles que têm suas transgressões perdoadas, cujos pecados são apagados! Como é feliz aquele a quem o Senhor não atribui culpa!” (Romanos 4:7,8).

Como filhos de Deus, temos todo o direito de ir ao Pai para pedir tudo o que necessitamos. Temos todo o direito de confiar em Sua sabedoria para que conceda ou negue nosso pedido de acordo com o que for melhor para nós. Podemos comprometer-nos com nosso Pai celestial, que nos ama tanto, pois nos dará somente o que for melhor.

Que alegria é saber que Deus deseja conceder a riqueza e a plenitude de Seu amor a nós – não porque merecemos, mas porque Ele nos ama. Este é o evangelho da graça em Jesus Cristo!

2. A porta nunca está fechada

Mesmo sendo tão maravilhoso, o perdão é apenas uma parte da história do evangelho da graça. Muitas pessoas crêem que Deus nos perdoou em Cristo, porém encontram dificuldades na segunda parte das boas novas: somente ao crer em Jesus Cristo é que Deus nos considera justos.

Nem todos acreditam nisso – pelo menos não inteiramente. Vários grupos têm estabelecido padrões de justiça, todavia raramente concordam como eles deveriam ser.

Usos e costumes?

Não muito tempo atrás, alguns grupos ensinavam que não era certo usar botões em suas roupas. Eles usavam ganchos e passantes em seus trajes e nunca botões. “Você usa roupas com botões?”, eles perguntavam. “Como você pode fazer isso? Que vergonha!” Mesmo nos dias de hoje, há grupos que ensinam que usar ouro é absolutamente pecado. Você definitivamente não pode ser uma pessoa justa se usa ouro. Em toda a história, pessoas têm estabelecido padrões variáveis de justiça – sempre com a ideia de que se cumprirem determinado padrão Deus os aceitaria.

Há, porém, um verdadeiro problema quando se tenta estabelecer justiça por intermédio de leis e obras. O fato é que raramente vivemos de acordo com os nossos próprios padrões, quanto mais com esses tão difíceis!

Cada um de nós aceita um padrão moral que considera ser bom e correto. Isto é realmente o que sou, ou, no mínimo, o que seria, não fossem os obstáculos exteriores. Psicólogos chamam isso de “superego”, que é o nosso ser ideal. Infelizmente, ninguém conhece o seu “verdadeiro eu”. Por quê? Porque o “verdadeiro eu” é perfeito. Na verdade, não conheço o meu “verdadeiro eu”, porque as circunstâncias constantemente me mantêm longe de ser tão maravilhoso quanto realmente sou.

Juntamente com o superego, psicólogos também falam sobre o “ego”, que é o nosso ser real. Tristemente, o seu ser real nunca está de acordo com o seu ser ideal.

Se por ventura houver uma grande diferença entre seu superego e seu ego, você é considerado como uma pessoa desajustada. Por outro lado, se você sabe que não é perfeito e não tem um alto padrão para o seu ser ideal, então, você é parabenizado por ser uma pessoa centrada.

Psicólogos frequentemente buscam baixar os padrões do superego de uma pessoa, dizendo que ela estabeleceu metas impraticáveis. “Ninguém é perfeito. Ninguém é tão bom assim”, eles dizem. “O que você está fazendo não é tão anormal. Todo mundo faz a mesma coisa. Você não deve estabelecer padrões tão altos!”. Esses terapeutas tentam constantemente estreitar a diferença entre o superego e o ego para que desfrutemos de uma vida mais equilibrada. Buscam uma cura ao rebaixar o superego.

Faça um contraste disso com a obra de Jesus. Ele não tenta rebaixar o superego, mas objetiva elevar o ego. Ele quer exaltar o seu ser real!

Mesmo que seu ser real esteja bem abaixo de seu ser ideal, ainda assim somos justificados diante de Deus e Ele nos enxerga perfeitamente justificados por causa da nossa fé em Jesus Cristo.

Este é o segundo aspecto do evangelho da graça. Primeiro, todos os seus pecados já foram cuidados, lavados e perdoados, por causa da sua fé em Jesus Cristo. Segundo, Deus enxerga você justificado por acreditar em Cristo. Independentemente do que você esteja fazendo, se está seguindo algum código de ética ou não, Deus está lhe imputando justiça porque você crê em Jesus Cristo.

Este é o glorioso evangelho, as boas novas. Saber que Deus me aceita por causa da minha fé em Jesus Cristo e que minha justiça também vem por meio dela, é realmente boas novas!

A porta está aberta

Por que isso é uma boa notícia? Porque nunca mais precisarei ter medo e dizer: “Oh! Não devo ousar me aproximar de Deus, porque acabei de contar uma mentira, perdi a paciência, ou enganei alguém. Agora, não tenho mais o direito de pedir a Deus que me ajude, porque falhei na minha missão”. Se minha justiça vier de minhas próprias obras, então, Satanás poderá bloquear o caminho entre mim e Deus, porque na verdade nunca faço o que sinto que deveria fazer. Ainda não consegui alcançar o meu superego. Não tenho vivido nem mesmo de acordo com os meus próprios padrões. E porque falhei ao não alcançar os padrões ideais, Satanás usará isso para me separar de Deus. “Você não tem nenhum direito de pedir a ajuda de Deus, porque você acabou de falhar novamente. Você sabe que suas ações não agradam a Deus e mesmo assim as pratica. Agora, você está encrocado e quer a ajuda de Deus. Você acha que Ele vai ouvi-lo? De jeito nenhum!”, diz o diabo.

Satanás poderá sempre bloquear o caminho até Deus, se ele puder me fazer olhar somente para mim mesmo. Mas, se eu olhar para Jesus Cristo e observar que sou considerado justo por causa da minha fé nele, Satanás nunca poderá me impedir.

Ele ainda vem e me diz: “Chuck, você é um desgraçado. Você não tem o direito de se colocar em pé e proclamar as gloriosas boas novas de Jesus Cristo. Você não pode se levantar e ensinar a Palavra de Deus. Você falhou nisso e naquilo. Você é uma farsa!”

Sempre começo a rir quando isso acontece, porque tenho certeza de que há muitos outros pecados que ele nem mencionou. Aí eu digo: “Satanás, você não me assusta com suas acusações. Você não vai conseguir que eu me esconda. Na verdade, reconheço que o que você disse é verdade. Sei que falhei. Sei também que tenho fraquezas. Mas com isso, você não me desvia de Jesus Cristo, pelo contrário, me aproxima dele, porque minha única esperança é a Sua cruz”.

Fujo, então, para o único lugar no qual fico seguro; o único lugar em que encontro esperança. Certamente não há nenhuma esperança em mim mesmo e em minha própria justiça. Mas, tenho grande esperança no que Jesus Cristo fez por mim e na obra que Deus está fazendo em mim pelo poder do Espírito Santo ao moldar-me à imagem de Cristo.

Aquilo que não consigo fazer por mim mesmo, Ele o faz. Naquelas áreas em que sou muito fraco, Ele me fortalece. Reconheci minhas fraquezas e me atirei desesperadamente sobre Ele. Nas áreas em que já fui fraco e constantemente tropecei, hoje permaneço firme porque Sua força tem sido aperfeiçoada em minha fraqueza (2 Coríntios 12:9).

Com certeza, não sou ainda tudo o que Deus quer que eu seja. Estou muito longe disso! Mas graças a Deus, não sou o que costumava ser. Mesmo em meu presente estado de imperfeição, Deus olha para mim e me considera justificado e santo. É por essa razão que nunca quero ser pego em outro lugar, senão em Cristo Jesus. Não devemos nunca nos ver separados dele.

Não existem diferentes graus de justiça

Se Deus imputou a justiça de Cristo sobre nós porque cremos, então, é estupidez tentar aperfeiçoá-la pelas obras. Não podemos aperfeiçoar a justiça de Deus. Não há como melhorar aquilo que Ele já nos imputou. Somos justo e é assim que Deus nos considera, porque acreditamos e confiamos na obra de Jesus Cristo. Nossa justiça hoje e para toda a eternidade é simplesmente o resultado de nossa fé no Filho de Deus, Jesus.

Ninguém no céu poderá se gabar de sua própria justiça. Não teremos que ouvir Abraão, Davi ou Paulo falar sobre as coisas maravilhosas que fizeram para alcançar uma posição de justiça diante do Senhor. Esses homens simplesmente acreditaram em Deus e sua fé lhes foi imputada como justiça.

Nenhum de nós ficará no céu comparando boas obras com os outros, porque haverá apenas um que receberá glória diante do trono de Deus. Existirá apenas uma estrela que brilhará. Não haverá um sistema de divisão espiritual, em que alguns se deleitarão na glória de suas obras, enquanto outros ficarão num canto, perguntando-se como conseguiram chegar ali. Somente Jesus receberá a glória pela nossa salvação. Se não fosse por Ele, nenhum de nós chegaria lá.

Paulo escreveu: “Que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gálatas 6:14). Não importa quantas ações importantes você tenha feito por Ele, quantas pessoas você tenha levado até Ele, ou quantas igrejas fundou, nossa única glória está em Jesus Cristo, aquele que morreu por nós. Nossa justiça não é uma questão de boas obras, esforço humano, ou o cumprimento de determinados rituais ou regras alimentares. Nossa justiça – tanto aqui como na eternidade – é o resultado da nossa fé no Filho de Deus, Jesus.

A justificação pela fé remove qualquer diferença entre aqueles que pertencem a Cristo. Eu não sou melhor que você, nem você é melhor do que eu. Somos todos pecadores, salvos apenas pela graça gloriosa de Deus. Não há outra maneira de estar na presença de Deus. Existe somente um tipo de justiça que Deus aceitará, aquela imputada por Jesus Cristo.

Se busco me relacionar com Deus com base em minha própria justiça ou obras, ou se espero ser abençoado porque tenho me comportado bem durante a semana, lido muitos capítulos da Bíblia ou pregado bastante, então, meu relacionamento com Deus será sempre frágil. Algumas vezes sentirei que meu relacionamento com Ele está bem e outras que está mal. Por quê? Porque tento me relacionar com Ele com base na minha justiça.

Sem a graça de Deus, meu relacionamento com Ele nunca é estável e é impossível desfrutar de paz. Se meu relacionamento com Deus dependesse de como me sinto, de como vivo, ou da minha própria justiça, não poderia me relacionar com Ele na maior parte do tempo.

Quando o meu relacionamento com Deus é estabelecido sobre Sua graça, a porta das bênçãos nunca está fechada. As bênçãos de Deus são concedidas com base em Sua graça, em Seu favor imerecido. Nunca merecerei ou conseguirei uma bênção por mim mesmo, elas vêm sobre minha vida baseadas no favor imerecido de Deus para mim. Deus me ama tanto, que me abençoa de qualquer maneira. Deus é tão bom! O louvor mais sincero é aquele que sai espontaneamente dos nossos corações à medida que reconhecemos a graça maravilhosa de Deus sobre nós.

Tendência à teimosia

Sempre achamos muito difícil deixar o conceito de que nossa justiça está de alguma maneira ligada ao trabalho que fazemos para Deus. Temos a tendência de achar que alguns cristãos são mais santos do que outros por causa de suas atuações, até nos pegarmos usando esse padrão para julgar os outros. Se alguém não faz um trabalho com a mesma qualidade do nosso, ou se não for tão zeloso quanto nós, então, essa pessoa certamente não é tão justa como nós.

É extremamente difícil remover da nossa mente a ideia da justificação por obras e, porque esta noção está profundamente arraigada, muitas pessoas enfrentam uma luta constante com seus sentimentos de culpa. Mesmo sendo cristãos, muitas vezes nos culpamos por diversas situações. Por amarmos a Deus, queremos adotar padrões pessoais de conduta para continuarmos sendo Seus filhos. Mas agora que Cristo habita em mim, quero demonstrar o Seu amor, que é paciente, bondoso, gentil, misericordioso e que tudo sofre.

E, mesmo sendo tão forte esse amor em minha vida ainda pode ser bem frágil! Poderia estar dirigindo em uma estrada qualquer e algum motorista colocar a minha vida em risco. Instantaneamente, um sentimento de ira invadiria a minha mente e eu buzinaría, encostaria em seu parachoque e diria a esse idiota o que penso sobre como ele dirige. Mas então, depois de fazer todas essas coisas más, lembraria que o nome da igreja está escrito na minha placa. Neste momento, todos os meus antigos e familiares sentimentos de culpa apareceriam em meu coração. Pensamentos de acusação como: “Que testemunho maravilhoso você deu!”, fluiriam em minha mente, fazendo-me sentir totalmente injusto. Teria estragado tudo de novo, decepcionado a Deus mais uma vez e ficaria com uma completa sensação de distanciamento Dele.

Relacionar-se com Deus com base em esforços e obras é sempre uma luta. Não conseguimos conhecer a paz de Deus até que experimentemos Sua graça.

É difícil entender que, embora meu comportamento não seja correto, isso nada tem a ver com a graça de Deus e a minha posição de justiça diante dele. É tão difícil dissociar o conceito de obras e lei da ideia que temos sobre justiça! Meu comportamento e minha posição diante de Deus parecem ser elementos indissociáveis, entretanto, são totalmente diferentes.

A verdade é que o próprio Deus me imputou como justo, porque simplesmente acredito em Seu Filho, Jesus Cristo. Se manter uma lista de regras, como “nunca se aborrecer ao dirigir” ou “nunca perder a paciência com os filhos”, pudesse nos levar a um relacionamento correto com Deus, então, minha conduta e minha posição diante dele estariam ligadas. Porém, não existem regras que trazem vida, porque o pecado trouxe alienação e morte. Para termos vida, Deus teve de estabelecer uma Nova Aliança baseada em melhores

promessas em vez de justificação por obras. Essa Nova Aliança é o evangelho da graça.

Graça e paz

Talvez você se sinta como um pobre coitado, tem andado irritado e infeliz e sente que Deus possivelmente não pode lhe amar. Você se sente extremamente desgostoso com o fracasso da sua carne e sabe que tudo o que merece é receber a repreensão de Deus como julgamento.

De repente, Deus lhe dá algumas bênçãos gloriosas. Nesse momento, surge em seu coração louvores espontâneos a Deus em forma de adoração. Esta é a verdadeira forma de louvor – adoração que surge espontaneamente em resposta à graça de Deus. Este é o louvor que diz: “Deus é tão bom para mim. Não mereço nada disso”.

Ao relacionar-me com Deus através de Sua graça, nunca sou e nunca serei cortado de Suas bênçãos. Por outro lado, se espero que Deus intervenha em meu favor com base na minha bondade ou feitos, sou cortado durante grande parte do tempo.

Descobri que a falta de bênçãos de Deus em minha vida não é por causa do meu desempenho exterior, mas tem origem em minha falta de fé na graça de Deus. Aprendi que a bênção de Deus é incondicional. Quanto mais a vejo em minha vida, mais percebo que não mereço. Por causa dessa verdade, posso desfrutar de uma paz gloriosa, pois não tenho com que me preocupar.

Se confiamos em nossa justiça como base para o nosso relacionamento com Deus, nunca experimentaremos uma paz consistente. Tentar relacionar-se com Deus por meio de esforços e obras é uma luta, uma dificuldade sempre, uma pressão. Se quisermos algum dia conhecer a paz de Deus, devemos entender que essa graça maravilhosa flui Dele até nós, ainda que sejamos podres e não a mereçamos.

Após aceitarmos a gloriosa graça de Deus, Sua paz enche nossos corações e nossas vidas. Sabemos que Ele nos ama – ainda que estejamos longe da perfeição e tenhamos falhado. Mesmo quando parece que ninguém mais nos ama (e não culpamos essas pessoas, porque também não amamos a nós mesmos), ainda assim Deus nos ama.

Você já ouviu falar dos irmãos siameses do Novo Testamento? Eles são “graça e paz”. São sempre colocados juntos, nessa ordem. Podemos dizer que o mais velho dos irmãos é a graça. É sempre graça e paz. Nunca lemos paz e graça. Por quê? Porque seria como colocar a carroça na frente dos bois. A sequência correta é sempre graça e paz, porque não podemos conhecer a paz

de Deus em nossos próprios corações sem que tenhamos experimentado Sua graça em nossas vidas.

Puro como Jesus

A Bíblia diz que aquele que deposita sua fé em Jesus é “justificado”. O que isso significa? Significa que Deus nos garante uma posição diante Dele, exatamente como se nunca tivéssemos pecado.

Esta não foi uma façanha pequena para Deus conquistar! Sabemos que todos pecaram e destituídos foram da glória de Deus. Como Ele conseguiu olhar para nós como se nunca tivéssemos pecado e ainda nos enxergar como justos? Se Ele vê nossas vidas como realmente são e se Ele deve agir de acordo com Seu atributo de justiça, como pode nos tratar como se fôssemos perfeitos?

É aí que o poder do evangelho entra em cena. Deus fez Jesus tornar-se pecado por nós. As Escrituras declaram que Deus colocou sobre o inocente Cristo a iniquidade de todos nós. Jesus literalmente tomou o meu lugar e o castigo que era meu por ser um pecador convicto.

Este é o glorioso evangelho da graça. Podemos ser justificados diante de Deus como jamais poderíamos por meio da lei. Não importa se tentamos cumprir a lei meticulosamente, pois sempre falharemos. A justiça que vem por meio da fé em Cristo, entretanto, é imputada a nós e é completa. Não há nada que possa ser adicionado a ela. Em Cristo, tenho uma perfeita posição de justiça diante de Deus. Não há condenação contra mim. A Seus olhos, sou perfeito. Isso não quer dizer que eu seja humanamente perfeito – de maneira nenhuma! Mas, que Jesus Cristo é perfeito e que tenho Sua justiça creditada a meu favor por causa da minha fé Nele.

Louvo muito a Deus pelo conhecimento de Sua graça, que Ele mesmo trouxe ao meu coração e também pelo relacionamento de amor que tenho, o qual nunca muda. Esse relacionamento não se altera quando estou deprimido, errado ou com raiva. É um relacionamento pleno, sólido e sempre presente, o que significa que Deus me ama quando sou carinhoso e também quando sou mau. Quão bom é conhecer a graça de Deus e o evangelho de acordo com essa graça!

3. Não há favoritos no reino de Deus

Você já percebeu que geralmente as pessoas que classificamos como impossíveis de serem salvas são marcadas pelo Senhor como as próximas a serem convertidas?

Não é raro na minha igreja Calvary Chapel que amigos de outrora se encontrem inesperadamente e olhem um para o outro e digam: “O que você está fazendo aqui?”. Ao se verem na igreja, com uma Bíblia nas mãos e um sorriso no rosto, é o suficiente para ficarem perplexos. Nenhum deles achava possível que o outro fosse salvo.

Não acho que muitas pessoas da igreja primitiva oravam pela salvação de Saulo. Eles provavelmente diziam: “Senhor, acaba com esse homem. Ele vai matar a Sua igreja. Impeça-o, Senhor!”. Eles provavelmente esperavam que Deus o repreendesse duramente durante o julgamento.

Mas Deus tinha outra forma de pará-lo, porém totalmente diferente do que imaginavam. Saulo foi parado por Deus no seu caminho para Damasco e teve sua vida mudada em 180 graus. Saulo renasceu como Paulo e se transformou no maior proclamador do evangelho da graça em toda a história.

Deus é especialista em transformar os candidatos mais improváveis em troféus da Sua graça. Ele é capaz de fazer uma linda mudança em cada um de nós. Consegue mudar os nossos valores e fazer-nos novas criaturas em Cristo. Ele nos chama para sermos exemplos do que Sua graça pode fazer.

Ninguém é tão pequeno

Às vezes, cometemos o erro de pensar que Deus usa somente pessoas “especiais” – as fortes, inteligentes, bonitas. Não achamos que Ele tem um lugar para o resto de nós. Estamos completamente enganados!

Deus não tem pessoas “importantes”. Ele usa pessoas comuns e trabalha por meio de pessoas simples. Foi por isso que Paulo escreveu: “Irmãos, pensem no que vocês eram quando foram chamados. Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte” (1 Coríntios 1:26-27).

Deus ama pessoas comuns como nós e nos concede talentos para que preenchamos nosso lugar no corpo de Cristo. Toda a habilidade que temos é um

dom vindo de Suas mãos. Tudo o que temos nos foi dado. Como Paulo disse em 1 Coríntios 4:7: “O que você tem que não tenha recebido?”

Como posso me gloriar em meu ministério como se não o tivesse recebido, como se o que tenho para compartilhar fosse algo da minha própria capacidade ou brilhantismo? Tudo o que tenho de valor veio de Deus. Não há como ser orgulhoso e prepotente, como se fosse alguém independente do Senhor. Longe Dele não sou nada; não consigo fazer nada.

Muitas vezes, as pessoas desenvolvem uma opinião inchada de sua importância e grandeza na obra de Deus e se alegram em seu próprio desempenho. Mas a verdade é que Deus não precisa de nenhum de nós. Sinto muito se isso o faz sentir-se menos importante, mas é a verdade. Ele escolheu usar-nos, mas não é obrigado a fazê-lo. Ele poderia facilmente usar outra pessoa.

Para mim, isso é lindo. Não fui escolhido porque sou maravilhoso. Deus não nos escolheu por causa da nossa grandeza, habilidade ou potencial. Ele nos escolheu porque decidiu assim. Pessoas importantes e orgulhosas não gostam dessa ideia. Elas estão “acima” de serem escolhidas, então, geralmente não são. Deus escolhe por Sua graça e assim Ele escolheu a mim e a você.

O céu será cheio de surpresas. Ao olharmos em volta, a primeira surpresa será ver pessoas que pensávamos que não conseguiriam chegar lá. A surpresa seguinte serão aqueles sentados na primeira fila, nos lugares de honra. Então, diremos: “Quem são essas pessoas? Nunca as vimos antes. Acho que algumas delas freqüentavam a Calvary Chapel, mas onde está o pastor Chuck?” E em algum lugar, bem lá atrás, eu gritarei: “Estou aqui! Graças a Deus e por Sua misericórdia, eu consegui”.

Todos são iguais no reino de Deus

Antes de conhecer a Jesus face a face na estrada para Damasco, o apóstolo Paulo passou a maior parte de sua vida como fariseu. Os fariseus, por sua vez, eram membros de um grupo judaico muito rígido e legalista, que se opôs fortemente a Jesus. Você pode ter uma ideia de quem eles eram ao considerar suas orações, algumas das quais têm sido preservadas até hoje. Toda manhã, os rabinos oravam: “Eu lhe agradeço, Pai, por não ter nascido gentio, escravo ou mulher”. Sem dúvida, durante anos essa foi parte da vida devocional de Paulo.

É muito interessante ver que em Gálatas 3:28, o apóstolo aborda esses três componentes da sua tradicional oração de maneira diferente: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus”.

Jesus tornou o acesso a Deus igual e possível para todos. Por isso, Deus nos recebe como Seus filhos amados. Esta é a beleza do evangelho.

Jesus é o grande “equalizador”. Sua graça recusa-se a elevar uma pessoa em detrimento de outra. Todos nós somos um, porque em Cristo, Deus aceita cada pecador tão prontamente como aceita o outro. Ele valoriza grandemente cada indivíduo.

Esse evangelho tem impactado o mundo tremendamente em todos os lugares por onde tem passado. Considere os direitos das mulheres. Antes da chegada do cristianismo a Nova Guiné, as mulheres eram consideradas indignas de adorar a Deus. Uma mulher somente tinha contato com o local da adoração quando era sentenciada à morte. O conceito de cidadãos de segunda classe criava um clima de terror e vergonha, o qual elevou incrivelmente a taxa de suicídio entre as mulheres. Elas tinham pouquíssimas motivações para viver e sofriam opressões fortíssimas. Imagine o impacto sobre essa cultura quando o evangelho da graça entrou em cena. De repente, descobre-se que em Cristo não há distinção entre homens e mulheres.

Jesus tornou o acesso a Deus igual e possível para todos, sem levar em consideração a que grupo demográfico pertencem. Deus não nos recebe como estrangeiros justificados ou distantes conhecidos, mas como Seus filhos amados. João diz: “Aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus” (João 1:12). Essa é a beleza do evangelho.

Não importa o que fomos ou quantas coisas erradas fizemos. Se colocarmos nossa fé em Cristo, seremos perdoados de todos os nossos pecados. Além dessa bênção quase que incompreensível, Deus também nos recebe como Seus filhos. Foi isso que Paulo quis dizer quando escreveu: “Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus” (Gálatas 3:26).

Deus não considera uma pessoa mais importante que outra. O alvo de Sua graça não é somente o forte, ou o bonito, ou o inteligente. Ele chama pessoas comuns para ficar ao Seu lado e nos envolve em seus braços num gentil abraço de amor.

Escolhido pela graça

Paulo percebeu que toda a sua vida era o resultado da escolha graciosa de Deus, conforme escreveu: “Agradou-lhe revelar o Seu Filho em mim” (Gálatas 1:16). Isso é o que Deus quer fazer em cada um de nós. Isso é o que Deus quer fazer em você agora. Ele deseja revelar Seu Filho ao mundo através de você.

Na verdade, Deus tem trabalhado em sua vida desde que você foi concebido, para torná-lo um instrumento perfeito, capaz de revelar Seu Filho.

Por isso Paulo escreveu: “Deus me separou desde o ventre materno e me chamou por Sua graça” (Gálatas 1:15). É extraordinário ver como Deus preparou Paulo para o seu ministério muito antes de ele o conhecer.

Deus sabia que precisaria de uma pessoa especial para levar o evangelho da graça aos gentios. Esse homem teria que abandonar a severa tradição judaica, que tendia a um grupo extremamente restrito. Eles não se misturavam com os gentios e até se recusavam em comer com eles ou entrar em suas casas. Na realidade, quando um fariseu caminhava na rua, segurava sua túnica bem firme a sua volta, pois temia que ela tocasse um gentio. Se um fariseu acidentalmente encostasse em alguém não-judeu, ele iria para casa, tomaria um banho, lavaria sua roupa e ficaria afastado do templo durante todo aquele dia, porque se considerava impuro. Todavia, o homem que Deus precisava para proclamar as boas novas teria que sair, viver com os gentios e tornar-se um deles.

É muito interessante observar que Deus escolheu para esta tarefa um judeu que zelava muitos pelas tradições de seus antepassados!

Ao olhar para trás, Paulo pôde ver como as mãos de Deus estavam sobre ele desde o início. Como a cultura grega havia saturado o mundo, o homem que Deus escolheu tinha que ser conhecedor de seus costumes e filosofia. Porque ele viajaria por todo o império romano, o que requereria cidadania romana, e enfrentaria todos os tipos de perigo.

Por isso, Deus fez com que Saulo nascesse cidadão romano. Não se sabe como sua cidadania foi adquirida, mas definitivamente foi uma grande vantagem para Paulo, poupando-o de algumas dificuldades e até de perigos de morte (leia Atos 22 e 25).

A cidade de Tarso tinha uma forte cultura grega. Paulo foi mais do que simplesmente exposto ao costume e ao pensamento helenísticos. Ele fazia parte deles. Isso possibilitou que interagisse efetivamente com os gentios e conhecesse as nuances do pensamento grego, permitindo que seu conhecimento comunicasse as verdades de Jesus Cristo aos gregos.

Ao mesmo tempo, Deus precisava de alguém que fosse totalmente judeu. Quando Paulo tinha aproximadamente 12 anos de idade, seus pais o mandaram a Jerusalém para estudar aos pés de Gamaliel, um dos mais sábios judeus daquele tempo. Lá, Paulo absorveu a cultura e as tradições hebraicas, dominando o talmude (doutrina e jurisprudência da lei mosaica) e as Escrituras. Paulo cresceu com extremo zelo pela lei e buscava tornar-se justo ao guardá-la com todas as suas forças. Também se sobressaiu dentre seus contemporâneos. Ele escreveu aos filipenses: “Se alguém pensa que tem razões para confiar na carne, eu ainda mais” (Filipenses 3:4). Pedro e os outros discípulos, com suas

experiências de pescador e cobrador de impostos não estavam preparados para compreender a lei completamente como Paulo.

Quando finalmente chegou o dia em que Deus revelou Sua graça a Paulo na estrada para Damasco, o apóstolo pôde imediatamente relacionar as Escrituras do Velho Testamento com a recente aparição de Jesus Cristo. Ele começou a ver o Messias por um novo ângulo. Paulo era a escolha perfeita para pregar o evangelho da graça, porque se existia alguém que buscava ser justificado pela lei, essa pessoa era ele. Este foi um homem que podia dizer: “Quanto ao zelo, (fui) perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na Lei, (fui) irrepreensível” (Filipenses 3:6). Ele conhecia o fracasso de tentar ser justificado pela lei, mas quando teve o conhecimento glorioso de Jesus Cristo, abraçou a nova justiça com alegria, a qual lhe foi imputada por meio de sua fé em Cristo Jesus.

Nada mudou

A história de Paulo é dramática, mas nunca pense que esse tipo de preparação divina foi algo exclusivo para ele ou qualquer outro santo do Novo Testamento. Por exemplo, posso examinar a minha própria vida e ver que Deus me separou desde o ventre da minha mãe para a obra que Ele tinha para mim.

Olho para trás e vejo eventos importantes que à época não pareciam tão significativos. Hoje, percebo que esses acontecimentos foram marcantes em minha vida para me moldar e determinar o meu futuro. Fazendo uma avaliação, posso ver as mãos de Deus em cada uma dessas situações, embora naquela época não percebesse que Sua mão estava tão próxima. Pensava que Deus tinha me abandonado, mas agora vejo como Ele estava trabalhando em cada dificuldade da minha vida, a fim de me preparar para a obra que tinha para mim. É muito interessante recordar algumas decisões que tomei em momentos críticos e perceber que a mão de Deus estava me guiando em todo o tempo.

Nós costumamos cantar: “Meu Senhor me guia em todo o tempo”. Fazendo uma retrospectiva, posso testificar que a mão de Deus estava sobre mim desde o princípio. Algumas vezes, Ele, de modo sobrenatural, interveio para proteger-me, pois tinha uma obra especial para eu fazer e me preparou para isso.

Algumas semanas antes de eu nascer, um primo meu morreu de meningite e minha irmã também estava infectada. Um dia, ela teve convulsões tão severas que minha família pensou que ela estava morta. Minha mãe correu do nosso apartamento para a rua e foi até a casa pastoral de uma igreja, onde deitou o corpo da minha irmã, já sem vida, no carpete. O pastor e minha mãe começaram a orar para que Deus a trouxesse de volta à vida. Seus olhos estavam paralisados, seu queixo completamente relaxado e não havia pulsação aparente.

Pouco tempo depois, quando meu pai voltou de seu jogo de bilhar para casa, uma enfermeira estava esperando por ele. “É melhor você ir encontrar a

sua esposa”, disse ela, “Sua filha está morrendo. A essa altura, ela pode até estar morta”. Meu pai correu até a igreja para agredir o pastor e levar minha irmã para o hospital. Ele achou um absurdo orar, quando na verdade ela precisava de um médico. Mas, quando ele entrou na casa do pastor e viu a condição da minha irmã, percebeu que já era tarde demais e se ajoelhou, totalmente quebrantado diante de Deus.

O pastor disse a minha mãe: “Não olhe mais para a sua filha, somente coloque seus olhos em Jesus e comece a buscar o Senhor”. Minha mãe – grávida de mim – levantou seu rosto para Deus e disse: “Senhor, se Tu devolveres a minha filha, entregarei a minha vida a Ti e Te servirei da maneira que o Senhor quiser”. Minha irmã foi curada instantaneamente. Ela começou a chorar, sentou-se, olhou ao redor e quis ir para casa. Meus pais a levaram completamente curada.

Algumas semanas depois, eu nasci e o médico anunciou: “É um menino”. Meu pai flutuava no corredor do hospital, gritando: “Louvado seja o Senhor! É um menino!” Naquele momento, minha mãe orou: “Obrigado, Senhor, por devolver a minha filha. E a minha promessa de servi-lo será cumprida por meio da vida do meu filho”.

Desde muito cedo, minha mãe começou a plantar a Palavra de Deus em meu coração. Enquanto me balançava no quintal, ela me ajudava a memorizar versículos bíblicos. Quando tinha quatro anos, ela me ensinou a ler usando a Bíblia. As palavras que não sabia pronunciar, eu soletrava. Mais tarde, ela relembrava por várias vezes que, apesar de eu não saber todas as letras, tentava o meu melhor para descrevê-las. Ela sorria ao se lembrar de que eu chamava a letra “v” de “cabana de cabeça para baixo”.

Aos sete anos, podia dizer o nome de todos os livros da Bíblia e também soletrá-los. Na hora de ir para cama, nunca ouvi contos de fada, somente histórias bíblicas. Em vez de “Cachinhos dourados e os três ursos”, cresci com Davi e Moisés. Minha mãe me ensinava que quando Deus está conosco não precisamos temer nada, nem ninguém. Quando Deus está presente, nenhum gigante pode se levantar contra você.

Não consigo me lembrar de nenhuma ocasião em que não tenha conhecido e amado a Deus. Por isso, não tenho um tipo de testemunho de conversão. Uma vez, fiz minha confissão pública e fui batizado, mas parece que desde o ventre da minha mãe fui separado para Deus e Sua Palavra.

Conforme crescia, decidi que queria seguir a carreira de neurocirurgião e, então, comecei a fazer cursos que me preparariam para essa profissão. Sempre que falava para minha mãe das minhas aspirações, ela apenas sorria e me encorajava. Ela nunca me contou do compromisso que assumiu para a minha vida quando nasci.

Durante minha adolescência, Deus mudou minha vida em um acampamento de verão, no qual fiz um compromisso com Jesus Cristo. Deus colocou em meu coração que a humanidade tinha necessidades muito maiores do que apenas físicas. Ministras sobre as necessidades físicas oferece apenas ajuda temporária, mas ministras sobre as necessidades espirituais ajuda as pessoas eternamente. Deus me chamou para ministras Sua cura ao espírito do homem.

Pensei que minha mãe ficaria extremamente desapontada quando soubesse que seu filho não seria mais médico. Esperava ombros e rostos caídos, quando anunciasse a minha família a mudança de direção da minha vida. Mas quando contei a minha mãe que senti Deus me chamando para o ministério e seminário, ela sorriu e disse: “Tudo bem, filho”. Fiquei espantado por ela não ter chorado nem entristecido.

Fui ao seminário, recebi meu treinamento, casei-me com a Kay e juntos começamos nosso ministério. Um pouco antes de minha mãe falecer, ela me contou a história da aparente morte da minha irmã e sua promessa a Deus, a qual seria cumprida por meu intermédio. Ela foi umas das pessoas mais lindas e fiéis a Deus que já conheci; uma mulher profundamente espiritual e um tremendo exemplo. Agora, posso olhar e ver que desde o ventre da minha mãe fui separado por Deus para o ministério que Ele tinha em mente para mim.

Você sabia que isso também se aplica a você? Se pela fé você confiou seu destino eterno nas mãos de amor de Jesus Cristo, você pode ter certeza de que Deus está trabalhando para moldar os acontecimentos e eventos da sua vida na forma de um lindo mosaico, o qual revela Seu Filho aos homens e às mulheres a sua volta. Suas mãos estão sobre você, da mesma maneira que sempre estiveram desde antes de você nascer.

Chamados pela graça

É importante lembrar que a mão de Deus está sobre nós pela graça. Todos nós fomos chamados pela graça. Como Paulo disse: “Mas Deus me separou desde o ventre materno e *me chamou por Sua graça*” (Gálatas 1:15, ênfase adicionada). Não mereço ser chamado a servir a Deus. Não mereço ser salvo. Não mereço ir para o céu. O que mereço é a parte mais quente do inferno.

Porém, não foi isso que Deus deu a mim ou ao restante de nós. Ele tem graciosamente planejado nossas vidas e dado a cada um de nós um trabalho especial para fazermos. Alguns são capazes de realizar o plano de Deus para suas vidas em um período de uma hora; outros são mais lentos e difíceis e, por isso, levarão uma vida inteira para alcançar o propósito de Deus. O Senhor tem um trabalho especial para cada um de nós e é necessário que todos estejam preparados para essa obra.

Lembre-se da pergunta de Mardoqueu a Ester: “Quem sabe se não foi para um momento como este que você chegou à posição de rainha?” (Ester 4:14). O maior propósito de Deus para a existência de Ester foi realizado em apenas alguns dias. Deus levantou-a, levou-a à corte persa e a fez esposa do rei Xerxes para que Ele, por meio de sua intercessão, pudesse poupar os judeus.

Deus tem um trabalho especial para cada um de nós e é necessário que estejamos preparados para isso. Muitos de nós passaremos a maior parte de nossas vidas em preparação antes do nosso dia chegar. Cumpriremos o propósito de Deus para a nossa vida e, então, partiremos. Seu objetivo para nós terá sido atingido.

Onde quer que estejamos, Deus tem um motivo para nos colocar lá. Ele tem Suas mãos sobre nossas vidas e sobre cada circunstância. Podemos passar por julgamentos difíceis, porém provações são necessárias. Deus quer desenvolver em nós as características que nos permitirão completar Seus planos.

O Senhor trabalha em cada um de nós. Somos sua criação, Seu poema, Sua obra-prima (leia Efésios 2:10). Deus trabalhará em cada um de nós de acordo com Sua graça para que terminemos a obra que Ele ordenou em Seu reino para Sua glória.

Cuidado com a armadilha

Satanás sabe que a mão de Deus está sobre nós e tentará usar nossas fraquezas e incapacidades para nos desencorajar. O diabo freqüentemente põe exigências absurdas sobre nós, fazendo-nos pensar que são de Deus e também nos faz lutar para atingirmos um nível de perfeição além da nossa capacidade.

Com as interferências de Satanás e seu jugo, muitas vezes caímos em desespero. Tornamo-nos extremamente desencorajados e queremos desistir. Sempre que tentamos atingir um padrão que Deus não estabeleceu para nós, nossos corações tornam-se pesados e os resultados podem ser trágicos.

Um jovem com uma deficiência física costumava freqüentar nossa igreja. Ao final de cada culto, ele fazia um esforço para vir falar comigo. Ele tinha uma grande dificuldade de falar, entretanto sempre admirei sua habilidade de se expressar. Também admirava sua inteligência. Suas perguntas eram boas e bem formuladas.

Ele era extremamente perturbado e um dia tentou jogar-se na frente de um carro em uma avenida muito movimentada, bem em frente à igreja. Ele foi levado ao escritório, oramos por ele e chamamos as autoridades. Tememos por sua segurança e achamos que deveria ser examinado por médicos. Ele, então, foi levado ao hospital, onde o examinaram e o liberaram.

Era claro que ele estava sob o peso da auto-condenação. “Chuck”, disse ele, “Eu não consigo parar de fumar”. Tentei dizer a ele para não se preocupar com isso – que o cigarro não fazia dele um cristão de segunda classe. No domingo seguinte, ele veio novamente à igreja e me contou que Deus tinha trabalhado nele. Disse que estava desfrutando de um compromisso real, porém eu pude perceber que ele ainda tinha problemas. Evidentemente, Satanás o acusava por causa da fraqueza de sua carne e o atormentava por sua deficiência física.

Um dia, este fardo de desânimo e condenação custou a esse jovem sua própria vida. Ele pulou de uma sacada muito alta de um hotel. Tudo porque ele permitiu que o inimigo usasse sua fraqueza para desencorajá-lo.

Se aquele jovem tivesse apenas aprendido que não podemos ser mais do que Deus nos permite ser. Nenhum de nós tem valor algum longe da obra do Espírito Santo de Deus em nossas vidas. Dessa maneira, não devemos nos preocupar, não devemos nos condenar nem nos repreender constantemente por nossas falhas. Devemos apenas admitir e reconhecer nossas fraquezas, e humildemente dizer: “Senhor, sei que sou fraco. Preciso de Tua ajuda. Entrego tudo a Ti e peço que faças por mim aquilo que eu não posso”. E Ele o fará.

Todos são bem-vindos

O corpo de Cristo é algo lindo. Todas as partes são vitais e igualmente importantes. Como seria estranho e sem utilidade se o corpo todo fosse uma boca! Deus tem-me feito a boca desse corpo, mas seguramente o corpo inteiro não é uma boca. Muitas partes do corpo são muito mais importantes do que a boca. Como é maravilhoso ver o corpo de Cristo funcionando como deveria, com pessoas de todos os estilos, de diferentes grupos e com diferentes histórias trabalhando juntas para servir a Deus em unidade!

Deus quer revelar Seu Filho em você, não importa de onde você veio, ou está, ou o que faz. Deixe Jesus Cristo brilhar em sua vida, atitudes, reações e respostas.

Costumávamos cantar um refrão na igreja: “Permita que a beleza de Jesus seja vista em mim, todo o Seu amor e pureza. Oh! Espírito divino, purifique toda minha natureza, até que a beleza de Jesus seja vista em mim”. Isso é mais do que uma bela canção ou uma oração maravilhosa. Deve ser o desejo de cada um de nossos corações. Assim como Davi orou: “Quanto a mim, feita a justiça, verei a tua face; quando despertar, ficarei satisfeito ao ver a tua semelhança” (Salmo 17:15).

Pelo Espírito, todos nós – o amoroso e o comum, o forte e o fraco, o brilhante e o lento – estamos sendo modificados à semelhança de Jesus. Juntos somos o objeto de Sua graça e juntos todos deveremos estar satisfeitos naquele

dia glorioso, quando acordarmos em Sua semelhança. É algo que não poderia acontecer de outra maneira!

4. O perfil da graça

Uma coisa é falar sobre graça de maneira abstrata, outra é descrevê-la. Se “uma imagem é digna de mil palavras”, que tipo de imagem é a da graça?

Talvez o que melhor retrate a graça, em toda a Bíblia, seja um personagem do Velho Testamento, citado por vários escritores do Novo: Abraão. Universalmente reconhecido como o pai daqueles que crêem, ele nos fornece um retrato claro do que é graça e o que ela faz.

Nas cartas aos Romanos e aos Gálatas, o apóstolo Paulo retorna a Abraão como o primeiro exemplo de um homem aceito por Deus com base em sua fé. Em Romanos 4:3, Paulo escreveu: “Que diz a Escritura? ‘Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça’”. O apóstolo usa o mesmo exemplo em Gálatas 3:6,7, quando relatou: “Ele creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça. Estejam certos, portanto, de que os que são da fé, estes é que são filhos de Abraão”.

Repassando a história

Gênesis 15 diz que Abraão e sua esposa Sara não podiam ter filhos. Porém, Deus lhes deu a promessa de que por sua semente todas as nações da terra seriam abençoadas. Apesar da improbabilidade, Abraão confiou em Deus. Gênesis 15:6 diz: “Abraão creu no Senhor, e isso lhe foi creditado como justiça”.

Com o passar dos anos, e nenhum bebê, Abraão e Sara começaram a duvidar se Deus cumpriria Sua promessa. Um dia, Sara tomou as rédeas da situação e sugeriu a Abraão que engravidasse sua criada, Hagar. Eles, então, criariam a criança como se fosse deles – é interessante ver que a ideia de “mãe de aluguel” não é tão moderna quanto gostamos de pensar. Hagar concebeu e deu a luz a um menino, a quem deram o nome de Ismael. Contudo, quando essa criança tinha 13 anos de idade, Deus repetiu Sua promessa a Abraão. Ele ainda tinha problemas em acreditar que Deus lhe daria um filho com Sara. Ele disse ao Senhor que a ideia era boa, mas por que não abençoar Ismael que já estava lá?

É muito encorajador perceber que Abraão, um homem que a Bíblia chama de “pai de todos os que crêem” (Romanos 4:11), teve dificuldades para acreditar que a promessa poderia se cumprir por meio da semente de Sara! Quando o Senhor repetiu Sua promessa de dar um filho a Sara, foi tão inacreditável, que ela riu. Anos depois, quando a promessa se cumpriu e Sara deu a luz, deram o nome ao seu filho de Isaque, que significa “riso”.

Conforme Isaque crescia, seu irmão mais velho, Ismael, se ressentia da atenção dada a ele, o filho da promessa. Durante a festa que celebrava o fato de Isaque ter sido desmamado, Ismael se manteve distante, rindo de seu irmão. Sara, ao observar essa atitude maldosa, exigiu que Abraão mandasse Hagar e seu filho embora. Ela afirmava que Ismael não teria nenhuma parte na herança destinada a Isaque.

Naturalmente, Abraão ficou arrasado com essa situação, mas Deus lhe assegurou que tomaria conta de Ismael. Era para Abraão dar ouvidos a Sara e expulsar a escrava e seu filho. Estava claro que eles não poderiam herdar a bênção prometida por Deus.

Explicando o conceito

Quando Paulo quis reforçar o conceito da justificação pela graça através da fé, levou seus leitores de volta a Abraão. Ele disse que a história de Abraão continha uma alegoria que poderia tornar seu argumento mais claro. Tradicionalmente, os rabinos do tempo de Paulo afirmavam que havia dois tipos de interpretação para cada passagem da Escritura. A primeira, chamada *peshat*, referia-se ao significado simples e óbvio do texto. Eles também diziam que havia um significado oculto em cada passagem (*remez*). Alguns rabinos insistiam na existência de dois tipos adicionais de interpretação: o *derash*, que envolvia alegorias e sentidos não-literais; e o *sod* (segredo), o qual escondia um significado alegórico. A desvantagem dessas complexas e freqüente controversas escolas de pensamento é que elas deixam uma pessoa de conhecimento médio confusa e em dúvida sobre a mensagem das Escrituras Sagradas.

Acredito que o melhor foco é o significado óbvio e simples do texto. Deus é perfeitamente capaz de dizer exatamente o que quer dizer. Porém, muitos têm abandonado o claro ensinamento da Bíblia por interpretações espiritualizadas e irrealistas das Escrituras. Sejamos francos: com espiritualidade suficiente, podemos pegar algo inocente como o conto infantil “*Old Mother Hubbard*” (A Vovó Hubbard, em tradução livre) e transformá-lo em um tremendo sermão. Podemos pensar nas profundas implicações espirituais desta senhora que foi até o armário para apanhar um osso para seu cachorro. Podemos imaginá-la presa em desolação, desânimo e no vazio da vida porque seu armário estava sem nada. Que dia trágico, quando percebemos que todas as nossas reservas se foram!

Com um pouco de imaginação, é possível criar um monte de doutrinas baseadas nesse conto infantil. A melhor prática é evitar interpretações alegóricas, a menos que a própria Bíblia forneça base para a alegoria. Naquele caso, pela inspiração do Espírito Santo, Paulo descreve uma aplicação alegórica tirada da vida de Abraão na qual podemos confiar:

“Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. O filho da escrava nasceu de modo natural, mas o filho da livre nasceu mediante promessa. Isto é usado aqui como uma ilustração; estas mulheres representam duas alianças. Uma aliança procede do monte Sinai e gera filhos para a escravidão: esta é Hagar. Hagar representa o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à atual cidade de Jerusalém, que está escravizada com os seus filhos. Mas a Jerusalém do alto é livre, e é a nossa mãe. Pois está escrito: ‘Regozije-se, ó estéril, você que nunca teve um filho; grite de alegria, você que nunca esteve em trabalho de parto; porque mais são os filhos da mulher abandonada do que os daquela que tem marido’. Vocês, irmãos, são filhos da promessa, como Isaque. Naquele tempo, o filho nascido de modo natural perseguiu o filho nascido segundo o Espírito. O mesmo acontece agora. Mas o que diz a Escritura? ‘Mande embora a escrava e o seu filho, porque o filho da escrava jamais será herdeiro com o filho da livre’. Portanto, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre” (Gálatas 4:22-31).

O significado da história

Paulo conta que esses eventos não são importantes somente no sentido puramente histórico, mas que eles também ilustram o empenho daqueles que tentam herdar as bênçãos de Deus pelas obras. Hagar e seu filho representam aqueles que tentam ser justos diante de Deus por cumprir a lei. Quando Abraão e Sara se desesperaram para ver o cumprimento da promessa, apegaram-se a seus próprios esforços, que trouxeram somente sofrimento e frustração. Como Ismael foi fruto da carne, ele serve como modelo daqueles que buscam ser abençoados pelo esforço humano. Isaque, por sua vez, é o filho da promessa, representando aqueles que herdarão as bênçãos de Deus pela fé.

Interessante! Assim como Ismael zombou de Isaque, os que hoje vivem sob o jugo da lei continuam a ridicularizar os que escolheram viver pela fé. Paulo sugere que as táticas de pressão dos judaizantes foram primeiramente representadas no conflito entre Ismael e Isaque. Da mesma maneira, foram expulsos os que, em seus dias, insistiam para que se aderisse à lei em busca de justificação. Em 70 d.C., esta alegoria se cumpriu com a destruição de Jerusalém pelas legiões romanas sob a liderança de Tito. Os mesmos judeus que perseguiram homens e mulheres de fé foram literalmente exilados.

Paulo contrasta o triste fim dos legalistas com o futuro maravilhoso dos filhos da fé. Citando Isaías, ele escreveu: “Regozije-se, ó estéril, você que nunca teve um filho; grite de alegria, você que nunca esteve em trabalho de parto; porque mais são os filhos da mulher abandonada do que os daquela que tem marido” (verso 27). Ele quis dizer que os fiéis, reunidos no reino por causa da fé, excederiam em número todos os que tentaram alcançar a Deus por suas obras.

Apenas aqui, a importância dessa alegoria é revelada: “Portanto, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre” (verso 31). Todos os que pertencem

a Cristo herdarão as bênçãos de Deus, que é o cumprimento de Sua promessa a Abraão, de que a partir de sua semente todas as nações da terra seriam abençoadas.

Temos sido abençoados pela semente de Abraão, Jesus Cristo. A liberdade, a promessa e as bênçãos de Deus pertencem a todos que buscam estar diante dele por meio da fé em Jesus Cristo. Como filhos da promessa e recebedores do amor incondicional de Deus, agora podemos desfrutar de uma maravilhosa segurança em nossa caminhada com Cristo.

Como este hino eloqüentemente diz: “Jesus tudo pagou. Devo tudo a Ele. O pecado deixou uma mancha carmesim, que Ele lavou e deixou branca como a neve”. Quando aparecermos diante do trono de Deus, ficaremos maravilhados por tudo o que Cristo tem feito por nós. Ao ver o poder das promessas de Deus, nenhum de nós dirá: “Por meio dos meus leais e determinados esforços alcancei esta glória”. Em vez disso, curvaremos nossas cabeças, transbordantes de alegria, e diremos: “Obrigado, Jesus. Tu fizeste tudo! Sabia que podias me salvar. Tinha certeza de que, por minhas boas obras, nunca poderia ter salvado a mim mesmo. Obrigado, Senhor”.

Uma pergunta-chave

Grande era a fé de Abraão! Mas a pergunta-chave é: quando foi que Deus o proclamou como justo – antes ou depois de ser circuncidado? Os falsos ensinares da Galácia diziam: “Você não pode ser justificado a menos que seja circuncidado”. Eles insistiam que o ritual era essencial à salvação.

Quando foi, então, que Deus imputou justiça pela fé a Abraão? Foi antes ou depois de ele ter recebido a circuncisão? Foi antes, não depois! Abraão foi creditado como justo antes de saber qualquer coisa sobre esse ritual. A declaração de que a justiça lhe foi imputada está em Gênesis 15, ao passo que a cerimônia de circuncisão só é apresentada dois capítulos à frente. A justiça foi imputada a Abraão no momento em que ele creu e confiou em Deus.

O mesmo se aplica a você e a mim. Ao crermos e confiarmos em Jesus Cristo, Deus credita justiça em nossa conta – não com base no que fizemos ou no que faremos, mas simplesmente com base em nossa crença em Jesus Cristo.

Por ser Cristo o Senhor dos céus, o Filho de Deus e meu Salvador, confiarei Nele. Quando faço isso, Deus diz de mim: “Justo!” Um dia, perguntaram a Jesus: “O que precisamos fazer para realizar as obras que Deus requer?” Jesus respondeu: ‘A obra de Deus é esta: crer naquele que Ele enviou’” (João 6:28,29). Se você quiser realizar a obra de Deus, creia em Jesus Cristo, pois essa é Sua obra, é isso que Deus requer de você.

Mas qual é a verdadeira fé?

É interessante que Tiago escreve uma epístola para repreender alguns cristãos e fazê-los andar e usa Abraão como modelo de fé. Sua preocupação em particular é mostrar que fé sem obras é morta (Tiago 2:26). Ele diz que a fé de Abraão o levou a fazer certas coisas e, por isso, Deus a reconheceu: “Você pode ver que tanto a fé como as obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfeiçoada pelas obras. Cumpriu-se assim a Escritura que diz: ‘Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça’, e ele foi chamado amigo de Deus” (Tiago 2:22-23).

Nossas ações devem estar em harmonia com o que cremos. Fé não é meramente o que dizemos, mas a demonstração do que fazemos.

Em outras palavras, a verdadeira fé é muito mais do que verbalização. A verdadeira fé leva a ações apropriadas. Se realmente acredito em algo, minhas ações corresponderão à minha crença. Posso discordar veementemente de alguma coisa, mas se minhas ações estiverem desalinhadas com o que acredito, então, minha crença será posta em dúvida.

Por exemplo, posso dizer que acredito que haverá uma grande quebra na bolsa de valores na segunda-feira. Todos os bancos estarão fechados e você não poderá sacar suas economias. Porém, se eu não for ao banco imediatamente e retirar todo o meu dinheiro, você poderá, com toda razão, dizer que eu mesmo não acredito no que acabei de falar.

Nossas ações devem estar em harmonia com o que acreditamos ou, então, nossa crença poderá ser questionada. Porque Abraão realmente acreditou que por meio de Isaque sua semente se espalharia por todo o mundo, foi capaz de levar seu filho ao topo do monte, colocá-lo sobre o altar e empunhar a faca. Ele estava prestes a cravá-la, porque acreditava na promessa de Deus, de que por meio de Isaque sua semente seria perpetuada (Isaque, naquela época, ainda não tinha filhos) e também porque queria obedecer a Deus. Ele sabia que se fosse necessário, Deus poderia ressuscitar Isaque dentre os mortos para cumprir Sua promessa (leia Hebreus 11:19). Esse episódio ilustra o quanto Abraão acreditava nas promessas de Deus.

E nós? Quanto acreditamos nas promessas de Deus? Muitos anos atrás, ouvi a história de um conhecido que ficou sem combustível no meio de uma nevasca e precisou pedir um pouco para seu vizinho. O rio que separava suas casas estava congelado. Então, ele ficou sobre seus joelhos e mãos, e começou a testar o gelo, como quem bate em uma porta, para determinar sua espessura. Assim, ele avançava vagorosamente pelo rio, esticando-se e batendo. Logo, suas mãos ficaram ensangüentadas. Ao alcançar o outro lado do rio, ouviu um barulho vindo de trás. Eram alguns cavalos correndo sobre o gelo.

Às vezes dizemos: “Eu acredito na promessa de Deus”, porém continuamos a bater para ter certeza de que Sua promessa nos irá agüentar e, por isso, avançamos muito devagar. “Sei que Deus disse que iria suprir todas as minhas necessidades”, dizemos, “mas não estou muito certo disso. Esta conta está para vencer – e ainda estou batendo para ver se vai me agüentar. Espero que Sua promessa me agüente!” Em contraste, outros se aventuram sobre as promessas de Deus. Estes aprenderam que Deus sempre cumpre Suas promessas, não importa quão ruim sejam as circunstâncias. Em algum momento, eles também devem ter testado a espessura do gelo – mas dia após dia descobriram que Deus é fiel. Em tempo, sua fé foi fortalecida e começaram a agir por ela. Todos nós agimos de acordo com nossas verdadeiras percepções.

A fé de Abraão foi demonstrada por suas ações. Se ele tivesse ficado sentado e discutido com Deus, não teria acreditado realmente. Imagine se ele tivesse dito: “Deus, não posso oferecer Isaque. Como assim, Senhor? Ele é meu filho. O Senhor prometeu que por meio dele as nações do mundo seriam abençoadas. Deus, não posso fazer isso”. Algumas pessoas pensam que simplesmente o fato de declararmos algo faz com que tenhamos fé. Mas fé não é simplesmente o que dizemos. Fé requer ação. Ela é demonstrada pelo que fazemos.

É por isso que Tiago, ao citar a mesma passagem do Velho Testamento, como fez Paulo, busca provar que fé sem obras é morta. Dizer que acreditamos em algo e mesmo assim não conseguir viver de acordo com essa crença é prova de que não temos uma fé verdadeira. A verdadeira fé é demonstrada por ações, em harmonia com a crença declarada. Abraão acreditou em Deus e demonstrou sua fé com ações que estavam de acordo com sua crença. Dessa forma, Deus considerou sua fé como justiça.

Abraão não foi justificado pelo que fez. Ele foi considerado justo porque acreditou. Seus atos estavam em harmonia com sua fé. Deus tomou a crença e lhe imputou justiça por sua fé.

Entendeu?

Isso não significa que nossas ações serão sempre perfeitas. Como filhos de Deus, que acreditam em Jesus Cristo, estamos numa guerra espiritual. Embora nossos espíritos estejam renovados em Cristo Jesus, ainda vivemos nessas habitações corruptíveis, que são nossos corpos. Meu corpo corrompido faz fortes exigências sobre mim. Acho que às vezes luto com minha própria carne para que eu não faça as coisas que realmente quero fazer. Às vezes, minhas atividades e ações são opostas a minha fé em Jesus Cristo.

Mas não posso viver nessa condição. Posso até tropeçar e cair, como todo mundo, mas não fico caído. O Espírito Santo não permite isso. Ele me desperta e me põe em pé novamente. Quando tropeço ou caio, Deus não pega o

apagador e apaga meu nome do livro da vida. Quando você está tentando ensinar seu filho ou filha a andar, seus tombos não fazem você gritar: “Sai daqui, moleque. Você não é meu filho, caindo desse jeito! Eu te renego”. Não, você segura seu filho e diz: “Está tudo bem. Tente novamente. Vem com o papai agora. Vamos lá! Vamos lá!” Você encoraja seu filho a tentar de novo e de novo.

Você é filho de Deus e Ele está tentando ajudá-lo a desenvolver seu caminhar com Ele. É confortante saber que quando tropeçamos ou caímos, Ele não nos abandona, não nos renega, não diz: “Porque você tropeçou, não lhe considero mais meu filho”. Pelo contrário, Ele nos levanta e limpa, dizendo: “Está tudo bem agora. Tente de novo”.

Os que são nascidos de Deus não podem viver em pecado. Não podemos praticar uma vida de pecado. Se praticamos, provamos que não cremos no que afirmamos. Abraão acreditou em Deus e suas ações seguiram sua crença.

Não significa que, após entregar sua vida a Deus, Abraão nunca mais vacilou na fé. Longe disso! Como num sanduíche, a declaração bíblica de fé de Abraão em Gênesis 15:6 está entre dois incidentes que descrevem grandes deslizamentos em sua fé. Os capítulos 12 e 20 de Gênesis contam como Abraão elaborou mentiras com a intenção de salvar sua própria pele, em vez de contar com Deus para mantê-lo seguro. Abraão pôde também ter sido um testador de gelo – mas essa não era a característica dominante da sua vida. Ele sofreu deslizamentos ocasionais, como todos nós sofremos, mas não ficou preso a eles. Ele viveu sua fé em um nível tão profundo que a Bíblia o chama de homem de fé.

Não foi por suas ações que Deus determinou sua justiça, mas ela foi determinada por sua fé. O mesmo aplica-se a nós. Nossa fé deve guiar-nos a uma vida de obediência e atitudes corretas, mas não é isso que nos dará uma posição justa diante de Deus. A justiça de Jesus Cristo é concedida a nós pela fé.

Pelo fato de crer em Deus e confiar em Jesus Cristo, torno-me um filho de Abraão. Transformo-me em um descendente dele e, assim, as promessas e as bênçãos da aliança que Deus fez com Abraão são minhas também.

Este evangelho da graça foi pregado há muito tempo por meio de Abraão. Sua vida é um retrato glorioso do que é graça e o que ela pode fazer. É muito mais bonito do que qualquer outra pintura exposta nos museus do Louvre, Prado ou Metropolitan. É o perfil maravilhoso do amor de Deus por um pecador que coloca sua completa confiança nele – e a melhor coisa sobre esse retrato é que também fazemos parte dele, com a palavra “abençoado” estampada em nossas testas.

5. Um passo por vez

Há alguns anos, um amigo muito próximo tinha uma empresa de entregas para mercearias. Em uma de suas rotas, conheceu a esposa do dono de uma pequena loja. Eles começaram a fazer brincadeiras um com o outro e, não demorou muito, estavam se encontrando regularmente para tomar café e conversar. Logo, pensaram estar apaixonados, abandonaram suas famílias e passaram a morar juntos. Foi quando sua esposa, que também era uma amiga querida, nos telefonou e pediu para que orássemos por ele.

Paralelo a isso, o pastor da igreja na qual nossos amigos freqüentavam foi visitá-los. O ministro contou que tivera uma visão com um carro funerário preto e que se ele não deixasse aquela mulher e voltasse para sua esposa, ele sairia carregado morto daquela sala. Essa aproximação opressiva só fez com que o homem ficasse mais nervoso e se entrincheirasse ainda mais em sua decisão imoral. Sua esposa, então, me ligou e perguntou se eu falaria com ele.

Concordei em ir e achei meu amigo vivendo em um apartamento muito pobre no pior lado da cidade. Quando vi seu pequeno e sujo lar, fiquei chocado por tudo o que ele havia perdido. Sua esposa e filhas eram pessoas lindas. Sua casa ficava numa área maravilhosa. Este homem vendeu sua alma por uma lasca de pão. Quando ele veio até a porta, um olhar de vergonha cobriu seu rosto. Ele era muito educado e me convidou a entrar e se sentar. Quando olhei para a nova vida do meu amigo, pensei: “Meu Deus! Como ele pôde ter desistido de tanto, por tão pouco?”

Meu coração estava arrasado, porque eu amava aquele homem. Ver onde ele havia caído acabou comigo. Não conseguia mais esconder meus sentimentos e, para minha vergonha, meus olhos começaram a lacrimejar. Estava tomado de tristeza e quando sua nova mulher saiu da cozinha, tudo o que pude fazer foi chorar. Finalmente, estava tão envergonhado que disse: “Sinto muito. Sei que vim para te ver, mas não tenho condições de falar nada agora”. Levantei-me, saí e fui para casa me sentindo um tolo. A mulher do meu amigo queria que eu o visitasse e fizesse um apelo pela reconciliação, e tudo o que fiz foi sentar e chorar.

Na manhã seguinte, recebi uma notícia por telefone que me deixou em choque. Meu amigo tinha voltado para sua esposa e filhas apenas horas depois da minha visita.

O que Deus usou para curar miraculosamente um relacionamento em pedaços? Com certeza não foi uma atitude do tipo “sou mais santo que você”. Seu Espírito criou em mim um espírito de humildade e contrição que levou a

uma feliz reconciliação. Achei que tivesse cometido um erro terrível, mas descobri que sempre que escolhemos andar no Espírito, Deus sente prazer em trabalhar poderosamente por meios impressionantes e inesperados.

Caminhar em Espírito é algo maravilhoso, o que não significa flutuarmos pela vida com uma auréola sobre nossas cabeças e um sorriso angelical no rosto. Podemos ser espirituais e ainda nos relacionar com pessoas sobre coisas terrenas. Alguns cristãos reagem tão fortemente contra a secularização da nossa cultura, que perdem a habilidade de se comunicar com seus amigos, parentes e vizinhos. Andar no Espírito não nos tira da realidade, mas nos permite agir nela com melhor efetividade.

Primeiro, o relacionamento

Uma vez, alguém disse: “O principal é manter o principal como principal”. Isso é muito importante no mundo espiritual! Apesar de andar no Espírito ser algo incrível, devemos ter em mente que esse não é nosso ponto de partida. O relacionamento sempre precede o comportamento.

Um grande exemplo desse princípio é encontrado na carta aos Efésios. Os três primeiros capítulos lidam com relacionamento. Somente o quarto capítulo começa assim: “Rogo-lhes que vivam de maneira digna da vocação que receberam”. O relacionamento vem primeiro porque determina os fundamentos para tudo o que se segue.

Se tentarmos caminhar sem estabelecer o relacionamento adequado, não teremos êxito. Caminhar requer que primeiro tenhamos equilíbrio. Isso é verdade inclusive no mundo físico. Antes que as crianças dêem seus primeiros passos, elas devem aprender a manter o equilíbrio quando estão sentadas. Então, dominam a arte de ficar em pé, tremem um pouco e somente depois disso desenvolvem a habilidade de andar.

No livro de Efésios, Paulo explica que quando compreendermos o que significa estar sentado com Cristo, começaremos a experimentar o poder de Deus, que, por sua vez, nos permitirá caminhar de maneira agradável a Ele. Definitivamente, aqui há uma progressão. Primeiro, devemos ter um relacionamento equilibrado com Deus, para, então, aprendermos a andar.

Durante algum tempo, todos nós vivemos de acordo com nossa carne, obedecendo seus desejos, assim como aos da mente, e, por isso, fomos afastados de Deus. Mas, quando Sua graça nos transforma, começamos a desfrutar de intimidade com o Senhor e continuamos a desfrutar dessa profunda intimidade ao permitir que o Espírito de Deus exerça controle sobre nossas vidas.

Vivendo o que cremos

Existem pessoas que afirmam ter um relacionamento com Deus, e atiram para todos os lados o correto vernáculo cristão e frases de efeito, mas que na verdade não andam com Ele de maneira prática. É crucial que vivamos aquilo que falamos. Nossas vidas devem ser consistentes com o chamado, as bênçãos e a profissão de fé que fazemos em relação ao nosso novo relacionamento com Deus. Nossa mente é o campo de batalha onde decidimos viver pelo Espírito ou para os desejos da carne.

A pergunta é: como gerenciamos isso? Como evitamos ser seduzidos pelo mundo? Paulo tem uma resposta em Gálatas 5:16: “Por isso digo: *Andem em Espírito*, e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne” (ênfase adicionada).

A palavra grega que está traduzida nessa passagem como “andar” é um termo usado para descrever a característica dominante da vida de alguém. Se uma pessoa tivesse a reputação de ser pão-duro, ela seria conhecida como alguém que “anda” em avareza. Se tivesse como características ser preocupada e prestativa, ela seria conhecida como alguém que “anda” em bondade.

Andar em Espírito significa permitir que o Espírito Santo exerça controle sobre nossas vidas. Todos os dias, nos é apresentada a opção de viver segundo o Espírito ou segundo os desejos da carne. Nossa mente é o campo de batalha onde será decidido qual delas predominará.

Ajuda muito lembrar que Deus projetou a mente humana para trabalhar de maneira muito parecida com a dos computadores. Um computador pode somente operar com o que foi programado nele. Do mesmo modo, nossas mentes estão sendo programadas diariamente. Se o que colocamos nela vem da carne, nossas vidas serão caracterizadas pela carne. Se começamos a programar nossas mentes segundo o Espírito, nossas vidas começarão a refletir as prioridades do Espírito.

Como é fácil cair na armadilha de fazer uma declaração ousada sobre nossa vida espiritual, quando nossa prioridade número um é satisfazer nossa carne! Seguramente, o poder que nossa natureza caída exerce sobre nós é um dos maiores problemas que enfrentamos. Como podemos ser livres da aparente e incontestável escravidão da carne?

A simples, porém, profunda resposta é: não lute contra a carne, fortaleça o Espírito! Não lute contra a escuridão, acenda a luz!

Para fazermos isso, devemos primeiro reconhecer que temos dois lados em nossa natureza: um espiritual e um carnal. Se quisermos andar no Espírito, devemos alimentar o homem espiritual. Todos nós sabemos o que significa

alimentar o lado físico da nossa natureza. Se não alimento meu corpo, ele não é nada sutil em me lembrar de suas necessidades.

Alguém uma vez me disse que depois de três dias de jejum, a fome vai embora. Porém, descobri que o contrário é verdadeiro. Com três dias de jejum, minha mente está ocupada, sonhando com os mais diversos e inimagináveis aromas. Isso é simplesmente o meu corpo de uma maneira enfática lembrando-me que suas necessidades devem ser atendidas e é por isso que o alimentamos. Fazemos exercícios e tomamos vitaminas, para que possamos crescer e estar fortes fisicamente.

Tornar-se forte no espírito requer um regime parecido. Devemos consumir regularmente o pão da vida, a Palavra de Deus.

Absorvendo a Palavra

É muito irônico que nosso consumo da Palavra seja freqüentemente a última prioridade da lista. “É claro que preciso passar mais tempo com a Palavra de Deus”, dizemos, “mas é que estou sem tempo agora”. Em essência, estamos jejuando no Espírito. Nosso lado espiritual é constantemente alimentado de forma irregular, convulsiva e não balanceada. Negligenciamos um estudo regular e sistemático da Palavra em detrimento de uma aproximação do tipo “vamos simplesmente abrir a Bíblia e ver o que chama a atenção”. Geralmente, não temos um hábito consistente em relação ao estudo bíblico ou crescimento pessoal. Acabamos obedientemente alimentando as áreas da nossa carne, e desprezamos as necessidades do espírito. Como resultado, o lado espiritual se torna fraco e a carne começa a dominar.

Se eu quero que meu lado espiritual seja forte, é óbvio que devo semear no meu espírito. Não posso semear na carne e esperar que de alguma forma eu tenha uma colheita espiritual. Para andar no Espírito, devo alimentar o espírito. Isso significa que devo ter como objetivo me aprofundar cada vez mais na Palavra de Deus. Jó disse: “Não me afastei dos mandamentos dos seus lábios; dei mais valor às palavras de sua boca do que ao meu pão de cada dia” (Jó 23:12). É essencial dar à Palavra de Deus a devida importância que Ela tem. Jesus afirmou que Suas palavras são espírito e vida. Portanto, passar um tempo regular e sistemático com a Palavra de Deus é vital se quisermos andar no Espírito.

Relacionando-se com Deus

Priorizar a oração é algo fundamental para experimentarmos as alegrias de andar no Espírito. Conforme nos animamos a nos relacionar com Deus, somos fortalecidos em espírito e tornamo-nos cada vez mais conscientes da presença

de Deus em tudo o que fazemos e em todas as situações com que nos deparamos. Andar no Espírito significa decidir que Deus é nossa constante companhia.

Estar atento à presença de Deus abre nosso entendimento para uma visão mais completa e elaborada do mundo. Estou convencido de que uma de nossas maiores carências é perceber mais e mais a presença de Deus em todos os momentos. Quando Paulo falou aos filósofos epicureus e estóicos em Atenas, como narrado em Atos 17, declarou que “Nele (Deus) vivemos, nos movemos e existimos” (verso 28).

Nossas vidas podem ser transformadas quando percebemos que Deus está conosco continuamente. Perder de vista essa realidade pode abrir a porta para um desastre espiritual. Quanto mais distante Deus está de nossa consciência, mais fortemente somos submergidos pelas coisas que alimentam e satisfazem nossa natureza caída. Quando tropeçamos e caímos, é possível apontarmos para muitos fatores externos a fim de explicar nosso comportamento, mas a raiz do nosso problema está em falharmos ao manter a presença de Deus em nossas mentes. A instrução de andar no Espírito significa que devemos propositalmente fazer de Deus a nossa companhia constante de viagem conforme avançamos pelo dia.

Quando andamos no Espírito, vivendo em constante atenção à presença de Deus, não precisamos mais que outros fiquem criticando e pregando sobre como devemos viver para estarmos de acordo com os padrões de Cristo. Nossa vida será revolucionada se mantivermos a proximidade e o amor de Deus em nossas mentes.

Tornando irritação em alegria

A nossa maneira de pensar, até sobre as coisas mais banais, muda radicalmente, quando permitimos que o Espírito Santo reine sobre nossas vidas. As circunstâncias externas podem até permanecer as mesmas, mas nossa atitude passa por uma transformação total, de maneira que passamos a encontrar prazer nas coisas que costumavam nos irritar.

Todos nós temos algumas tarefas que detestamos fazer. Passamos pelo clássico conflito de aproximação/evasão, sabendo que ao mesmo tempo que detestamos fazer, não fazê-las seria pior.

Detesto levar o lixo para fora. Contudo, eu sei que se não fizer isso, em breve haverá um odor horrível exalando da varanda, por isso, sujeito-me e faço o serviço. Preferiria mil vezes estar na companhia de um pote de sorvete de flocos, mas se negligenciar minha tarefa, em pouco tempo o fedor do lixo em decomposição se misturaria ao sabor do sorvete e de repente meu desejo por ele se derreteria.

Mesmo em algo tão comum como tarefas domésticas, eu tenho uma escolha. Posso ficar resmungando sobre como detesto recolher o lixo ou posso aproveitar o tempo gasto com o serviço e me relacionar com Deus. É possível louvá-lo assobiando uma canção de agradecimento e amor, enquanto levo o lixo até a calçada. Ao me aproximar de Deus, pego-me pensando menos sobre o lixo e mais sobre Sua graça. Posso realizar a tarefa mais detestável e não me abalar por isso, contanto que coloque minha mente nas coisas do Espírito.

Considere outro exemplo: esperar. Existem poucas coisas mais irritantes do que um farol vermelho quando se está com pressa, ainda mais sabendo que teremos de esperar por toda a seqüência dos sinais antes de nos movermos novamente.

Mas, em vez de ficar tenso, adquiri o costume de deixar minha Bíblia sobre o banco ao meu lado. Quando estou em um farol vermelho e sei que tenho algum tempo, começo a ler uma parte das Escrituras. O que sei é que em seguida o motorista de trás está buzinando para mim. O tempo passa muito rápido quando estou me alimentando da Palavra!

Andar no Espírito passa a ser uma experiência emocionante, quando aprendemos o que é estar em um relacionamento profundo com Deus. Tornamo-nos muito mais ligados às coisas de Deus – de Sua presença em nossos corações e às obras maravilhosas de Sua criação.

Quem está na direção?

Andar implica em movimento, pois quando caminhamos, nos movemos de um lugar para outro. Começamos em um local e terminamos em outro. Nosso destino depende da direção que tomamos.

De forma semelhante, andar no Espírito é o que nos move de um nível espiritual para outro. Movemo-nos de um nível de maturidade ao seguinte, quando ouvimos o Espírito e caminhamos na direção que Ele nos instrui – entretanto, é aqui que às vezes temos problemas.

Quando um pensamento ou uma inclinação vem a nossa mente, como podemos discernir se vem de Deus? As Escrituras dizem que Deus escreve Sua lei em nossos corações (Jeremias 31:33 e 2 Coríntios 3:3). Deus plantará uma ideia em meu espírito e meu espírito a comunicará ao meu intelecto. Isso é geralmente percebido como uma ideia, um pensamento, ou um momento de inspiração repentino. Deus nos dará um desejo como meio de comunicar Sua vontade para nossas vidas.

Infelizmente, também tenho desejos que vêm de minha natureza caída. Minha carne tem um jeito de injetar pensamentos e inclinações muito fortes em

minha mente. Algumas vezes, é difícil discernir se o pensamento veio de Deus ou da carne.

Algum tempo atrás, fiquei num dilema enquanto estava dirigindo para pregar na cidade de Ventura, na Califórnia. Era um dia espetacular e passou pela minha cabeça a ideia de sair da estrada principal e aproveitar a beleza da outra que seguia paralela ao mar. Ver as pessoas surfando e sentir a brisa do mar é algo tão prazeroso que suspeitei que o desejo fosse da minha própria carne, mas de qualquer forma decidi ceder.

Conforme as circunstâncias foram dando certo, percebi que Deus tinha planejado para que eu pegasse aquela estrada. Ao aproximar-me de Malibu, vi duas pessoas pedindo carona e senti-me inclinado a parar e apanhá-las. Conforme nossa viagem seguia rumo ao norte, tive a oportunidade de compartilhar com eles sobre Cristo.

Os dois ficaram em Ventura e, na noite seguinte, foram à igreja em que eu pregaria. Naquele dia, fizeram a confissão pública de fé em Cristo e desde então ficaram firmes naquela comunidade. Depois de toda essa experiência, pude olhar para trás e pensar: “Uau! Foi lindo! Deus me direcionou e o desejo que tive de tomar a outra estrada veio dele”.

Mas, freqüentemente, ainda é difícil determinar quando o Senhor está falando aos nossos corações. Muitas vezes, erroneamente, pensamos que Deus pode nos guiar somente de maneira mística ou dramática. “Com certeza, se Deus falar comigo”, pensamos, “o lugar vai se abalar, as luzes vão piscar e meu cabelo ficará todo arrepiado”. Deus nunca falou comigo desse jeito. Quando Ele fala comigo, fala ao meu espírito, que, por sua vez, passa a mensagem a minha consciência de uma maneira tão natural que é difícil discernir imediatamente se é verdadeiramente a voz de Deus.

Eu queria poder oferecer uma fórmula ou um simples teste em três passos para identificar a voz de Deus, mas se tal coisa existe, ainda não a descobri. Eu me esforço para distinguir a voz do Espírito e da minha carne, exatamente como você. Queria poder recomendar algum caminho à prova de falhas, de como ter certeza de que estamos ouvindo a Deus, mas infelizmente isso está além das minhas habilidades.

Mesmo assim, Deus não nos deixa em confusão. Ele enviou Seu Santo Espírito para habitar em nossos corações, não somente para nos guiar em situações específicas, mas também para nos levar ao entendimento da verdade revelada em Sua Palavra. Ele nunca nos conduzirá a algo contrário ao que já tenha declarado nas Escrituras.

Entendendo a Palavra

É interessante ver como algumas pessoas que ainda têm o que receber do Senhor acabam incrivelmente desencorajadas quando tentam ler a Bíblia. Elas sabem da grande influência que as Escrituras exerceram sobre a vida de milhões de pessoas e Seu impacto sobre a civilização ocidental e por isso querem entender o que Ela têm a dizer.

Constantemente, essas pessoas ficam confusas e irritadas, porque o significado da Bíblia as confunde. Isso não deve nos surpreender, pois a Bíblia mesma diz que o homem natural não entende as coisas do Espírito, e não pode entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente (1 Coríntios 2:14). Por outro lado, o homem espiritual entende todas as coisas, embora ele não seja compreendido pelos outros. Por causa do nosso relacionamento íntegro com Deus através de Cristo, Seu Espírito Santo agora pode revelar a verdade aos nossos corações e a Palavra de Deus se torna viva e compreensível para nós.

Esse sucessivo ministério de revelação do Espírito é vital. É impressionante como às vezes leio um capítulo da Bíblia e não entendo nada. Chego ao fim dele e digo: “O que eu acabei de ler mesmo?” Nesse momento, paro e oro: “Senhor, com certeza, esse capítulo tem algo a me dizer. Por favor, abra meu entendimento e permita que o Teu Espírito ministre a Tua Palavra para mim”. Então, ao reler o capítulo, fico maravilhado com a verdade que invade o meu coração.

Durante nossos cultos aos domingos de manhã, geralmente fazemos uma leitura responsiva no livro dos Salmos. Por volta do nosso terceiro culto, acabo vendo coisas no texto das Escrituras que não tinha me ocorrido na primeira hora. Normalmente, começo a ser ministrado em um dos versos de uma maneira poderosa e especial. Essa experiência de ser conduzido à verdade é a parte viva do que significa andar no Espírito.

Continue!

Entre a carne, o sistema falido desse mundo e o próprio Satanás, enfrentamos obstáculos reais ao crescimento espiritual. O conselho bíblico é para prosseguir a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus (leia Filipenses 3:14). Jesus disse: “Esforcem-se para entrar pela porta estreita” (Lucas 13:24). O termo grego que dá origem a palavra “esforçar-se” é *agonizomai*, do qual deriva a palavra em português “agonizar”. Não se engane. Não é fácil e nem natural andar no Espírito. Isso requer esforço genuíno, devoção e profunda concentração.

Não há mais como enfatizar que essa é uma escolha que cada um de nós deve fazer diariamente. Quando escolhemos andar no Espírito, os resultados práticos podem ser de tirar o fôlego. Desfrutaremos de profundidade e

consistência maravilhosas em nossa intimidade com Deus. Como observou o apóstolo João: “Se, porém, andarmos na luz, como Ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 João 1:7).

O que é especialmente excitante sobre o relacionamento com Deus é que quanto mais o experimentamos, mais o desejamos. Quanto mais somos pessoalmente tocados pela paz e satisfação de comunhão íntima com o Pai, mais difícil é viver sem essa experiência. Quando nos encontramos fora desse relacionamento um vazio interno nos chama de volta à oração e à Palavra.

Ao andarmos no Espírito, começamos a desfrutar dos enormes benefícios de um relacionamento próximo com Deus. Temos uma sensação consciente da alegria que flui dentro de nossos corações. Podemos assobiar ao enfrentarmos as responsabilidades chatas da vida, porque, mesmo em meio a um trabalho sujo, nossa alegria está no Senhor. Há uma sensação de paz, uma profundidade de entendimento, paciência, bondade, gentileza que vêm do andar no Espírito. Há força e poder para lidar com os desejos persistentes da carne. De repente, somos capazes de visualizar o todo e encontrar a sabedoria para tratar com nossa natureza caída de maneira realista e racional. Como Paulo resumiu: “A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz” (Romanos 8:6).

Como podemos falhar ao sermos atraídos de todo o coração à gloriosa e nova vida, a qual Deus nos oferece livremente em Sua graça? Uma vida fortalecida pelo Espírito com alegria, amor e paz fluindo através de nós – é exatamente o que desejamos de modo apaixonado.

Mas para experimentarmos esta bênção, temos de escolher andar no Espírito. Devemos buscar a Deus e pedir a Ele que plante em nossos corações um grande desejo por oração, de passar tempo com Sua Palavra e de ter intimidade com Jesus. Devemos orar pela graça de buscar primeiro o reino de Deus e Sua justiça. É aí, então, que conheceremos uma grande vitória sobre os nossos pecados mais constantes, e também quando o Espírito de Deus será capaz de nos usar de modo extraordinário. Mesmo quando tudo o que podemos fazer for nos debulhar em lágrimas.

6. Um pomar, não uma fábrica

Você já considerou a grande diferença entre “obras” e “frutos”? “Obras” sugere uma fábrica cheia de pressões, prazos e constante necessidade de produzir, já “frutos” dá a ideia de um pomar calmo e tranquilo, um lugar em que estamos inclinados a ficar e contemplar sua beleza, enquanto aproveitamos a companhia uns dos outros.

É importante percebermos que Deus não vem à Sua fábrica buscando produtos. Ele vem ao Seu pomar para desfrutar dos seus frutos. O evangelho da graça convida-nos a deixar para trás a poluição e a pressão de um tipo de vida fabril, baseada em obras e produzir os frutos que Deus deseja ver no jardim das nossas vidas.

O resultado natural do relacionamento

Gálatas 3:2-3 é uma passagem importante para aqueles que desejam viver de maneira que agrade a Deus. Paulo escreve: “Gostaria de saber apenas uma coisa: foi pela prática da Lei que vocês receberam o Espírito, ou pela fé naquilo que ouviram? Será que vocês são tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, querem agora se aperfeiçoar pelo esforço próprio?”

Note que o apóstolo está comparando duas coisas: o Espírito, que está relacionado a fé, e as obras, que estão relacionadas à carne.

Sempre que chegamos à área das obras, lidamos com a carne. Sempre que estamos na área do Espírito, lidamos com a fé. O Espírito e a fé estão relacionados, assim como as obras e a carne.

Alguém pode dizer: “Mas, Chuck, devemos fazer obras para o Senhor”. Não, não devemos. Não há nada que eu possa fazer em minha carne que agrade a Deus. Por outro lado, fé sempre dá frutos.

Se você está envolvido com obras, então você depende da carne. Mas se você anda pela fé com Jesus Cristo, o Espírito está frutificando em sua vida. Os frutos não são algo que você gera porque pensa que deve produzi-los; os frutos são o resultado natural do relacionamento com o Espírito.

Olhe para o delicioso fruto pendurado num pessegueiro. Os pêssegos não estão lá lutando e trabalhando dia-a-dia tentando amadurecer; tudo o que eles têm que fazer é ficar lá. Maturação é o produto natural do relacionamento; contanto que permaneçam lá, vão tornar-se doces frutos.

Isso também é verdade nas nossas próprias experiências. Se verdadeiramente permanecermos em Cristo – que é uma posição de fé – os frutos virão desse relacionamento. Se não há frutos na minha vida, então, o relacionamento deve ser questionado e até desafiado.

Por isso Paulo nos diz: “Examinem-se para ver se vocês estão na fé; provem-se a si mesmos. Não percebem que Cristo Jesus está em vocês? A não ser que tenham sido reprovados!” (2 Coríntios 13:5). Jesus disse que existem lobos com pele de cordeiro. Você pode parecer cristão, agir como cristão e falar como cristão – mas, vovozinha, que dentes grandes você tem! Você pode ter toda a aparência exterior de uma ovelha, mas na realidade ser um lobo.

Como saberemos, então, quem é quem? Jesus disse: “Pelos seus *frutos* vocês os reconhecerão” (Mateus 7:20 – ênfase adicionada).

Somos convocados a examinar nossas vidas para determinar que tipo de fruto estamos dando. Se o fruto é ruim, então, há algo errado com o nosso relacionamento, o que significa que existe algo errado com nossa fé. Um relacionamento vital de fé em Jesus Cristo dará frutos – inevitavelmente.

Nosso grande erro

Um de nossos grandes problemas é que tendemos a ser mais interessados no que fazemos do que no que somos, ao passo que Deus está mais interessado no que somos, do que no que fazemos. Ele procura frutos; nós tentamos produzir obras.

Tristemente, ao longo dos anos, todos temos ouvido coisas do tipo: “Você tem que fazer essas obras para o Senhor. Você tem que fazer aquela obra para Deus”. Somos sempre exortados e pressionados a produzir obras para o reino. Por isso, saímos por aí fazendo trabalhos para Deus, porque o pastor ou o conselho da igreja nos pediu.

Talvez seja convidando pessoas não-crentes para ir à igreja, quando Deus não nos chamou para ser aquele quem convida. Conheço algumas pessoas que ficam paralisadas ao visitar casas de desconhecidos. Quando vão a uma porta e batem, elas oram com fervor: “Senhor, por favor, não permita que estejam em casa”. Evangelismo de porta em porta não é natural para elas. É algo forçado, um trabalho da carne, com o qual logo se sentem mal. Essas pessoas não gostam de fazer esse trabalho e passam a ter dificuldades para caminhar. Aí, o líder do conselho telefona e diz: “Sentimos sua falta terça passada em nosso grupo de evangelismo noturno. Queremos ter certeza de que você estará lá na próxima vez”. Elas relutantemente respondem: “Tudo bem”. E o declínio continua.

É assim que você acaba sendo empurrado a um padrão para o qual Deus não o criou. Você é forçado a posições não naturais e começa a se irritar com seu serviço para Deus. Mas Ele não quer que você dê nada a Ele sobre o qual você irá reclamar. Deus não suporta “reclamação de crente”. É um insulto para Ele. Eu mesmo detesto quando as pessoas reclamam sobre algo que fizeram por mim. Isso me faz sentir estúpido e tolo. Seja como for, quem pediu que o fizessem?

Se existe algo que você não queira fazer, simplesmente não o faça. Não saia por aí realizando ações magnânimas para depois ficar se queixando e reclamando. Você estaria melhor se não tivesse feito nada.

Deixe a evangelização para aqueles que amam fazer isso. Há pessoas que ficam super animadas em falar com desconhecidos. Elas ficam entediadas por ficar em casa e mal podem esperar para conversar com pessoas que nunca conheceram. Essa é sua natureza, isso é natural para elas – e é isso o que importa.

Quando algo é espontâneo, está no domínio dos frutos. Mas quando é por pressão, está no domínio das obras. Deus sempre nos equipa para fazer qualquer coisa que Ele nos tenha chamado a fazer, e isso acontece naturalmente.

Muitas pessoas sentem-se como cristãos de segunda classe, porque não conseguem fazer o que outros fazem. Elas encontram um crente que diz: “Na semana passada, louvado seja o Senhor, testemunhei para cinco pessoas e todas elas aceitaram a Jesus”. “Puxa!”, pensa a pessoa que não tem o dom de evangelismo, “sou uma péssima testemunha para o Senhor. Não testemunhei a ninguém. Eu sou um fracasso”. Ela passa a se sentir culpada por não sair por aí pegando as pessoas pelo colarinho e perguntando se conhecem as quatro leis espirituais.

Por que existem pessoas tão efetivas em evangelismo? Porque isso é algo natural para elas. Deus as favoreceu e equipou para esse trabalho. Nem todo o mundo no corpo é a boca, entretanto, a boca não conseguiria operar efetivamente, a menos que houvesse um cérebro por trás e também pés para carregá-la para onde precisasse ir. Não devemos nos sentir culpados por não termos o mesmo ministério ou efetividade de outros. O corpo funciona como uma unidade e Deus é quem determina o lugar de cada um no corpo.

Deus quer que você faça o que Ele naturalmente o capacitou para fazer. Os frutos da vida cristã florescem naturalmente quando se permanece em Jesus Cristo, por sua fé Nele. Jesus disse: “Meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto” (João 15:8). Deus quer que você seja extremamente frutífero para Ele. Entretanto, tal fruto só brota quando se permanece em Cristo – e essa é uma posição de fé.

Não existe lugar para a fé carnal

Lemos no Evangelho de Mateus, que um dia muitas pessoas foram até Jesus contando todas as obras que haviam feito para Ele e o Mestre respondeu: “Nunca os conheci” (Mateus 7:23). O Senhor não reconhece obras da carne. Ele nunca as reconheceu.

Lembre-se do que Deus disse a Abraão: “Tome seu filho, seu único filho Isaque (...) e sacrifique-o ali como holocausto num dos montes que lhe indicarei” (Gênesis 22:2). O comentário de Deus soa um pouco estranho – afinal, Abraão tinha um outro filho, Ismael, que era, no mínimo, 14 anos mais velho que Isaque. O que Deus quis dizer com “tome seu filho, seu único filho”?

A resposta é: Ismael era uma obra da carne. Ele não era o filho da promessa. Não era o filho da fé. Ismael era um produto da carne. Deus se recusou a reconhecê-lo porque ele era uma obra da carne. Deus apenas reconheceu a obra do Espírito, Isaque, o filho da fé. Por isso, Ele disse a Abraão: “Tome seu filho, seu único filho, Isaque”.

Deus nunca reconhece ou recompensa as obras da nossa carne. Por outro lado, Ele zelosamente deseja que o fruto do Espírito seja uma característica crescente em nossas vidas.

O capítulo 15 de João explica como os crentes dão frutos. Jesus disse: “Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês. Nenhum ramo pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Vocês também não podem dar fruto, se não permanecerem em mim” (João 15:4). Jesus não colocou ênfase no que fazemos, mas no que somos. O que brota das nossas vidas é o resultado do nosso relacionamento com Ele. Não podemos ter um relacionamento correto e sincero com o Senhor sem frutificar. Se não houver fruto – “por seus frutos os conheceremos” –, é melhor reexaminarmos nosso relacionamento.

Os renegados inspetores de frutos

Deus fez uma obra maravilhosa em sua vida por meio de Seu Santo Espírito. Enquanto você ainda era um pecador, Deus o amou. E quando, por fé, você clamou por Ele, Ele o justificou de tudo o que você já havia feito de errado. Deus lhe deu um novo começo, apagou completamente o seu passado, como se ele nunca tivesse existido. É isso o que significa o termo “justificado”.

No momento em que você recebeu Cristo pela fé – antes que você ofertasse um centavo ou fizesse alguma coisa – Deus tirou todas as manchas que estavam sobre você e as destruiu. Por causa da sua simples fé em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador, Deus o justificou de todo o seu passado. Por causa da sua fé, Deus imputou a justiça de Jesus em sua conta. Seu relacionamento com Ele começou quando você creu.

Tudo isso é muito básico, mas, de alguma forma, com frequência nos esquecemos dessas coisas. Às vezes, cristãos criticam outros ou apontam o dedo e dizem: “Vocês sabem o que eles estão fazendo? Isso é terrível! Eles se dizem crentes, porém estão fazendo isso e aquilo. Não estão vivendo corretamente – eles até vão para a praia! Isso é terrível!”

O que esses cristãos estão fazendo? Eles estão se colocando como juízes. Tornaram-se os renegados inspetores de frutos. Estão julgando as qualidades do servo do outro. Paulo tinha algo a dizer sobre isso quando escreveu: “Quem é você para julgar o servo alheio? É para o seu senhor que ele está em pé ou cai” (Romanos 14:4).

É muito mais fácil agradar a Deus do que ao homem. Para agradar a Deus, precisamos somente crer e confiar nele. Este é o evangelho da graça.

Se você me servisse, eu poderia julgar o seu trabalho. Poderia dizer: “Você é um péssimo servo. Não sei por que ainda o mantenho aqui”. Se você estivesse fazendo algo que não me agradasse, eu lhe diria: “Olha, não gosto do jeito que você seca a louça. Você está guardando-a ainda molhada. Não gosto de pegar um copo do armário que ainda está úmido. É assim que os germes procriam. Agora, seque-os completamente”. Mas também poderia dizer: “Você é um servo maravilhoso. Você faz um ótimo trabalho! É um prazer tê-lo comigo!” Em ambos os casos, eu seria o juiz do seu serviço, não alguém de fora.

A verdade é que não sou seu senhor e não posso controlar o seu jeito de servir. Você deve se colocar em pé diante do seu próprio senhor e eu não posso julgar seu serviço. Não posso dizer: “Que péssimo servo você é”. Não tenho o direito de julgar seu serviço para Deus. É a que você serve e diante do seu senhor é que você está em pé ou cai. Paulo continua e diz: “O Senhor é capaz de o sustentar” (Romanos 14:4).

Não se preocupe com as pessoas que não conseguem enxergar como você se sairá. Descobri que é muito mais fácil agradar a Deus do que ao homem. É um exercício fútil tentar agradar a todo mundo. Mesmo que você consiga, alguém lhe acusará de ser um “agradador de homens”. É simplesmente impossível agradar todo mundo.

Lindo é o fato de não termos que agradar a todos, pois tudo o que temos de fazer é agradar a Deus. E o que devemos fazer para Lhe agradar? Apenas acreditar e confiar Nele. Não agradamos a Deus com nossas obras ou atividades. Agradamos-Lhe quando cremos e confiamos Nele. Este é o evangelho da graça.

É o meu prazer!

A fé agrada ao Senhor e dá origem ao relacionamento. O relacionamento, por sua vez, produz o fruto. Eu não fico sentado, sendo puro, santo, justo, sorrindo, sendo agradável e amoroso o dia todo. Tenho atividades para fazer, que não estão relacionadas às obras. É fantástico poder dizer: “Sabe, estou fazendo exatamente o que quero. Na verdade, faço o que amo!” Não é um trabalho, não é favor, é simplesmente algo que gosto.

Alguns anos atrás, quando servia em outra igreja, eu ia a convenções e encontrava alguns dos meus companheiros. Saíamos para jantar fora e eu lhes falava sobre textos bíblicos que o Senhor havia colocado em meu coração. “Ah, por favor, Smith! Assunto de trabalho?!”, eles diziam e mudavam de assunto. Eu respondia: “O que você quer dizer com ‘assunto de trabalho’? Isso é a minha vida! Não existe nada mais sobre o que eu queira falar. Não há nada mais interessante para se falar”. Quando você faz o que ama, não é trabalho. Você não está em uma loja. Não está trabalhando em uma fábrica. Sua atividade é fruto do relacionamento.

Quando o amor de Deus enche seu coração, tudo o que se quer é falar sobre Ele: Sua Palavra, Sua bondade e Seu amor. Você não sai por aí procurando elogios simplesmente porque tem feito o que gosta. Você não busca ser recompensado pelo que é natural em você (ainda que Deus lhe recompense pelo fruto que brotar de sua vida). Você o faz porque quer, porque é sua natureza fazê-lo, porque Deus colocou em seu coração. O fato é que você sente que vai morrer se não o fizer. “Pois o amor de Cristo nos constrange”, escreveu Paulo (2 Coríntios 5:14). “Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1 Coríntios 9:16).

Tenho certeza de que todos nós tivemos experiências semelhantes as de Jeremias, que foi espancado por declarar a Palavra do Senhor aos reis e ao povo de Israel. Em meio a essa situação, ele disse: “É isso mesmo. Acabou. Deus, eu peço as contas. Nunca mais me peça para falar em Seu nome novamente. Não vou mais fazer isso. Nunca mais coloque Sua palavra no meu coração. Senhor, acabou, eu me demito. Entendeu? É o fim, nunca mais falarei em Seu nome. O Senhor me trata desse jeito e ainda permite que eu seja espancado. O Senhor não toma conta de mim. Mas tudo bem. Acabou!” (leia Jeremias 20:7-9).

Jeremias estava nervoso, mas mesmo com toda sua fúria, logo confessou: “mas, se digo: ‘Não o mencionarei nem mais falarei em seu nome’, é como se um fogo ardesse em meu coração, um fogo dentro de mim. Estou exausto tentando contê-lo; já não posso mais!” (verso 9). Ele não pôde fazer nada, a não ser falar, ele tinha de falar. Ele não teve de se esforçar, como se fosse um trabalho. Na verdade, ele se esforçou para não falar, mas falou mesmo assim. Por quê? Porque era natural, aquilo era o fruto do seu relacionamento.

Reclamar não é fruto do Espírito

Deus não gerencia fábricas, Ele cultiva pomares. Ele não está interessado em suas obras, mas deseja apreciar seus frutos. Ele não quer que você dependa da sua própria carne, mas o chama para depender de Seu Espírito.

Como Paulo nos lembra, tendo começado no Espírito, não podemos ser aperfeiçoados pelo esforço próprio (leia Gálatas 3:3). Não podemos adicionar obras a nossa fé e melhorar o relacionamento, ainda que muitos se esforcem para fazer exatamente isso.

Por tantas vezes, as pessoas começam crendo no Senhor, amando o Senhor, servindo ao Senhor e tendo momentos gloriosos. A alegria do Espírito é deles. Então, alguns irmãos aparecem e começam a colocar conceitos pesados sobre eles. “Irmão, se você é realmente cristão, você precisa fazer isso. Como vocês estão praticando aquilo? Vocês se consideram cristãos? Mas vocês nem fazem isso!”. Eles passam a fazer exigências pesadas e, então, o cristianismo se torna um trabalho maçante. Deixa de ser natural e prazeroso, para ser uma obrigação, um serviço, um trabalho.

Quando aprenderemos? Não podemos aperfeiçoar a justiça que nos foi dada por Deus. Qualquer relacionamento que se baseie em obras, logo se torna um fardo e perdemos a alegria do nosso relacionamento com o Senhor. De repente, transforma-se numa imposição, numa obrigação, numa tarefa onerosa. Em pouco tempo, começamos a reclamar e a alegria do Senhor deixa o nosso caminhar. Não desfrutamos mais de liberdade, restando apenas trabalho sob um jugo de escravidão. Aí, pensamos: “É melhor eu orar hoje à noite, ou realmente estarei encrocado. Mas estou tão cansado. Não quero levantar da cama. Acho que vou ter que me levantar assim mesmo. Mas está tão frio!”

Tenho certeza que Deus diz: “Cale-se e vá dormir! Não venha me incomodar com esse tipo de humor. Quem foi que lhe pediu para orar?”

Você deve estar pensando: “Aquele que conseguir dominar este ensinamento será ministro do evangelho”. No entanto, há homens que nos fazem crer que ministram as coisas do Espírito através das obras da carne. Eles descreverão que é necessário muita consagração para ter o tipo de ministério que eles têm – grandes são os sacrifícios pessoais que uma pessoa deve fazer para ter tanto poder! Eles falarão de seu comprometimento, jejuns, consagrações e fazem parecer que suas obras lhes deram um nível espiritual que fez com que Deus confiasse a eles Seu poder. Eles dizem que Deus não pode confiar este poder a todos, mas eles o têm. De vez em quando, eles até dizem coisas como: “Fui até outro quarto, fechei a porta e disse: ‘Deus, não saia daqui até que me conceda Seu poder’. E fiquei lá, jejei e orei até que consegui”. Eles falam como se suas próprias obras de justiça lhes tivessem

conseguido o favor de Deus. Mas, não. Foi tudo apenas uma obra. E Deus nunca honrará ou reconhecerá uma obra da carne.

Paulo disse: “Será que foi inútil sofrerem tantas coisas? Se é que foi inútil! Aquele que lhes dá o seu Espírito e opera milagres entre vocês realiza essas coisas pela prática da Lei ou pela fé com a qual receberam a palavra?” (Gálatas 3:4-5). Um verdadeiro ministro oferece toda a glória ao Senhor. Jesus ensinou: “Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus” (Mateus 5:16).

Todos nós somos convidados

As obras de Deus não são alcançadas por causa da nossa justiça. São obtidas pela graça, por meio da fé. Isso significa que qualquer um de nós pode fazê-lo, você não tem que ser um tipo de instrumento especial e ungido.

Permita que sua vida seja um pomar, onde Deus possa ir e aproveitar o fruto que você produz ao permanecer em Cristo.

Tiago diz que Elias era humano como nós (leia Tiago 5:17). Ele ficou desmotivado, preocupado, nervoso e acabou explodindo. Mesmo assim, ele orou e não choveu por três anos. Elias não era um profeta super santo, não era místico, mas sim uma pessoa exatamente como nós, com os mesmos sentimentos – os mesmos desânimos. Entretanto, Deus o ouviu por causa da sua fé. Você tem o mesmo potencial. Tudo o que você precisa é crer no Senhor e confiar nele.

Uma vez que começamos no Espírito, devemos continuar no Espírito. Tendo começado na fé, devemos continuar na fé. Não retornemos às obras. Não deixe sua experiência cristã virar uma furada. Não se transforme em trabalhador de fábrica, mas deixe sua vida ser como um pomar, onde o Senhor pode vir e aproveitar o fruto que você produz ao permanecer em Cristo pela fé.

7. Credo para receber as bênçãos

Alguns erros permanecem. Considere o engano que fez a igreja de Gálatas tropeçar há dois mil anos. De certo modo, isso ainda continua forte nos dias de hoje. Apesar do que Paulo falou sobre o assunto, até agora muitos professores (pregadores) promovem a ideia de que o Espírito Santo é recebido pelas obras da lei. Como é trágico o fato de que a pedra de tropeço que nos impede de experimentar a plenitude das bênçãos e o poder de Deus seja uma doutrina surgida na própria igreja! Ouvimos que se quisermos que o Espírito Santo venha sobre nossas vidas, devemos purificar nossas atitudes. Devemos nos livrar de toda impureza para sermos dignos dessa bênção.

Embora tal ensinamento seja bastante sincero, ele está sinceramente errado. A essência dessa pregação é que devemos ser justificados pela nossa própria conduta e esforços, para que Deus seja condescendente e nos toque. Foi este mesmo ensinamento errôneo que me impediu de receber o melhor de Deus por tantos anos.

Fiel, mas frustrado

Cresci numa igreja Pentecostal e desejava muito o que era conhecido como batismo com o Espírito Santo. Fui a muitos cultos demorados e também acompanhei meu pai aos cultos para homens aos sábados à noite. Lá, esperava no Senhor e orava para que Deus enchesse minha vida com Seu poder.

Amava o Senhor profundamente e desejava todo o poder de Deus que pudesse obter. Mas havia algo no meu caminho. Por muitos anos, pensei que algum pecado escondido estava me impedindo de receber essa bênção. E estava – mas não era o tipo de pecado que imaginava. Meu problema não era desejos sexuais, ou ganância, ou algum vício. Meu problema era achar que minhas obras me justificavam.

Você pode achar estranho que alguém tão jovem pudesse ter problemas com orgulho espiritual, mas eu os tinha. Tinha as Escrituras memorizadas, podia recitar e soletrar os livros da Bíblia, citar capítulos inteiros da Palavra de Deus. Nunca fui a um show, nunca fumei um cigarro, nunca fui a danceterias. A igreja que frequentava ensinava que tudo isso era pecado, então, eu evitava essas práticas.

Muitas vezes, via o filho do pregador apanhando bitucas de cigarro para fumá-las, mas eu não fazia isso. Outros amigos da igreja costumavam ir a matinês todos os sábados, mas eu nunca fui. Eu queria ser santo.

Mas, então, o que havia de tão errado? Deus abençoava meus amigos, mesmo quando fumavam bitucas de cigarros! Eu dizia: “Senhor, Tu me

conheces e sabes que sou mais justo do que eles. Nunca pratiquei nenhum desses atos maus. Por que o Senhor os abençoa e não a mim?” Foi muito difícil.

Ficava pior quando ouvia as pessoas dando testemunho de como estavam esperando pelo derramamento do Espírito Santo. Enquanto esperavam em Deus, o Senhor lhes mostrava o maço de cigarros em seus bolsos. No momento em que tiravam os maços de cigarros e os colocavam sobre o altar, Deus, aparentemente, enchia-os com o Espírito Santo.

Eu tentava merecer a bênção de Deus, mas nunca era bom o suficiente. Nunca me ocorreu simplesmente de pedir fé a Ele.

Talvez meu problema fosse o fato de que nunca tive um pacote de cigarros em meu bolso para colocar sobre o altar. Então, mentalmente listava meus pecados daquela semana e pensava: “Senhor, eu fiquei bravo com meu irmão esta semana. Por favor, me perdoe por ter ficado bravo”. Então, esperava que Ele me enchesse com Seu Espírito, mas Ele não o fazia.

Por diversas vezes, ouvi pregadores dizerem: “Deus não encherá um vaso que não esteja limpo. Ele é o Espírito Santo, por isso, você deve ser um vaso santo”. Então, fazia o meu melhor para ser santo. Confessava a Deus tudo em que pensava (mesmo algumas coisas que nunca fiz, só para garantir).

Revirava o meu passado em minha consciência novamente. Entregava e tornava a entregar minha vida a Deus. Desisti de cada pequena atividade questionável que pude encontrar e sacrifiquei coisas preciosas que amava, tudo num esforço inútil de me tornar santo e justo o suficiente para que o Espírito de Deus preenchesse minha vida. Fiquei frustrado e reprimido em caminhar com Cristo.

Finalmente, em desespero, disse: “Tudo bem, Senhor, eu irei para a China como missionário. Por favor, encha-me com Seu Santo Espírito”. Ele não me encheu. Prometi ao Senhor que iria para a China, África, América do Sul e Índia. Contudo, Ele não o fez.

Durante todo aquele tempo, estava me esforçando para receber o revestimento do Espírito Santo por meio de obras, ao tornar-me justo por cumprir os padrões que estabeleci. Estava tentando receber o Espírito pelas obras da lei. Tentei todos os truques que sabia, sinceramente faminto e desejoso de ser cheio de Deus e receber Seus dons. Não sei quantas noites agonizei diante dele, perguntando por que Ele nunca me abençoou.

Estava convencido de que tinha de alcançar um determinado nível de justiça para que Deus me abençoasse. Acreditava que, no momento em que atingisse esse alto nível, o Espírito Santo me encheria. Mas ainda continuava perturbado pelo que via acontecer ao meu redor. Como podiam as pessoas saírem das

ruas, receber Jesus como Salvador fedendo a bebida e nicotina e serem batizadas imediatamente com o Espírito Santo? Contudo, elas o eram.

Não era justo. Eu andava com o Senhor, servia o há algum tempo e elas eram abençoadas e eu não! Não conseguia entender as discrepâncias de Deus. Era impossível harmonizar o ensinamento que tinha recebido com o que via acontecer.

Se pelo menos eu tivesse entendido a graça de Deus! Não teria esperado todos aqueles anos para receber o revestimento do Espírito Santo. Ao começar a ler e entender a Palavra de Deus, finalmente cheguei ao texto em que Paulo pergunta: “Foi pela prática da Lei que vocês receberam o Espírito, ou pela fé naquilo que ouviram?” (Gálatas 3:2). De repente, me dei conta de que essa era uma pergunta retórica. A resposta óbvia era que eles receberam o Espírito Santo pela fé naquilo que ouviram.

Fiquei pasmado. Nunca me ensinaram isso. Estava tentando me tornar santo e justo o suficiente, mas, é claro, nunca consegui ser bom o suficiente para merecer o revestimento do Espírito Santo. Nunca me ocorreu simplesmente de pedir por fé. Estava certo de que Deus precisava da minha ajuda.

Naquele dia, coloquei minha auto justiça de lado e simplesmente disse: “Senhor, vou receber agora de Ti o dom do Teu Santo Espírito”. E naquele exato momento o recebi. “Que estúpido!”, pensei, “Se soubesse ou tivesse sido ensinado, poderia tê-lo recebido anos atrás!”

Oh! Como perdi naqueles anos insípidos, por causa do ensinamento que enfatizava obediência às regras e costumes! Recebemos a plenitude, o preenchimento e o revestimento do Espírito Santo ao confiarmos e acreditarmos em Jesus Cristo como nosso Senhor e Salvador, não por manter alguns costumes externos. É por isso que repito sempre esta simples, porém, poderosa mensagem, enfatizando a graça, o amor, a misericórdia e a bondade de Deus para nós que somos pecadores e não merecedores..

Bênçãos pelas fé

Assim que comecei a entender a Palavra, vi que não era minha justiça ou habilidade de alcançar determinado nível de santidade que me fazia digno da bênção de Deus. Ele me abençoa quando simplesmente confio nele por Suas bênçãos. Quanto mais vivo, mais percebo o quanto não sou merecedor e digno do toque de Deus. Ele quer me abençoar não porque sou bom, santo e puro, mas porque essa é Sua natureza. Ele se regozija em abençoar Seus filhos.

Você sabia que há apenas uma coisa impedindo as bênçãos de Deus na sua vida? Elas não são retidas porque você não tem sido fiel nas devocionais desta semana, nem porque você falhou em alguma área. Todos falham. A única

coisa que impede as bênçãos de Deus na sua vida é a sua própria recusa em confiar Nele. As bênçãos de Deus estão disponíveis a qualquer um que simplesmente crê e confia Nele.

Não vá a Deus com base em sua própria justiça ou bondade. Você seria um tolo por querer roubar do Senhor a boa obra que Ele quer fazer em sua vida! Esta é a única atitude aceitável para Ele, quando você diz: “Sou um fracasso e não mereço isso, mas, por favor Senhor, siga adiante e me abençoe mesmo assim”.

Quando percebi que as bênçãos de Deus eram minhas por tão somente acreditar Nele, deste então, passei a experimentar Suas bênçãos. Tenho ganhado e recebido tanto de Deus, que é impossível registrar todas elas. Entrei em uma porta que nunca se fecha. Quando vinha em minha própria justiça, na maioria das vezes, a porta estava fechada. Agora, que vou a Deus com base em Seu amor, a porta nunca está fechada.

Deus sempre nos ama. Seu amor por nós não muda diariamente. Ele não nos ama mais hoje do que nos amou ontem. O amor de Deus não é assim. Seu amor por nós é constante, nunca se modifica. Seu amor por nós não está baseado em nós; está baseado Nele e em Sua natureza de amor.

Deus é amor e Ele o ama e continua amando-o mesmo quando você é um vil pecador. Mesmo quando você se rebelava contra Ele, sacudindo os punhos em Seu rosto, dizendo: “Te odeio, Deus!”. Ele o amou nessa fase e o ama agora. Porque Deus nos ama, Ele quer abençoar-nos. Suas bênçãos não dependem da nossa bondade ou justiça ou fidelidade. As bênçãos de Deus dependem somente do Seu desejo de nos abençoar. Nossa parte é simplesmente recebê-Lo e acreditar Nele para termos acesso as Suas bênçãos. Você se lembra da pergunta retórica de Paulo? “Foi pela prática da Lei que vocês receberam o Espírito, ou pela fé naquilo que ouviram?” Você tornou-se tão justo que Deus finalmente decidiu: “Bem, ele agora é justo o suficiente. Acho que vou enchê-lo”? Não! Não somos mais justos agora do que no primeiro dia em que cremos.

Você não pode imaginar as bênçãos e o poder que Deus está ansioso para lhe dar, se você tão somente crer e confiar Nele. Às vezes, somos tão parecidos com os tontos dos gálatas! Por que seríamos tão tolos de voltar a um relacionamento legalista, quando podemos nos relacionar com Deus em amor? Não seja tolo de ficar exigindo o que você acha que merece, porque você merece a morte. Todos nós a merecemos, pois todos pecamos.

Deus quer abençoá-lo porque o ama. Deus quer abençoar sua vida e a avenida para essa bênção é a sua fé.

Não pode ser comigo!

Alguns de vocês, ao ler isto, podem acreditar que Deus possivelmente não os pode abençoar porque vocês o desapontaram muito, ou porque são tão fracos, ou porque fizeram algo totalmente errado. Quem sabe você tem um problema crônico, um comportamento odioso, ou olhos errantes. Aí você se pergunta: “Como Deus pode me abençoar se grito com meus filhos? Como Deus pode me abençoar se sou tão corrompido? Como Deus pode me abençoar se sou isso ou aquilo?”. Seu problema é que você está buscando ser abençoado com base no seu próprio desempenho. Você está preso a um pensamento que diz: “Quando me tornar bom e perfeito, aí Ele pode me abençoar”. Mas isso está completamente errado!

Devemos colocar em nossa cabeça que Deus quer encher nossas vidas com o Espírito Santo no momento que dizemos: “Senhor, eu realmente desejo ter este poder e peço para que o Senhor me encha”.

Mas devo avisá-lo e isso é inegável, que, precisamente nessa hora, uma guerra espiritual pode surgir. Quando você ora pelo preenchimento de Deus, instantaneamente Satanás começa a jogar mentiras e acusações em sua mente. Ele vai distraí-lo e fazer você se sentir culpado e indigno. “O que você está fazendo, pedindo isso para Deus?”, ele desdenhará. “Você deveria se envergonhar de você mesmo! Você não tem direito nenhum! Olhe para você. Olhe para as coisas que já fez. Como Deus poderia enchê-lo com Seu Santo Espírito?”

Ironicamente, muitas vezes Satanás usará pessoas cristãs para lhe entregar essa mentira. Qualquer pessoa, em um passeio pela auto justiça, inevitavelmente lhe encherá de culpa. “Você sabe que a culpa é sua”, avisará, “Se você tivesse tido um pouco mais de fé! Se você fosse um pouco mais espiritual! Se você fosse um pouco mais como eu!”. Um pouquinho de bombardeamento espiritual e muitos de nós decidem desistir de tudo e dizemos: “Pode esquecer, Senhor”. Deus quer que você experimente Seu amor, Seu poder e Sua unção.

Que tragédia! Sei que não mereço as bênçãos de Deus, mas Ele não me abençoa porque eu mereço. Deus me abençoa com base no Seu amor e na Sua graça que foram dados a mim por meio de Cristo Jesus. Esta é a base da bênção – não a minha bondade, não a minha justiça e não a minha perfeição. Se pudéssemos apenas colocar isso em nossos frágeis cérebros, começaríamos a ser abençoados como nunca imaginamos.

As bênçãos estão lá e Deus quer abençoar você. Tudo o que você tem a fazer é simplesmente acreditar que Ele o fará, apesar de saber muito bem que não merece. As bênçãos não vêm por causa de suas obras; elas vêm por sua fé – porque você confia e acredita que Deus o abençoará.

Falhar na compreensão desta verdade é o porquê de muitas pessoas terem verdadeiros problemas com suas experiências cristãs. “Não sei por que Deus o abençoou – ele fuma charutos!”, alguém pode dizer. “Eu não faço isso. Porém, veja todas as bênção que ele recebe! Não consigo entender por que Deus abençoa pessoas que fumam charutos”. Mas, é claro, que as bênções de Deus não se baseiam no hábito de fumar. Elas estão baseadas em nossa fé, que Deus nos abençoa porque somos Seus filhos.

Deus quer abençoar Seu povo hoje. Os olhos do Senhor estão atentos sobre toda a terra para fortalecer aqueles que Lhe dedicam totalmente o coração (leia 2 Crônicas 16:9). Apenas incline seu coração para Deus, creia em Sua Palavra e confie que Ele fará o que promete. Diga: “Senhor, me abençoe agora”. E receba.

Sei que essa graça despreocupada é quase uma afronta para nós. Quando digo: “Oh, Senhor, derrama uma verdadeira bênção sobre mim. Eu realmente quero uma bênção fantástica esta noite”, minha mente protesta: “O que você quer dizer pedindo a Deus uma bênção? Lembre-se no que você estava pensando esta tarde. Como você pede a Deus para abençoá-lo?”

É tão difícil para nós rejeitarmos a ideia de que merecemos uma bênção! Simplesmente acreditar e esperar que Deus nos abençoe – apesar de termos fracassado e não merecermos – é extremamente difícil para nós. Mas quando finalmente superarmos essa barreira e aguardarmos que Deus nos abençoe simplesmente porque prometeu nos abençoar, não há nada que possa impedir Suas bênções de alcançarem nossas vidas.

As bênções de Abraão

E que bênções! As mesmas promessas que Deus prometeu a Abraão são nossas, porque somos filhos de Abraão. Veja apenas três das bênções prometidas:

- “Não tenha medo, Abrão! Eu sou o seu escudo; grande será a sua recompensa!” (Gênesis 15:1).
- “Eu o tornarei extremamente frutífero” (Gênesis 17:6).
- “Estabelecerei a minha aliança como aliança eterna entre mim e você e os seus futuros descendentes, para ser o seu Deus e o Deus dos seus descendentes” (Gênesis 17:7)

Todas essas bênções, e outras mais, são suas. Porque Deus o vê em Cristo, a justiça de Jesus é dada a você. É essa, e somente essa, a base pela qual Deus o abençoa inteira e completamente.

O evangelho da graça insiste que, mesmo que você não mereça, Deus quer que experimentemos Seu amor, Seu toque, Seu poder e Sua unção. Deus deu a

cada pessoa uma medida de fé. Exercite-a, use-a e ela se desenvolverá. Apenas creia, confie no Senhor e aguarde Deus abençoá-lo.

Nunca se esqueça de que a bênção do Espírito de Deus em nossas vidas não nos é concedida porque nos tornamos santos o suficiente para merecê-la. Ela vem a nós quando finalmente vemos a luz e simplesmente acreditamos que Deus cumpre Sua Palavra. Nossas obras de justiça não tiveram nada a ver com isso.

Os caminhos de Deus não mudaram nem um pouco. A bênção de Abraão vem para nós simplesmente por fé em nosso Senhor Jesus. Nossa parte é meramente crer Nele para sermos abençoados. Só o fato de pensar sobre isso, já é uma bênção.

8. A luta começa

Não faz muito tempo, recebi uma carta de um jovem que me contou sobre suas intensas lutas com a carne. Ele descreveu seu desencorajador histórico de derrota após derrota, quase fazendo eco à lamentação de Paulo: “Miserável homem que eu sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte?” (Romanos 7:24).

Foi fácil para eu me identificar com sua experiência. Todos nós sofremos tempos difíceis como esses em nossa caminhada com o Senhor. Embora desejemos uma vida que agrade a Deus, o poder da carne mostra-se muito forte e acabamos falhando.

Por toda a história da igreja, a humanidade tem buscado caminhos para conseguir controlar a carne. Houve um tempo em que muitos cristãos acreditavam que o único caminho para alcançar vitória era se trancar num quarto de um monastério. Eles se negavam a ter contato com qualquer pessoa ou coisa que lhes pudessem fazer tropeçar. Mas uma simples olhada nos diários que eles deixaram para trás mostra que a clausura não ajudou.

Jerônimo, o famoso teólogo da igreja primitiva, viveu por muitos anos em um pequeno quarto não maior que a cela de uma prisão. Seu único contato com o mundo exterior era uma janelinha minúscula pela qual era alimentado. Ele se fechou para tudo e para todos a fim de se dedicar totalmente ao estudo da Palavra de Deus, meditação e oração. Mas seus diários registram que o rigor do seu estilo de vida e a espessura das paredes que o cercavam não puderam manter pensamentos, imaginações e fantasias horríveis afastadas de sua mente enquanto estava sentado em seu pequeno e escuro cubículo.

Nossa ajuda não vem até que nos demos conta de que a resposta está muito além dos nossos próprios recursos. Clamar ao Senhor é o segredo da nossa libertação.

A carne é um inimigo terrivelmente forte. Alguns cristãos lutam uma batalha perdida contra a carne durante toda a sua caminhada com o Senhor. Eles se sentem como os israelitas que pereceram no deserto sem mesmo terem entrado na terra prometida.

Por que tais crentes nunca desfrutam da vitória de Deus? É simples: eles gastam suas energias tentando viver uma vida religiosa com suas próprias forças. Em vez de entregar suas vidas e lutas ao Senhor, continuam procurando por alguma técnica nova, algum método novo, algum programa para autojustificação, e nenhum deles funciona.

Enquanto tentarmos libertar a nós mesmos do “corpo desta morte”, buscando desesperadamente outro programa ou fórmula para guiar nossos esforços, certamente falharemos. Nosso socorro não vem até que percebamos que a resposta está muito além de nossos próprios recursos. Espantosamente, clamar ao Senhor na fraqueza é o segredo da nossa libertação.

Chega de programas de autoajuda

Nossa total impotência é algo difícil para muitos admitirem. Gostamos de pensar que somos fortes, hábeis, capazes de cuidar de nossos próprios assuntos. Quantas vezes já começamos algum tipo de programa de autoajuda, convencidos de que, se nos esforçarmos, poderíamos facilmente perder alguns quilos, ficar em forma ou eliminar algum mau hábito? Mas o triste é que, enquanto pensarmos que podemos mudar nossas vidas com nossas próprias forças, nunca conseguiremos.

Uma das grandes barreiras ao crescimento na vida cristã é a ideia de que podemos viver de forma agradável a Deus com base em nossas próprias forças. Se pensarmos que podemos fazer isso, tentaremos levar os créditos: “Viu? Acabar com aquele hábito não foi tão difícil! Sabia que era capaz!” Assim, não estamos dando a glória a Deus, mas escrevendo uma história de sucesso sendo nós mesmos as estrelas. Começamos a contar aos outros como nossa fórmula também funcionará com eles, e Deus é cada vez mais tirado de cena. Como era esperado, apesar de toda nossa confiança, o primeiro vento de desastre ou decepção faz toda nossa casa de cartas desmoronar a nossa volta.

Deus permitirá que continuemos com esses programas de autoajuda e autoaperfeiçoamento até que tenhamos tentado todos eles. Ele permitirá que gastemos nossas forças até que finalmente cheguemos a uma confissão honesta: “Eu não consigo. Não consigo ser justo por minhas próprias forças. Miserável homem que sou!” Tamanha honestidade é extremamente difícil para nós, porque nos força a admitir nosso fracasso e nossa própria incompetência e fraqueza. Detestamos chegar a essas conclusões porque elas rejeitam nosso orgulho.

Somente quando confessamos nossa absoluta impotência, é que encontramos esperança. Quando finalmente nos voltamos para a graça de Deus, o Senhor intervém e começa a fazer o que não conseguimos por nós mesmos. É quando nos encontramos em desespero, em um choro de desamparo e desesperança, que começamos a desfrutar da vitória real em Cristo.

Começa a luta

De certa maneira, o fato de uma batalha existir é um motivo de alegria. Se não tivéssemos sido vivificados espiritualmente por Deus, não haveria nenhum conflito. Se meu espírito ainda estivesse morto em transgressões e pecados, não estaria lutando com desejos maus. Eu mergulharia de cabeça e viveria segundo a carne. O fato de nos encontrarmos nesta batalha é uma forte evidência de que somos realmente filhos de Deus.

Estamos em um combate. Quem pode negar que há uma batalha cruel ocorrendo dentro de cada um de nós? Em Gálatas 5:17, o apóstolo Paulo diz: “Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam”.

Pedro conhecia tudo sobre lutas. Uma vez, o valente pescador gabou-se a Jesus, dizendo que, mesmo que todos os outros discípulos o abandonassem, ele não o abandonaria. No entanto, antes do final do dia, ele negou o seu Senhor por três vezes. Jesus estava certo em todo o tempo: o espírito está pronto, mas a carne é fraca.

Como Pedro, freqüentemente reagimos impulsivamente antes mesmo de ter o controle das nossas emoções. Queremos fazer certo, mas acabamos fazendo errado. Como escreveu Paulo: “Assim, encontro esta lei que atua em mim: Quando quero fazer o bem, o mal está junto a mim. No íntimo do meu ser tenho prazer na lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros” (Romanos 7:21-23).

Não podemos conhecer a vitória de Deus, se não percebermos que uma guerra está sendo constantemente travada dentro de nossos membros entre o Espírito Santo e a nossa carne. Esta não está morta. Embora comecemos a experimentar e desfrutar os benefícios do Espírito quando entregamos nossas vidas a Cristo, ainda que a natureza carnal tenha sido destronada, a batalha ainda não está terminada. Antes de nossa conversão, a carne aproveitava-se do domínio e controle de nossas vidas; e até que nossos corpos sejam redimidos, ela nunca desistirá de lutar para nos trazer de volta ao seu domínio.

Nossos desejos estão errados?

É importante, a essa altura, não cometermos o erro de pensar que os impulsos e desejos de nosso corpo em si mesmos são maus. Nossos desejos foram criados por Deus e são absolutamente necessários para manter a vida.

O mais forte dos desejos carnis é o de respirar. Não há nada de errado com isso, mas é possível distorcer sua função natural e inalar cocaína. Ao fazer

isso, pegamos uma função natural dada por Deus e a corrompemos para um propósito não natural, que é o que a Bíblia chama de “pecado”.

Em segundo lugar, está o desejo do nosso corpo de se manter umedecido. Não há nada de errado em sentirmos sede, até que decidimos saciá-la numa mesa de bar, bebendo até não conseguir enxergar direito. Mais uma vez, pegamos uma função natural e a usamos para outro propósito para o qual Deus não a criou.

O próximo impulso é a fome. Não há nada de mal em nos alimentarmos, até que não consigamos mais nos controlar, e o ato de comer começa a afetar nossa saúde. Normalmente associamos nosso desejo natural por comida com glotonaria. Entretanto, igualmente prejudicial é a obsessão de alguns por ser magros. Eles vivem para contar calorias e se exercitarem compulsivamente. Isso também é pecado.

O desejo sexual foi criado por Deus, não somente para procriação, mas também como uma bela expressão de amor mútuo entre marido e mulher. No entanto, quando pegamos esse desejo e o tornamos em um brinquedo de prazer, o amor deixa de ser o foco e o sexo torna-se pecado.

Você percebe que quando esses desejos, dados por Deus com tanta beleza, são distorcidos por razões egoístas, inicia-se uma guerra contra o Espírito? Todas essas necessidades do nosso corpo foram dadas por Deus, mas Ele nunca pretendeu que nenhuma delas governasse sobre nós. Elas são uma parte essencial da vida, mas Deus não as projetou para nos dominarem.

Jesus diz que se tudo o que pensamos for o que comer, beber ou vestir, então, não há diferença entre nós e os pagãos (leia Mateus 6:31-32). Uma pessoa que não conhece a Deus não pode fazer nada a não ser perseguir os desejos do corpo. Mas nós, cristãos, sabemos que a vida é mais do que comida e que o corpo, mais do que roupa. Os desejos da nossa carne são apropriados e estão no lugar certo, mas nunca foram feitos por Deus para reinar sobre nós. Porém, em nosso estado falido, os apetites do nosso corpo realmente buscam governar nossas vidas. É aí que a luta começa.

O plano de batalha do Mestre

Neste momento, surge uma pergunta: Como devemos lidar com a carne? Deus já fez uma provisão para a carne e Ele a chama de “cruz”.

Não tente redimir a carne, vesti-la com enfeites espirituais ou consertá-la. Ela não é remível. Ela deve ser crucificada. Paulo afirmou: “Pois sabemos que o nosso velho homem [a velha natureza dominada pela carne] foi crucificado com Ele, para que o corpo do pecado [nossa natureza caída que quer dominar] seja destruído, e não mais sejamos escravos do pecado” (Romanos 6:6).

A receita bíblica para resolver o conflito entre a carne e o Espírito não é disciplina pessoal ou autocontrole, mas é o poder do Santo Espírito.

Nosso trabalho é reconhecer isso como verdade. Se os desejos da carne não fossem um fator ainda presente em nossas vidas, não precisaríamos pensar que a velha natureza morreu com Cristo. Sempre que encontramos uma área ainda controlada pela carne, precisamos honestamente reconhecer que a batalha da carne e do Espírito permanece em nós. Então, precisamos trazer a específica área de fraqueza à cruz e considerá-la crucificada.

No entanto, esse é apenas o primeiro passo! A receita bíblica para resolver o conflito entre a carne e o Espírito não é disciplina pessoal ou autocontrole. O poder sobre a carne somente vem por meio de uma vida controlada pelo Espírito. Embora esse conflito permaneça enquanto vivermos nesses corpos, Deus nos dá os recursos para a vitória espiritual. Quando permitimos que o Espírito de Deus controle e trabalhe fortemente em nossas vidas, podemos triunfar sobre nossa natureza caída.

Qualquer tentativa de santificação feita por nós mesmos é, por definição, um esforço carnal. Quando Paulo chegou ao desespero e gritou: “Miserável homem que eu sou!” Ele não perguntou: “Como posso encontrar uma estratégia para melhorar na próxima vez? Como posso me esforçar mais para conseguir resultados mais satisfatórios?” Paulo já tinha passado por essa estrada da futilidade. Ele percebeu que o poder para viver uma vida cristã não estava nele. Ele viu que precisava de um Libertador e por isso clamou: “Quem me libertará?”

Quando Jesus vivifica nosso espírito, Ele também nos dá um novo conjunto de desejos. Passamos a desejar um relacionamento íntimo com Deus, compreensão e conhecimento mais profundos da Sua Palavra e uma comunhão mais próxima com outros que estão vivos em Cristo Jesus. Não desejamos mais viver segundo a carne porque percebemos que o fim é frustração e morte. Viver para a carne sempre nos força a buscar algo mais, algo além do nosso alcance, algo que finalmente traga a sensação duradoura de satisfação. Porém, essa satisfação prometida sempre nos engana.

Por outro lado, ao vivermos pelo Espírito, descobrimos uma paz que o mundo não consegue entender. A luta sem fim – o dolorido vazio – vai embora e descobrimos uma maravilhosa sensação de sentido e propósito. A carne passa a não ter mais a sedução que já teve e a batalha dentro de nós é vencida.

Jogos espirituais da mente

Quer gostemos ou não, quer admitamos ou não, há um tipo de lei perversa que trabalha dentro de nós e sempre que queremos fazer o bem, o mal também está presente. Paulo acertadamente descreve o confuso e freqüente conflito que faz parte das nossas vidas: “Não entendo o que faço. Pois não faço o que

desejo, mas o que odeio. E, se faço o que não desejo, admito que a lei é boa. Neste caso, não sou mais eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim” (Romanos 7:15-17).

Considere como lidamos com um dos mais simples e diretos mandamentos das Escrituras. Jesus disse a João: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros” (João 13:34). E mais tarde, João fala que se dizemos que amamos a Deus, mas odiamos nosso irmão, somos mentirosos (1 João 4:20). “Se não conseguimos amar nosso vizinho, a quem vemos”, João pergunta: “como podemos amar a Deus a quem não vemos?”

Compreenda o problema: uma vez que a Bíblia tão claramente proíbe o ódio, às vezes tentamos amenizar o assunto, dizendo: “Bem, eu não o odeio, apenas odeio as coisas imundas que ele faz”. Mas se formos honestos, devemos admitir que é terrivelmente difícil separar um indivíduo de suas ações. Eu, por exemplo, tenho dificuldades em fazer uma distinção tão tênue como essa. Não odeio somente o que o homem perverso faz, mas a ele também. Se ouço que algo desagradável aconteceu a ele – como se alguém amassou seu carro novo em um acidente –, secretamente fico feliz. Sei que a Bíblia diz que minha atitude deveria ser diferente, mas, honestamente, não é.

Freqüentemente, acabamos brincando com jogos psicológicos para convencer a nós mesmos que estamos realmente obedecendo a Deus e amando aqueles que são desagradáveis. Se tentarmos com dedicação, podemos nos convencer que realmente somos capazes de amar e perdoar. No entanto, a verdade de nosso interior se torna clara quando aquela pessoa difícil chega, dá um tapinha nas nossas costas e em voz alta fala para todos ouvirem: “Puxa, irmão, acho que você não teve tempo de usar desodorante hoje!” Nossa primeira reação é pensar: “Seu idiota! Agora, todo mundo está se virando e olhando para mim. Por que você não cai morto, seu chato?!” Realmente queremos amar essa pessoa, mas nossa carne não permite!

Como Paulo, encontramos uma lei irônica trabalhando em nós. Sempre que queremos fazer o bem, o mal está presente. Acabamos ficando frustrados conosco mesmos, insatisfeitos com nossas falhas e sobrecarregados com o desânimo. Sentimos uma profunda sensação de derrota espiritual e junto com Paulo gritamos: “Miserável homem que eu sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte?”

Sem motivos para gabar-se

Somente quando admitimos que somos incapazes de nos libertar da lei do pecado e da morte é que as portas podem se abrir para o glorioso poder de Deus trabalhar em nós e fazer o que somos incapazes de fazer. Como o poder de Deus nos transforma de dentro para fora, tudo o que podemos fazer é agradecer e glorificar a Deus. Somos incapazes de dizer a outros: “Eu

costumava me envolver com o pecado, mas um dia decidi que Jesus não gostava disso, então, juntei minha força de vontade e disciplina e decidi que não faria mais aquelas coisas”. Não há espaço para nos gabarmos por sermos pessoas com autocontrole ou gentis. As Escrituras declaram: “Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gálatas 6:14).

Você já se deparou com pessoas que pareciam ser mais espirituais do que realmente eram? A falta de sinceridade dessas pessoas fica clara quando alguém fala em luta espiritual. Se uma pessoa admite ter um conflito com a carne, aquelas “espirituais” imediatamente põem uma expressão de justos e santos em suas faces. Sem dizer nenhuma palavra, elas comunicam que lutar com a carne é uma anomalia para um cristão. “Olha, se você orasse mais, passasse mais tempo com a Palavra e fosse mais espiritual (como nós), você não teria nenhum problema com a sua carne”.

Enquanto tais atitudes de super perfeccionismo espiritual são muito comuns, elas não estão alinhadas com o claro ensinamento das Escrituras. Enquanto vivemos sobre a face da terra, não creio que experimentaremos um momento em que não teremos problemas com estes corpos carnis. Sei por longa experiência que minha carne pode ser tão problemática como sempre foi.

Por exemplo, quando Deus revela a mim uma área da carne que Ele quer mudar, sempre começo com a melhor das intenções. Percebo a feiúra do meu pecado e prometo que nunca mais vou cometê-lo. Então, desenvolvo várias técnicas e estratégias para lidar com o problema. Busco todos os tipos de conselho sobre como tratar de maneira prática essa situação. Mas, cedo ou tarde, vejo todos os meus melhores planos desabarem. Fico tão frustrado que clamo: “Deus, me ajude!” E Ele surpreendentemente me socorre. Seu Espírito miraculosamente começa a transformar minha vida.

Ao transbordar de gratidão, percebo como o caminho de transformação de Deus é tão maravilhosamente simples e muito melhor do que meus enganosos esforços. Balanço a cabeça e digo: “Quando entenderei este simples conceito da graça?” Como pude imaginar que, de alguma maneira, poderia fazer algo que valesse a pena e provar para Deus que não sou um total miserável? No entanto, eu realmente penso assim.

Deus nunca quis que a carne nos dominasse e providenciou os recursos e o poder para experimentarmos a vitória. Mas, enquanto estivermos comprometidos em tentar resolver nossas próprias lutas, até mesmo os melhores esforços atrapalham. Qualquer tentativa religiosa que parta de nossa própria força é obra da carne e é tão detestável aos olhos de Deus quanto o próprio problema. Quando a nossa vitória vem somente pela intervenção de Deus, fora de nossos recursos, o resultado final é glória e louvor a Deus.

Uma armadilha a se evitar

Naqueles momentos em que nos sentimos perto do Senhor, somos levados a dizer: “Isso é tão lindo! Nunca mais vou viver pela carne, pois é sem sentido e vazio!” Infelizmente, o amanhã chega e nos esquecemos de todas as nossas boas intenções. Ao nos arrastarmos para a cama no fim de um longo e frustrante dia, de repente percebemos que apesar de nossos melhores esforços, desviamos-nos, fizemos nossas próprias coisas e fomos controlados pela carne. Para nossa surpresa, nossa carne toma as rédeas novamente e nos encontramos fazendo o que prometemos que não faríamos mais.

É nesse momento que freqüentemente cometemos nosso maior erro. Começamos a nos culpar, condenar e prometer que nos esforçaremos mais da próxima vez. Você entende o problema? Assim que fazemos essas promessas, decidimos depositar confiança na nossa carne. Na verdade, estamos dizendo que nossos próprios esforços nos tornarão espiritualmente fortes, quando na verdade voltamos novamente ao domínio da carne. Como Pedro, dizemos: “Eu nunca te negarei!”

Muitos de nós ficamos profundamente frustrados quando parece que estamos lutando as mesmas batalhas repetidamente. Mas isso não deveria nos surpreender. Todos nós atravessamos uma sequência em que, primeiro, devemos chegar ao fim da nossa esperança e entender que não conseguimos, de acordo com nossas próprias forças, viver de uma maneira que agrade a Deus. Clamamos a Deus em desespero e Ele nos alcança com sua graciosa libertação.

De dentro para fora

Em Sua graça, Deus tornou possível desfrutarmos de vitórias consistentes. Apesar disso, a batalha nunca cessa. Cada dia é apresentada a escolha que cada um de nós deve fazer. Viveremos para os desejos da carne ou nos renderemos ao poder transformador do Espírito Santo?

Como é glorioso chegar ao fim de nossos recursos e ver Deus transformar nossas vidas por Sua graça! Nosso único motivo de orgulho como cristãos está no trabalho consumado de Jesus Cristo a nosso favor. Se não fosse pela cruz, estaríamos todos perdidos e sem esperança para sempre. Mas por causa do grande amor de Deus, nós, que estávamos perdidos, fomos salvos e batizados em Cristo.

Agora, podemos ter um relacionamento maravilhoso com Deus porque não somos mais nós que vivemos, mas Cristo vive em nós. A vida que agora vivemos é pela fé no Filho de Deus, que nos amou e se entregou por nós. Por causa da graça de Deus, cada um de nós é nova criatura em Cristo Jesus. As coisas velhas passaram e tudo se fez novo!

Quando nos tornamos filhos de Deus, nosso lado espiritual ganha vida. De repente, entendemos que há algo mais na vida do que obedecer aos instintos da carne. Compreendemos que a fome interior que nossa carne nunca pôde satisfazer pode ser saciada num relacionamento de amor com Deus. Quanto mais conhecemos o Senhor, mais experimentamos da Sua paz e alegria, e descobrimos que o nível de satisfação que encontramos no Espírito não tem limites e vai além da pequena área de alcance da carne.

Como é gratificante quando deixamos para trás nossos fúteis esforços e permitimos que o Espírito trabalhe! Sua vitória vem de dentro para fora, não de fora para dentro, e é este tipo de vitória que permanece.

9. Realmente livres

Não há ninguém no mundo que seja tão livre quanto os que crêem em Jesus Cristo. Como Paulo disse: “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão” (Gálatas 5:1).

Liberdade significa um estado de livre ação moral – a capacidade de fazer escolhas reais na vida. Enquanto podemos dizer que os cristãos são realmente livres, não é correto usar essa expressão para descrever um pecador, que tem somente uma escolha – colocar sua fé em Jesus. Ele está em tamanha escravidão em sua carne, que não consegue parar o que está fazendo.

Hoje, muitas pessoas fazem coisas más sem saber porque as fazem. Elas dizem: “Eu odeio isso. Não quero mais fazer aquilo. Não entendo porque eu faço tal coisa. Eu me odeio por fazer isso, mas faço assim mesmo”. Elas estão presas e impedidas por um poder – o poder de Satanás.

Antes de virmos a Cristo, todos nós éramos filhos da ira e todo o nosso modo de vida era usado na tentativa de saciar os desejos da carne e da mente (leia Efésios 2:3). Nossa única opção era escolher que tipo de cativo queríamos. Não éramos indivíduos moralmente livres porque não tínhamos capacidade de abandonar o pecado. Podíamos trocar uma forma de pecado por outra, mas éramos incapazes de viver com justiça. Não há liberdade numa terrível situação como essa.

Para nos mantermos livres, não devemos exercitar nossa liberdade em nenhuma área que nos traga de volta à escravidão.

Que contraste com a gloriosa liberdade que nos foi dada em Cristo Jesus! Como recebedores do amor e do perdão de Deus, foi-nos dada a liberdade sobre a dominação de nossa carne. Não temos mais que viver como escravos de nossos desejos carnis. Foi-nos dada a capacidade de desviarmo-nos do pecado para servir e adorar a Deus. Fomos libertos das correntes da escuridão que nos mantinham em escravidão. Por meio de nossa fé e confiança em Jesus Cristo, somos libertos de ter que viver de acordo com a lei para sermos aceitos por Deus. Como Seus filhos, temos o gosto da liberdade que não se compara com nada que já tenhamos conhecido.

Somos livres em Cristo e a extensão da nossa liberdade é tão vasta que Paulo pôde dizer: “Todas as coisas me são lícitas” (1 Coríntios 10:23). Não há ética mais ampla em nenhuma filosofia do mundo. De fato, quando alguém pode dizer “todas as coisas me são lícitas”, porque é verdadeiramente livre.

Mas Paulo também disse que ao mesmo tempo que todas as coisas nos são lícitas, “nem todas nos convém” (verso 23). Embora haja áreas de liberdade que poderíamos aspirar e que não colocariam nossa salvação em risco, elas impediriam o progresso de nosso caminhar com Deus. Devemos evitar áreas que nos tire de uma devoção genuína e de todo o coração ao Senhor. Se quisermos continuar livres, temos que ser cuidadosos para não exercitar nossa liberdade em nenhuma área que nos leve novamente à escravidão.

A liberdade mal usada

Há pessoas que não entendem a liberdade cristã. Pensando que podem cometer livremente todo o tipo de pecado e usam sua liberdade como ocasião para a carne. Isso é uma total distorção do que as Escrituras ensinam sobre liberdade cristã. Nossa liberdade não é para pecarmos livremente; não é uma licença para pecar.

A gloriosa liberdade, para a qual fomos chamados em Cristo Jesus, é primeiramente a libertação da carne e do domínio que ela exercia sobre nós. Em Romanos 6, Paulo fala que a liberdade em Cristo é para servir e adorar a Deus. Somos livres, mas não para vivermos um tipo de vida sensual e pecaminosa que tivemos um dia.

No Éden, Adão tinha uma enorme liberdade. Ele podia comer de qualquer árvore do jardim, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Deus sabia desde o início que Adão desobedeceria a Sua ordem, comeria da árvore proibida e por isso traria pecado e sofrimento ao mundo. Mesmo assim, Deus não impediu que ele comesse do fruto. Adão usou sua liberdade inapropriadamente e ainda hoje sofremos as consequências catastróficas de sua escolha.

Da mesma maneira, podemos escolher fazer mau uso da nossa liberdade em Cristo. É possível pegarmos esta gloriosa liberdade e exercitá-la de modo a levar-nos de volta à escravidão. Todos nós já ouvimos pessoas dizer: “Bem, como cristão, eu sou livre. Portanto, pretendo satisfazer este impulso da minha carne, porque tenho liberdade para fazê-lo”. Devemos lembrar que também temos a liberdade para não fazer. Nunca devemos usar nossa liberdade como uma oportunidade para nossa carne – para ceder aos nossos impulsos. Hebreus 12:1,2 diz para “livrarmo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve” e para “correremos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé”.

Liberdade para servir

É bem clara a maneira como não devemos usar nossa liberdade em Cristo. Mas, a pergunta é: Como devemos usá-la? Como devemos usar nossa liberdade de modo a honrar a Deus e crescer em graça? Paulo deu a resposta

em Gálatas 5:13. Ele disse que devemos usar nossa liberdade para servir uns aos outros em amor: “Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; ao contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor”. As Escrituras constantemente nos lembram do alto valor dado por Deus ao ato de servir com humildade.

Repetidamente, a Bíblia nos lembra que, se quisermos ser realmente grandes no reino de Deus, devemos servir. Jesus fez uma declaração magnífica aos Seus discípulos na Grande Comissão. Ele disse: “Foi-me dado todo o poder nos céus e na terra” (Mateus 28:18). Você pode imaginar quanto poder deve ser? Todo o poder do universo foi dado a Ele. O mesmo poder que ilumina as estrelas e mantém cada átomo unido pertence a Jesus.

E o que Ele fez com esse poder? Sacudiu o universo? Criou mais algumas galáxias? Não, Jesus despiu-se de Seu manto, curvou-se como servo e lavou os pés dos Seus discípulos. Após lavar o último calcanhar e dedos sujos, perguntou a eles: “Vocês entendem o que lhes fiz? Vocês me chamam ‘Mestre’ e ‘Senhor’, e com razão, pois eu o sou. Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei-lhes os pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros” (João 13:12-14).

E se agora mesmo você pudesse dizer: “Todo o poder do universo é meu”, o que faria com tanto poder? Jesus pegou uma toalha e uma bacia com água, e lavou os pés imundos de Seus discípulos. Todo poder do universo era Dele – e o que Ele fez com isso? Lavou os pés dos discípulos.

Há bem poucos de nós que querem servir. Ao contrário, adoramos dar ordens e sermos servidos. “Vá e pegue isso para mim! Passe-me aquela ferramenta. Preciso que você vá agora.” Como gostamos de dar ordens e como ficamos aborrecidos quando elas não são cumpridas! Ficamos magoados e fazemos cara feia. Gostamos de fazer parte da classe dominante, mas as maiores bênçãos de Deus não são encontradas lá. Não fomos libertos para ficar dando ordens aos outros, mas para servirmos uns aos outros em amor.

Sem dúvida, essa bênção requer o trabalho do Espírito de Deus em nossos corações. Minha carne certamente se rebela contra a ideia de servir a outras pessoas em amor. Frequentemente, minha reação imediata a um simples pedido é: “Se você quer um copo de água, vá você mesmo buscar. Quem foi o seu escravo ontem?” Minha carne gosta demais de ser agradada. Mas fui liberto da escravidão da carne e agora posso servir aos outros em amor. Que alegria é poder servir em amor! Toda a lei está revestida desta frase: “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mateus 22:39).

Liberdade para amar

Duzentos anos antes de Jesus, Buda disse: “Não faça aos outros o que você não quer que façam com você”. Perceba que ele coloca a frase na negativa. Se você não quer que alguém lhe acerte o nariz, então, não acerte o dele. É uma recomendação negativa.

A regra de ouro não é simplesmente evitar o errado, mas buscar avidamente meios práticos para expressar o amor.

Há muitas pessoas hoje em dia que erram na compreensão do conselho de Buda em relação à regra de ouro. Elas acreditam que são justas por causa das coisas que não fazem. “Bem”, elas dizem, “Eu não agrido ninguém, nunca matei ninguém e não durmo com todo mundo”. Suas vidas tornam-se totalmente determinadas por negações, o que faz com que literalmente sejam “bons para nada”.

Observe, no entanto, que Jesus claramente enquadrou esta ética em termos positivos. Ele disse: “Como vocês querem que os outros lhes façam, façam também vocês a eles” (Lucas 6:31). Da mesma maneira que gostaria de ser servido, devo servir. Da mesma maneira que gostaria de ser amado, devo amar. Da mesma maneira que gostaria de receber presentes, devo dar.

Amar nossos vizinhos como a nós mesmos significa tomar a iniciativa de fazer algo pelos outros de modo criativo, eficaz e alegre. A regra de ouro não é simplesmente evitar o errado, mas buscar avidamente meios práticos para expressar nosso amor.

Jesus ensina que cumprimos a lei primeiramente ao amarmos a Deus e também aos outros, tratando-os como gostaríamos de ser tratados. Gostamos que falem bem de nós, então, devemos falar bem dos outros. Gostamos que não levem em consideração nossas falhas, então devemos estender a mesma graciosa atitude a outros.

Canibalismo religioso

Por que quando alguém diz algo desagradável a nosso respeito, geralmente nossa primeira reação é denegrir sua imagem? Damos a entender que nossos críticos não são tão santos como gostariam que os outros pensassem. “Bem, eu só gosto de dizer a verdade, por isso quero lhe dizer algo sobre ele”, falamos. Quando eles ouvem o que se anda dizendo, inicia-se uma nova rodada de um ciclo sem fim de difamação e más intenções.

Por outro lado, se eu encontrar alguém que realmente gosta de mim e está dizendo coisas boas sobre mim, eu digo: “Bem, ele, com certeza, sabe identificar uma pessoa de bom caráter. Sabe, ele é maravilhoso”.

Quando alguém estava com a intenção de fazer outra pessoa em pedacinhos, eu costumava provocá-la. Após ela ter despejado todo o lixo, eu dizia: “Bem, isso é muito interessante! Acho que você não sabia que ele é meu parente, sabia?” Eu gostava de assistir à reação da pessoa.

Paulo assim nos advertiu: “Mas se vocês se mordem e se devoram uns aos outros, cuidado para não se destruírem mutuamente” (Gálatas 5:15). Se nos encontramos mordendo e devorando uns aos outros – dizendo palavras abrasivas, destrutivas, ou mesmo sarcásticas uns para os outros – estamos andando em oposição ao amor. Tristemente, um tipo de canibalismo interpessoal começa a acontecer. Encontramo-nos presos na armadilha de um círculo vicioso e destrutivo. Inveja, amargura e ambição desenvolvem-se e rapidamente a igreja está se devorando viva. Estamos consumindo uns aos outros.

Uma vez, ouvi uma história de um homem na Inglaterra, que criava com sucesso uma raça cruel de galo de briga. Como seus animais eram praticamente invencíveis na rinha, ele se encheu de orgulho pela reputação que ganhou por causa de seus esforços. Toda manhã, saía e admirava suas aves lutadoras.

Um dia, ele saiu para inspecionar seus galos e para seu horror encontrou o cercado infestado de penas, sangue e carcaças. Seu precioso estoque estava caído ao chão, despedaçado. Ele chamou rapidamente um de seus funcionários e perguntou o que tinha acontecido. “Quem foi tão estúpido a ponto de colocar esses animais agressivos na mesma gaiola?”, disparou ele. O funcionário respondeu timidamente: “Fui eu, senhor”. “E por que você fez essa estupidez?”, reclamou o dono. “Bem”, disse o empregado, “Eu pensei que a essa altura eles soubessem que estavam lutando pelo mesmo time”. Mas é claro que as aves eram muito estúpidas para reconhecer o real inimigo.

Infelizmente, há ocasiões em que, na igreja, não agimos com muita inteligência. Esquecemos frequentemente quem é o nosso real inimigo. O adversário não é um grupo de batistas ou presbiterianos. Nosso real inimigo é o poder das trevas que aprisiona o homem em escravidão, engano e pecado. Precisamos acabar com as rivalidades que são autodestrutivas e começar a trabalhar juntos para o bem comum do reino de Deus. Porque, se mordemos e devoramos uns aos outros, seremos destruídos por nós mesmos. Um dia, encontraremos a igreja cheia de sangue e aos pedaços e o mundo dirá: “Isso é cristianismo?!”

Que trágico saber que muito da história da igreja tem sido desperdiçado com crentes devorando-se e destruindo-se mutuamente. Estamos demasiadamente inclinados a injustamente rotular e humilhar pessoas de outras igrejas e nada poderia ser mais contraproducente ao progresso do reino de Deus.

Como homens e mulheres livres em Cristo, precisamos andar em Espírito – Espírito de amor, perdão e bondade. Devemos buscar no Senhor Sua graça e revestimento. Isso não é opcional para nós. Onde mais encontraremos forças para irmos contra essa maré destrutiva e focarmos no que é bom e louvável nos outros, mesmo naqueles de quem discordamos?

A responsabilidade da liberdade

Junto a liberdade vem uma grande responsabilidade. “O preço da liberdade é a vigilância sem fim”, alguém já disse. Devemos estar em vigilância para manter nossa liberdade porque ela é terrivelmente fácil de se perder.

Não se engane fazendo mau uso de sua liberdade para agradar a sua carne. Somos livres em Cristo para agir conforme escolhemos. E embora Deus não condene sua alma ao inferno por causa de uma atividade questionável, pergunte a si mesmo: Isso me atrapalha? Me impede de progredir rumo ao meu alvo?

O principal objetivo e desejo da minha vida é ser encontrado em Cristo; completamente nele. Paulo disse: “Vocês não sabem que de todos os que correm no estádio, apenas um ganha o prêmio? Corram de tal modo que alcancem o prêmio” (1Coríntios 9:24). Eu pretendo “prosseguir para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:14). “Portanto... livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé” (Hebreus 12:1,2).

Eu não quero que nada me atrapalhe, nem que nada impeça o meu progresso. Alguém pode dizer: “Mas Chuck, não há nada de errado com ‘isso’. Um cristão pode fazer ‘isso’”. É claro que pode, mas ‘isso’ também pode impedir seu progresso rumo ao alvo! “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convém” (1 Coríntios 6:12a). Algumas coisas lícitas me deixam em pedaços e prejudicam meu relacionamento com Jesus. “Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma.” (verso 12b)

Se quero permanecer livre, devo ser cuidadoso para não exercitar minha liberdade com algo que possa me dominar. Se eu sucumbir, não sou mais livre. Se desejo exercitar minha liberdade com atividades que me prendem e não me permitem seguir, então, não sou mais livre. Já fui tolo no exercício da minha liberdade e acabei retornando à escravidão. E isso não é, de maneira alguma, o jeito de se viver.

Graças a Deus, nos foi dada a liberdade em Cristo! Obrigado, Deus, por nos dar os recursos que mantém essa liberdade! Meras palavras não podem expressar o que significa ser verdadeiramente livre.

Que o Senhor possa nos ajudar a amar livremente, servir livremente, buscar livremente o melhor interesse de nossos irmãos. Pois assim, finalmente seremos capazes de desfrutar completamente a alegria de ser encontrado apenas na liberdade da grandiosa graça de Deus.

10. Eles não enlouquecerão?

Muitas pessoas têm um grande e infundado medo de que a graça de Deus as guie a uma vida pecaminosa. Elas temem que se os cristãos se derem conta de que Deus não os julga pelas obras, mas pela fé em Cristo, acabem perdendo-se. “Espere um pouco, Chuck!”, elas dizem, “Se você escancarar a porta desse jeito, as pessoas vão praticar todo o tipo de maldade, ou coisas terríveis, e acabarão racionalizando: ‘Sua graça cobre tudo o que faço’”.

Essa objeção não é nova. A pregação de Paulo entre os gentios sobre o evangelho da graça causou protestos imediatos entre os judeus. Eles achavam que dar tanta liberdade aos gentios os levariam à loucura. Pedro também pôde ver os perigos de mal interpretar o evangelho de Paulo e em sua epístola escreveu: “Como também o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles” (2 Pedro 3:15,16).

Infelizmente, sempre existiram aqueles que tomam a Palavra de Deus e a distorcem de seu contexto – para sua própria destruição. Eles usam o evangelho de Paulo como desculpa para uma vida de pecado. Porém, o evangelho nunca pode ser entendido dessa maneira.

Você está morto!

Em Romanos 5, Paulo apresenta nosso relacionamento com Deus pela graça, usando termos fortes e gloriosos. No verso 20, ele afirma: “Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça”. No primeiro verso do capítulo seguinte, ele imagina algumas pessoas dizendo: “Bem, vamos sair por aí e cometer um monte de pecado para que a graça possa transbordar. A graça abundante de Deus é maravilhosa. Vamos dar a ela a chance de transbordar”. Paulo responde: “De maneira nenhuma! Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?” (leia Romanos 6:2). Sua resposta contém um fator importante para a caminhada e experiência cristãs.

Suponhamos que eu seja pego roubando um banco. Por causa disso, sou mandado para a cadeia e enfrento um julgamento. Após muitas semanas, o júri chega a um veredito: “Consideramos o réu culpado”. O juiz, então, indica o dia em que serei sentenciado. Eu espero pegar de cinco anos até prisão perpétua, porque usei uma arma e abri buracos no teto, o que assustou os tontos dos

caixas. Finalmente, chega o dia de aparecer diante do juiz para receber a sentença.

A lei fez sua parte. Ela prendeu e condenou o culpado. Então, entro no tribunal e o juiz diz: “O acusado coloque-se em pé”. Levanto-me e ele diz: “Esta corte considera-o culpado e o sentencia a cumprir de cinco anos a prisão perpétua em uma penitenciária estadual”. A notícia é tão ruim que tenho um ataque do coração e morro ali mesmo.

Por acaso o tribunal mantém o meu corpo na cadeia por cinco anos? Não. Minha morte liberta-me imediatamente da condenação da lei. A sentença não tem mais poder sobre mim, porque sou um homem morto.

Este é o ponto que Paulo prova sobre aqueles que, por meio da fé em Jesus Cristo, foram justificados diante de Deus e agora vivem sob Sua gloriosa graça. Não vivemos mais segundo a carne. Nosso velho eu está morto. A lei sentenciou-nos à morte. As exigências da lei foram cumpridas quando fomos crucificados com Cristo. O nosso velho eu foi crucificado. Portanto, se o velho eu está morto, como podemos viver em pecado? Estamos mortos para a velha vida.

Paulo escreveu: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2:20). Não vivemos mais uma vida velha e egoísta. Nossos dias como egoístas terminaram. Não vivemos mais de acordo com a carne. Agora somos livres da lei, da nossa natureza pecaminosa e da horrível culpa, porque o nosso velho e culpado eu foi crucificado com Jesus Cristo. Passamos a andar em harmonia com Deus pois confiamos em Jesus.

Se você está morto, aja como tal

O tipo de fé que me traz a uma posição de justiça diante de Deus é aquele que se manifesta por si só nas obras do Senhor. Se ainda vivo na sujeira e corrupção da minha velha vida – usando a graça de Deus como uma capa para o meu libidinoso estilo de vida – , então, estou apenas enganando a mim mesmo. Realmente não sou um filho de Deus. Tiago 2:26 diz: “Assim como o corpo sem espírito está morto, também a fé sem obras está morta”.

A pessoa que nasceu do Espírito de Deus manifestará isso em sua forma de vida. Jesus disse: “Por que vocês me chamam ‘Senhor, Senhor’ e não fazem o que eu digo? Eu lhes mostrarei com quem se compara aquele que vem a mim, ouve as minhas palavras e as pratica. É como um homem que, ao construir uma casa, cavou fundo e colocou os alicerces na rocha. Quando veio a inundação, a torrente deu contra aquela casa, mas não a conseguiu abalar, porque estava bem construída. Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as pratica, é como um homem que construiu uma casa sobre o chão sem alicerces. No momento em que a torrente deu contra aquela casa, ela caiu, e a sua destruição foi completa” (Lucas 6:46-49).

O apóstolo João escreveu: “Sabemos que o conhecemos, se obedecemos aos seus mandamentos. Aquele que diz: ‘Eu o conheço’, mas não obedece aos seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele” (1 João 2:3,4). Por duas vezes na mesma carta, ele acrescenta que todo aquele que é nascido de Deus não pode praticar o pecado (leia 1 João 3:9; 5:18). Não frustrar a graça de Deus. Acredite e confie em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador, e ande na novidade deste relacionamento.

Ame a Deus e seja livre

A essa altura, alguém pode perguntar: “Se nossas boas obras não nos salva, o que nos impede de sair por aí fumando, ou bebendo, ou passando tempo em bares nojentos?” Não é que eu não possa fazer essas coisas. Simplesmente, não tenho vontade. O amor de Cristo constrange-me a viver uma vida que o agrade. Tendo provado a bondade de Seu amor, não quero me afastar Dele. Quero me aproximar o máximo possível de Jesus, porque eu O amo e Ele me ama. Não quero me envolver em nada que O desonre.

Ironicamente, eu vivo uma vida muito mais correta sob a graça, do que já vivi sob a lei. Debajo de uma relação legalista, sempre estou espremendo os limites, sempre tento me certificar se certas ações são corretas ou não. Estou sempre buscando uma brecha, racionalizando e justificando as coisas que faço. Vivo nos limites legais, e um pouquinho além. Deus não quer amarrá-lo com a lei, mas atraí-lo a Ele com Seu amor. Este é o evangelho da graça.

Um relacionamento de amor com Deus é muito diferente disso. Não debato mais se algo é certo ou errado. Ao contrário, me pergunto: “Isso é agradável ao meu Pai? Porque O amo e quero agradá-Lo. Ele me ama tanto, que não quero machucá-Lo. O meu Pai ficaria feliz se eu fizesse isso?” Às vezes, mesmo quando a lei fica em silêncio, meu coração me diz que Deus se entristeceria se eu realizasse a atividade em que estava pensando.

Um relacionamento de amor é o que Deus busca com cada um de nós. Ele não quer amarrá-lo com a lei. Ele quer atraí-lo com Seu amor. Este é o evangelho da graça de Deus, a justiça que Ele nos imputou à parte da lei.

Tantos de nós falham em entender que o amor é a única real motivação para a bondade. Medo nunca é a primeira força que nos conduz na vida cristã. Se somos bons somente porque temos medo de sermos maus, isso não é justiça de verdade. Podemos ter uma conduta externa prudente como disfarce para todos os tipos de motivações erradas e distorcidas. Se o medo das conseqüências é a única coisa que nos mantém em cheque, corremos o risco de sermos apenas um exemplo do mal com amarras. Isso não é verdadeira bondade. A verdadeira bondade é sempre motivada por amor. Se nossas escolhas morais são feitas com base em intenso amor e no desejo de se abster

das coisas que entristecem o coração de Deus, temos descoberto, então, o verdadeiro motivo da justiça.

O fruto do Espírito é amor. Uma das notáveis características do amor é a bondade. Quando estamos conscientes do amor, experimentamos alegria. Quando o amor domina nossas vidas, conhecemos o que é paz. A expressão do amor é sempre paciência e a habilidade de tudo suportar. A natureza do amor é docilidade e gentileza. O ponto principal é que quando o Espírito produz Seus frutos em nós, a necessidade por algo incômodo, como a lei, desaparece.

Fizemos, então, uma grande descoberta: uma vida justa não é mais um peso para nós, mas uma alegria porque temos um relacionamento de amor com Jesus.

Um problema persistente

É possível conhecermos e experimentarmos a graça de Deus. Podemos viver na alegria e na paz da justificação pela fé em Jesus Cristo e na certeza de nossa posição de justiça diante de Deus por meio de Jesus. Essa certeza vem do conhecimento de que fui crucificado com Cristo. A vida dominada pela minha carne está morta e agora vivo uma nova vida controlada pelo Espírito de Jesus Cristo. Tenho uma nova natureza, a natureza de Jesus Cristo. “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criatura. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2 Coríntios 5:17). Esta é uma verdade inacreditavelmente libertadora.

Mas tem um problema, ainda estou preso a esse corpo e, enquanto estiver neste estado, estou sujeito às forças poderosas dos desejos do meu corpo. Dessa forma, há uma guerra acontecendo dentro de mim. A carne apresenta suas armas e começa a atirar. Minha carne – o meu velho eu – está morta, mas é como se eu tivesse que carregar esta velha carcaça comigo por aí. Sou como o parceiro de Sam McGee (personagem de um poema chamado “The Cremation of Sam McGee”, do inglês Robert W. Service), convivendo com um corpo quase escondido do qual não conseguia se livrar.

É crucial lembrar-nos que a Bíblia faz uma importante distinção: meu espírito está remido, mas meu corpo não. Isso gera um tremendo conflito. Paulo declarou aos romanos: “Sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto. E não só isso, mas nós mesmos, que temos os primeiros frutos do Espírito, gememos interiormente, esperando ansiosamente nossa adoção como filhos, (que é) a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:22,23). Quantas vezes já gemi e chorei diante de Deus por causa da fraqueza da minha carne.

Após orar no jardim do Getsêmani, Jesus veio a Seus discípulos e os encontrou dormindo. Ele disse a Pedro: “Você está dormindo? Não pôde vigiar

nem por uma hora? Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Marcos 14:37,38). Nunca antes palavras tão verdadeiras foram ditas. Meu espírito está realmente pronto, mas minha carne é fraca. Tenho gemido e sentido dores de parto, dizendo: “Oh! Deus, apresse o dia em que me libertará desse corpo corrupto!” Estou ansioso para livrar-me deste velho cadáver.

Em meus momentos de fraqueza, o Espírito traz convencimento e poder, e minha mente se volta ao Senhor.

Um dia, seremos todos libertos da nossa natureza pecaminosa. A Bíblia diz: “Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se revista de imortalidade. Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: ‘A morte foi destruída pela vitória. Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?’ O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 15:53-57) .

Enquanto isso, nem tudo está perdido. Em meus momentos de fraqueza, o Espírito traz convencimento e poder, e minha mente se volta ao Senhor. Busco a Sua ajuda e força, e começo a experimentar Sua vitória. Descubri que devo depender diariamente da força e do poder de Jesus Cristo para viver a vida que Ele quer que eu viva. Não há como deixar minha vida em uma posição neutra ou seguir conforme a maré. No instante em que me comportar assim, minha carne se levantará e tentará tomar o poder e a autoridade. Devo manter meus desejos sob controle, ou eles reinarão sobre mim. Paulo escreveu: “Esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo, para que, depois de ter pregado aos outros, eu mesmo não venha a ser reprovado” (1 Coríntios 9:27).

Contudo, se sou pego com a guarda baixa e sujeitando-me à carne, isso significa que não sou mais salvo? Tenho que ser salvo novamente? Não, porque ainda creio em Jesus Cristo. Eu ainda amo ao Senhor e é ainda a minha fé que é imputada a mim como justiça. Precisamente, é por causa da minha fé e da minha nova vida em Cristo que não posso continuar sendo dominado pela minha carne.

Embora corra o risco de escorregar e cair, não posso permanecer assim. Deus não permitirá que eu fique nesse estado. Ele não deixará que eu seja pego por algo que possa gostar de fazer e que todo mundo faz. Eles podem fazer isso e até se dar bem, mas eu não farei. Ele já espera por essa minha decisão! Se eu tento seguir os caminhos do mundo e faço as coisas que essas pessoas fazem, ou eu não vou conseguir, ou vou odiar, ou vou ser pego. Isso porque somos Seus filhos e não podemos simplesmente tolerar o pecado como o mundo o faz.

Não existem mais padrões?

Alguém ainda deve estar perguntando: “Se estamos sob a graça, podemos simplesmente ignorar os padrões de conduta pessoal que Deus estabeleceu?” De maneira alguma. Em nosso novo relacionamento, recebemos o poder de Deus e a presença do Espírito Santo. Em Cristo, recebemos uma nova natureza que anseia por viver em harmonia com o amor e a santidade de Deus. Por meio do poder do Espírito Santo, não precisamos mais lutar para fazer o que é certo. Isso foi o que João quis dizer quando escreveu: “Porque nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:3).

Aqueles que já leram os contos clássicos estão provavelmente familiarizados com a história de Ulisses (personagem da mitologia grega). Durante sua viagem, este antigo aventureiro ouviu histórias da ilha das sereias – feiticeiras fatais que faziam lindas músicas que encantavam qualquer marinheiro que passasse por lá, atraindo-os às rochas. Nunca alguém tinha ouvido a canção dessas sereias e conseguido sobreviver. Isso soou como um desafio para o audaz Ulisses. Ele decidiu ser o primeiro a ouvir a música e sobreviver.

Para atingir seu objetivo, ele colocou cera nos ouvidos de sua tripulação e instruiu seus homens a amarrá-lo firmemente ao mastro do navio. Ao navegarem pela ilha das sereias, a sedutora música começou. Ulisses lutava contra as cordas, tentando se soltar para que pudesse nadar até a costa. Ele praguejou para que seus marinheiros virassem o barco na direção das pedras, mas a cera os impedia de ouvir seus gritos. Ulisses continuou lutando contra suas amarras até que o navio estava fora do alcance das sereias e em segurança. Ulisses ouviu o canto das sereias e sobreviveu – mas ficou assombrado com a lembrança daquele canto sedutor.

Um mito grego também conta que outro barco passou pela ilha e sua tripulação sobreviveu. Quando a tripulação estava sendo atraída pela melodia fatal para um banco de areia, um homem talentoso à bordo chamado Orfeu, apanhou sua lira e começou a tocá-la. A música de Orfeu cobriu totalmente a canção das sereias, o que fez os homens desviarem das rochas e velejarem seguros, fascinados pela nova melodia que lhes deu vida.

Quando enfrentamos a força da tentação, muitos de nós podem se assemelhar tanto a Ulisses quanto a Orfeu. Para alguns, o canto da sereia do mundo tem uma atração quase irresistível. Eles se encontram atados pela lei, mas lutam contra as regras quando são seduzidos pelo poder da carne. Sua única esperança está na lei que os segura. A alegria de ser um em Cristo ultrapassa tudo o que o mundo ou a carne podem oferecer.

Mas há aqueles que ouviram uma nova canção – a música celestial em seus corações. Eles descobriram que o amor de Jesus Cristo é tão forte e satisfatório

que, embora o mundo ainda seja atrativo, deixam-no para trás, para que possam ser poderosamente atraídos para a Sua linda presença. Eles não precisam ser amarrados ou atados. Eles não estão se debatendo contra as cordas. Eles descobriram a glória de caminhar com Deus em íntimo relacionamento.

A alegria de ser um em Cristo ultrapassa tudo o que o mundo ou a carne podem oferecer. O apelo e a atração do pecado perderam seu poder. Aqueles que descobrem esta forma de satisfação não necessitam de leis. Em vez de seguir regras que dizem: “Agora, não bata na cabeça de seu vizinho!”, eles não têm o desejo de fazer isso, porque seus corações foram tocados pelo amor de Deus. Eles simplesmente querem ver seus vizinhos salvos.

Um dia desses, vi esse princípio em ação. Enquanto estava dirigindo em uma rua bem movimentada, próxima à igreja, um carro entrou na minha frente, fazendo-me frear bruscamente. O carro era dirigido por uma pequena senhora com cabelos grisalhos. Ela não me viu e nem aos outros em volta, nos quais quase bateu também. Se os outros motoristas não estivessem prestando atenção, teria ocorrido um terrível acidente. Ela fez tantas manobras erradas, que me peguei orando: “Senhor, por favor, ajude essa pequena senhora a chegar em casa em segurança”. Aqueles que me conhecem podem confirmar que minha preocupação naquela situação foi um milagre! É glorioso ser capaz de experimentar as mudanças produzidas pela relação de amor com Deus por meio de Jesus Cristo.

Amor constante

Por causa de Cristo, podemos experimentar a unidade em Deus. Ele não está perto de nós em um momento e distante no próximo. E, mesmo quando falhamos, mesmo quando ainda somos fracos em várias áreas, nossa posição de justiça diante de Deus não varia com a nossa oscilação de atitudes ou mudança de humor. Nosso relacionamento com Deus é estável e seguro, porque não está baseado em nós ou em nosso desempenho, mas estabelecido sobre a obra de Jesus Cristo em nosso favor. Ele levou nossos pecados sobre si e morreu em nosso lugar para transformar em realidade a nossa salvação pela fé. Podemos deixar para trás a mentalidade que Deus somente nos ama quando somos “bons” e nos rejeita quando somos maus.

Eu ligo para a minha neta com certa frequência, pois gosto de conversar com ela de manhã e perguntar como estão as coisas. Às vezes, quando telefono, ela diz: “Eu estou uma chata hoje, vovô”. Eu a amo menos quando ela diz isso? Ela sabe que não está bem, o que não altera em nada o meu amor, como também não a amo mais quando ela é um anjinho. Simplesmente a amo. Amo-a quando está chata e quando está meiga.

Deus nos vê sempre da mesma maneira. Quando estamos chatos, ficamos inclinados a pensar: “Deus não pode me amar hoje. Nem eu mesmo me amo!”

Sinto-me miserável. Não quero ninguém perto de mim”. Também ficamos propensos a pensar que Deus não nos ama quando falhamos. De maneira nenhuma! Se nossa posição diante de Deus fosse baseada em nosso desempenho, nunca teria sido necessário que Cristo morresse.

Quando Jesus considera nossa fé como justiça, Ele nos concede um relacionamento de amor lindo e estável. Desfrutamos de um tipo de relação que diz: “Entre e sente-se. Deixe-me ajudá-lo, permita-me fortalecê-lo”.

Deus o ama. Você é tão querido que Ele o escolheu e o chamou para ser dele eternamente. É por isso que a graça de Deus não conduz a uma vida de loucura. Há infinitamente mais alegria no Salvador do que no pecado.

11. Armadilhas explosivas e minas terrestres

Parece que há sempre aqueles prontos a ir a territórios já cultivados para ceifar parte da colheita.

No estacionamento da minha igreja Calvary Chapel freqüentemente nos deparamos com pessoas distribuindo folhetos que promovem doutrinas estranhas. Outras vezes, encontramos pessoas na entrada do estacionamento tentando passar algum princípio religioso falso aos irmãos que estavam chegando. Sempre perguntamos: “Por que vocês vão às igrejas para distribuir seus folhetos?” Se organizamos algum evento especial e planejamos distribuir folhetos para divulgá-lo, pedimos aos nossos jovens para ir à praia ou ao shopping center – não a outra igreja! Por que alguém iria a uma igreja para tentar tirar de lá aqueles que já estão firmes?

Se você tem uma doutrina vital e sente que outros devem entendê-la e acreditar nela, em vez de tentar nos converter, por que não nos dá o privilégio de ver como tal verdade mudou a sua vida, transformando-a na imagem de Jesus Cristo? Permita-nos observar tal verdade demonstrada em sua própria vida. Quando virmos seu imenso comprometimento e seu íntimo caminhar com o Senhor, sem dúvida perguntaremos o que está acontecendo, porque você possui algo que necessitamos.

Tristemente, as pessoas nunca estão dispostas a agir assim. É terrível observar como elas sentem que têm um chamado divino para assaltar o corpo de Cristo em prol de outra crença religiosa. É por isso que o Novo Testamento está cheio de avisos e exortações contra falsos educadores e seus ensinamentos astutos e fascinantes.

Você pode ter certeza

Toda as seitas tendem a perverter o evangelho de Cristo. Geralmente, elas enfatizam demais as obras e a justiça relacionada a elas. Se perguntarmos a uma pessoa envolvida em alguma dessas seitas se ela nasceu de novo, provavelmente a resposta será: “Irmão, não tem como saber isso até que morramos, porque você não tem ideia de qual será a sua última obra”. Essa não seria uma péssima hora para descobrir isso?

Deus quer que tenhamos certeza da nossa salvação e se dependermos de Jesus Cristo e Sua obra podemos tê-la. Se nossa salvação for baseada em obras, então, ter certeza está além do nosso alcance. Se nossa salvação estiver

baseada em fé e crença em um sistema de obras, então, não saberemos o nosso destino eterno até que morramos, e aí já será tarde demais. Mas se nossa fé estiver baseada em Jesus Cristo e em Sua obra, podemos ficar seguros.

A Bíblia ensina que o caminho da salvação é realmente estreito. Eu não tenho certeza das minhas obras nem da minha própria justiça, mas estou seguro em relação à obra de Deus e à Sua justiça. Como compôs Jami Smith: “Minha fé está firmada em nada menos do que no sangue de Jesus e Sua justiça. Ouso não confiar nas aparências, mas apoiar-me completamente no nome de Jesus”. Paulo está tão convencido desta verdade que escreve: “Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado!” (Gálatas 1:8). Que palavras fortes! Paulo usa o termo anátema, que significa “amaldiçoado ao mais profundo inferno”.

Suponhamos que um anjo se sente em sua cama esta noite. Você fica inquieto, acorda e vê esse ser brilhante, com mais de dois metros de altura, sentado aos seus pés. Ele diz: “Não tenha medo! Vim para compartilhar boas novas com você. Você é uma pessoa especial e por isso Deus o escolheu para uma tarefa especial. Se você aceitar e fizer isso por Deus, Ele o salvará”. O que devemos concluir? Uma coisa é certa: esse anjo não é de Deus. Que ele seja amaldiçoado.

A Bíblia ensina que o caminho da salvação é realmente estreito. As palavras de Paulo são como um golpe mortal para o tipo crescente de religião tão popular nos dias de hoje que diz: “Acredito que uma pessoa que faz o que acha certo em seu coração será aceita por Deus”. Pedro disse: “Este Jesus é ‘a pedra que vocês, construtores, rejeitaram, e que se tornou a pedra angular [a pedra mais importante]’. Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu, não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devemos ser salvos” (Atos 4:11,12).

Muitos, hoje, responderiam: “Oh, Pedro, você é muito limitado. Você quer dizer que Jesus é o único caminho? Isso é muito limitado, Pedro. Não podemos seguir este princípio”. Muito bem, então, sejam amaldiçoados. “Mas estas são palavras muito duras”, responderiam eles. “Isso tudo é muito limitado. Com certeza, Jesus era mais aberto do que isso!” Mas foi o próprio Jesus quem disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (João 14:6). E também foi Jesus quem disse: “Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram” (Mateus 7:13,14).

Paulo estava certo desde o princípio. Mesmo hoje, você pode quase o ouvir suplicando aos gálatas: “Olhe, eu vou falar mais uma vez. Se eu, ou um anjo do céu, ou outra pessoa vier e lhe trazer qualquer outro tipo de ensinamento – um que necessite que você confie em si mesmo, em suas obras, em sua bondade,

em sua própria justiça, que mantenha a lei, seja circuncidado, necessite seguir algum ritual, juntar-se a algum grupo, ofertar muito – que este seja amaldiçoado!”

Por que Paulo estava tão determinado? Porque Deus nos aceita exatamente como somos – conforme colocamos nossa fé em Seu Filho, Jesus Cristo. Pela nossa fé em Cristo, Ele nos limpou de todos os pecados e nos recebeu. Deus deseja conceder a nós sua riqueza e a plenitude de Seu amor – não porque mereçamos, mas porque Ele nos ama. Este é o evangelho da graça em Jesus Cristo, foi por ele que Paulo deu a sua vida.

É de admirar-se

Você perguntaria: “Por que as doutrinas que ensinam que as obras são a base para relacionar-se com Deus parecem ganhar tanta importância na vida das pessoas?”. Eu confesso que faço a mesma pergunta.

Paulo também fez essa pergunta e disse aos gálatas: “Admiro-me que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho” (Gálatas 1:6). Causa admiração que as pessoas deixem a graça de Cristo por outro evangelho – especialmente quando tal “evangelho” não tem nada de boas novas.

Sempre que alguém diz: “É bom acreditar em Jesus Cristo, mas é necessário mais do que isso”, tome cuidado! No minuto em que você me diz que tenho que ser justo e ser aprovado por Deus pela minha santidade, você não está me levando a Deus, mas me afastando Dele. Eu não sou justo, não sou santo e nem consigo ser, então, o que você me diz não são boas novas e está longe de o ser. Isso é a proclamação da morte.

Paulo não entendia por que alguém haveria de deixar um relacionamento de amor com Deus para tentar estabelecer outro baseado em obras, circuncisão, ou cumprimento de regras. “O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando”, escreve ele, “querendo perverter o evangelho”, que são as boas novas de Cristo (Gálatas 1:7).

O amor como arma

É espantoso observar que pessoas abandonam o verdadeiro evangelho por uma falsificação, mas não é nenhum mistério ver como falsos mestres, com muita frequência recrutam seus novos discípulos. Paulo aponta que uma técnica comum é a de usar cuidadosamente o afeto: “Os que fazem tanto esforço para agradá-los não agem bem, mas querem isolá-los a fim de que vocês também mostrem zelo por eles” (Gálatas 4:17).

Aqueles que são atraídos às seitas falam com freqüência que são tratados com muito amor e atenção, enquanto essas seitas os consideram como possíveis membros. Assim que a pessoa se compromete com o grupo, o cuidado muda de amor para doutrinação. Em vez de cheios de carinho, o novo convertido é posto sob forte disciplina física e acaba desgastando-se até a exaustão. Qualquer sentimento de autoconfiança é bruscamente tirado, deixando a pessoa extremamente suscetível às distorções espirituais do grupo.

O amor tão prontamente demonstrado no começo é apenas um meio para isolar o indivíduo e trazê-lo à escravidão. Se alguém não se dá bem com o programa, o amor rapidamente acaba e a pessoa é excluída e afastada. Se ela falha ao se dar por vencida na segunda tentativa de persuasão, o “amor” rapidamente converte-se em hostilidade.

No início do meu ministério em Tucson, Arizona, tive um encontro desagradável com um grupo denominado “*Jesus Only Pentecostals*” (algo como “Igreja Pentecostal Só Jesus”, em tradução livre). Essa seita ensina que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são termos meramente diferentes para Jesus. É claro que eles têm dificuldade para explicar com quem Jesus estava falando quando orou ao Pai, ou quem falou com Jesus dos céus em Seu batismo. Talvez a voz em Mateus 3:17 que disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado”, foi apenas um pouco de ventriloquismo. A fragilidade dessa posição é evidente, porém os seguidores desse grupo adoram ser agressivos e criar todos os tipos de conflito.

Tristemente, algumas famílias influentes em nossa igreja compraram essa ideia. Em pouco tempo, essas pessoas consideraram-me como o alvo de seu próximo projeto e começaram a cuidadosamente me tratar com extremo carinho. Eles me levavam para almoçar fora e ficavam falando sobre meu grande potencial e como amavam a igreja.

Sempre detestei discutir sobre a Bíblia com as pessoas. Eu geralmente deixo que despejem suas posições faltosas sem tentar censurá-los. Então, essas pessoas citavam a passagem bíblica em que Jesus disse: “Eu e o Pai somos um” (João 10:30), e eu dizia: “Sim, é verdade. Foi isso mesmo que Ele disse”. Todas as vezes que citavam as Escrituras, eu dizia: “Sim, foi o que Ele disse”. Mas eu não discutia com eles.

É claro que eu conhecia muitos textos bíblicos que esclareceriam a questão, mas não me dei o trabalho de discutir com eles. Jesus disse: “Entre em acordo depressa com seu adversário que pretende levá-lo ao tribunal. Faça isso enquanto ainda estiver com ele a caminho” (Mateus 5:25). Então, eu concordava com as passagens que apresentavam. Embora discordasse de suas peculiares interpretações, sempre concordava com as Escrituras. Como não discutia, eles pensaram que haviam me persuadido.

Um dia, eles levaram essa doutrina a uma escola bíblica dominical para adultos. Quando o professor refutou efetivamente tal posição, alguns deles tentaram dizer que eu estava do lado deles. O professor imediatamente me chamou para resolver o impasse. Quando eu disse à classe que acreditava que Deus é um, porém manifesto nas pessoas distintas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, as pessoas da facção “Jesus Only” ficaram pálidas.

No dia seguinte, telefonaram-me dizendo: “Queremos vê-lo hoje à noite em nossa casa”. Naquela noite, os visitei e eles disseram: “Por que você negou a verdade? Como pôde negar aquilo em que realmente acredita?” Respondi: “Eu não acredito. Eu não neguei a verdade e nem o que acredito. Afirmei na escola exatamente aquilo em que acredito. Não acho que Jesus estava brincando de ventríloquo e não acredito que Ele estava tentando enganar as pessoas quando orou ao Pai. Creio que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são personalidades distintas, embora haja um único Deus”. Foi quando, nervosos, começaram a apontar seus dedos contra mim.

“Irmão”, eles me ameaçaram, “Deus deu-nos uma revelação, uma visão de que você sairá daqui carregado em um caixão preto, a menos que se coloque diante da igreja e diga a eles que estamos certos!” Enquanto ouvia uma avalanche de horríveis ameaças, comecei a pensar: “O que aconteceu com todo o amor que essas pessoas tinham por mim?”

“Daremos até sábado para você mudar de ideia se vai ou não fazer isso”, disseram eles. Eu respondi: “Não preciso esperar até sábado. Posso dizer qual é minha resposta agora mesmo”. “Não diga nem mais uma palavra”, dispararam eles, “Apenas ore sobre isso, irmão, e se até sábado à noite você não prometer que fará isso, então, nunca mais voltaremos à sua igreja”. O líder desse grupo tinha 11 crianças, das 53 da nossa escola bíblica dominical, o que naturalmente tornaria difícil a ampliação da escola dominical.

No sábado à noite, recebi uma ligação: “Bem, irmão, o que você decidiu?” “De modo algum mudei de ideia ou pensamento”, respondi. “Tudo bem, avisamos você”, disse ele e desligou o telefone. Ele e suas 11 crianças foram embora.

Este homem e sua facção eram cuidadosos em mostrar carinho, contanto que eu fosse um convertido em potencial. Mas quando descobriram que não seria escravizado por eles e suas persuasões, abandonaram a mim e a igreja, como se faz com um mau hábito.

Aquilo não foi amor de verdade, mas apenas uma demonstração hipócrita para tentar converter-me. Como observou Shakespeare: “Amor não é um amor que se altera quando alteração encontra”. Como não me converti, seus verdadeiros sentimentos vieram à tona.

Essa é uma tática freqüente de falsos ensinadores. Eles serão muito zelosos em sua demonstração de afeto para converter alguém, mas se a pessoa não se submeter à sua persuasão, rapidamente eles a excluirão.

Essas pessoas podem vir parecendo muito amorosas, legais e doces, mas somente porque estão buscando vencê-lo em sua persuasão. Se você não for vencido, cuidado! Eles o ofenderão e o atacam com julgamentos e condenações. Esse não é o evangelho da graça!

Não se deixe enganar

É sempre difícil ver pessoas deixarem a verdade por uma mentira. Você as ama e quer poupá-las da dor que está logo à frente, mas há pouco a se fazer. Paulo conhecia bem este sentimento. Gálatas 5:7 é um versículo amargo que recorda o relacionamento que o apóstolo tinha com os gálatas. Ele escreveu: “Vocês corriam bem. Quem os impediu de continuar obedecendo à verdade?”

Os gálatas tinham anteriormente andado em grande amor com Deus e uns com os outros e até ministraram a Paulo de forma aberta e abnegada em um tempo de circunstâncias extremas. Eles estavam dispostos a dar seus próprios olhos para ele. Mas agora ficaram tão presos em seu caminhar, que consideraram Paulo como um inimigo. Por quê? Porque ele se importou demais com eles e lhes disse a verdade.

Fazendo uma analogia na área do atletismo, Paulo compara os gálatas a competidores, os quais começaram bem, mas se embarçaram no meio da corrida. “Tal persuasão não provém daquele que os chama”, escreveu ele em Gálatas 5:8. Paulo insistia que “as novas e profundas verdades” trazidas pelos judaizantes não eram de Deus.

Todos os cristãos são responsáveis por consultar as Escrituras para ver se os ensinamentos são verdadeiros ou falsos. Mas quantas pessoas são tomadas por esse tipo de falsa persuasão? Muitas vezes cristãos sinceros são desviados do caminho pelas hábeis histórias de um evangelista. Eles caem nesses falsos ensinamentos, não porque acharam base nas Escrituras, mas porque foram influenciados pela força de uma personalidade persuasiva.

O triste resultado dessa influência é que as vítimas acabam em escravidão, com suas personalidades quase extintas. Você já perguntou como pessoas aparentemente normais podem ir tão longe sob a influência de uma seita, a ponto de até vender flores e amendoim nos cruzamentos em favor de seus líderes? Esse tipo de persuasão certamente não vem de Deus. De fato, em todos os sistemas voltados à escravidão, as pessoas mais cedo ou mais tarde se encontrarão sob o domínio de um homem.

O melhor meio de proteção contra esse tipo de engano é “por à prova todas as coisas e ficar com o que é bom” (1 Tessalonicenses 5:21). Não importa quão respeitado e importante um indivíduo seja, ou quão grande seja a multidão que o segue, não podemos aceitar a palavra de ninguém no lugar da verdade do evangelho. Todos os cristãos são responsáveis por consultar as Escrituras para ver se os ensinamentos são verdadeiros ou falsos.

É trágico quando deixamos este tipo de precaução de lado e acreditamos em tudo que um determinado ensinador diz, simplesmente porque tem uma certa aparência, modo de falar, ou um ministério de TV ou rádio. Quando falhamos em verificar a autenticidade dos ensinamentos que são apresentados a nós, ficamos muito vulneráveis às persuasões que não provém daquele que nos chamou. Deus não muda de ideia, não edita Sua verdade ou a apimenta com novas revelações. O evangelho da graça não muda – embora não seja difícil encontrar pregadores que afirmem que sim.

Escravidão por qualquer outro nome

Mesmo hoje em dia, existem pessoas que pregam o legalismo. Elas fazem perguntas como: “Como você foi batizado? O que disseram quando batizaram você?” Alguns dizem até algo como: “Se você não foi batizado com a fórmula correta, então, não foi um batismo verdadeiro. Seu batismo foi por aspensão ou imersão?”.

É triste, porque esses ensinamentos só servem para nos alienar da obra que Deus tem feito em nossos corações por meio da fé em Jesus Cristo. Qualquer ritual, seja batismo, ceia ou lavapés, não terá proveito algum para nos tornar justos. A posição de justiça junto a Deus é total e completamente pela fé, que opera por amor. Essa é a chave para um caminhar de poder e paz com Deus. Não me espanta o que disse o apóstolo Paulo: “Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho!”

O verdadeiro evangelho é o das boas novas. As boas novas da graça de Deus e do perdão dos pecados por meio da obra consumada de Jesus Cristo. Seu relacionamento com Deus não está baseado em sua justiça, obras ou observação de certas regras, mas na fé no sacrifício de Deus por nós. Se você tão somente crer nessa obra de Deus, por meio de Jesus Cristo, você pode ter um relacionamento lindo e inabalável com Deus. Todos os seus pecados serão apagados e a culpa por suas deficiências, falhas e atitudes desaparecerão. Não existirão mais, pois você será justificado por meio de Jesus Cristo.

Paulo sabia da tolice de tentar relacionar-se com Deus com base nas obras. Ele podia ver o resultado final, pois foi onde ele começou. “Não me fale sobre a lei”, ele poderia dizer, “Sei tudo sobre ela. Conheço tudo sobre a justiça da lei. Eu era um fariseu, zeloso, mais zeloso do que meus irmãos. Não venha com

essa de lei, pois eu sei tudo sobre ela. Mas, graças a Deus, fui liberto de tudo isso quando comecei um novo relacionamento com Deus, por meio da fé em Jesus Cristo!”.

Nós também fomos libertos, por isso estamos estabelecidos no evangelho da graça. Não permita que homens o perturbem e o façam se sentir culpado, ou tragam a ideia de justificação pelas obras sobre você. Não vale a pena.

12. Tudo ou nada

Há algum tempo, fui a um almoço para pastores no estado do Oregon. Antes do início do programa, alguém me perguntou se eu tinha ouvido falar sobre uma pessoa que pedia carona e falava sobre a volta do Senhor e depois desaparecia. Respondi que sim. A primeira vez que ouvi sobre isso foi em 1944, na cidade de Burbank, na Califórnia. A história sempre tinha o mesmo final. O casal que desse carona a esse desconhecido, parava em um posto, só para ouvir do atendente que era o nono cliente do dia com a mesma história. O pastor que fez a pergunta sorriu e disse: “Isso mostra o quão remoto é o estado do Oregon – levou 50 anos para esse boato chegar aqui!”

Como estamos sempre dispostos a dar ouvidos a coisas que não nos acrescentam nada! E como sou grato por nossa fé estar baseada no firme fundamento da Palavra de Deus. Prefiro muito mais que o Senhor fale comigo pelas já provadas e verdadeiras páginas das Escrituras do que receber algum tipo de revelação sobrenatural ou especial. Mesmo se um anjo viesse a mim afirmando ter alguma verdade revolucionária, eu me perguntaria se essa mensagem teria vindo de Deus.

Críticas sem fim não é um problema para a Palavra. A Bíblia é o único firme fundamento para nossa fé e caminhada cristã. Quando nossa fé está fundamentada na verdade da Palavra de Deus, não somos levados por ventos de doutrinas ou “novas e melhores” versões do evangelho. É extremamente importante que permaneçamos firmes na verdade da Palavra de Deus! Essa é a única maneira de mantermos a gloriosa liberdade dada a nós, tão abundantemente em Cristo.

Como podemos permanecer firmes?

É importante entender que aqueles que falham em permanecer firmes são tirados da simples fé em Cristo pela falta de entendimento da Palavra de Deus. Somente uma sólida compreensão das Escrituras traz verdadeira estabilidade às nossas vidas.

Paulo certa vez observou que Deus tem dado à igreja apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres para o “aperfeiçoamento dos santos” (Efésios 4:11,12). Uma marca desse aperfeiçoamento é uma unidade de fé tão estável que não seremos mais “como crianças, jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro” (Efésios 4:14). Como é importante estarmos firmados na Palavra, especialmente em nossos momentos secretos de decepção!

Dos excessos materialistas da teologia da prosperidade: “É claro que Deus quer que todos os seus filhos dirijam Mercedes. Você dirige um Fiat? Você não é nada espiritual”; às “novas” revelações sobre a única maneira correta de ser batizado. Estranhas distorções de doutrina são a regra, não a exceção.

Quando Paulo exorta seus amigos, em Gálatas 5:1, a “permanecerem firmes e não se deixarem submeter novamente a um jugo de escravidão”, sua mensagem é tão relevante para nós hoje quanto primeiramente foi escrita. Às vezes, a própria igreja é a primeira a impor um padrão legalista de justiça sobre nós. Essas regras e regulamentos são geralmente bem recebidos, porque existe uma certa segurança nas limitações pré-definidas que a lei fornece. As seitas oferecem às pessoas um grau impressionante de direção pessoal e de “segurança” que vêm da obediência cega à autoridade.

Aqueles, porém, que se entregam a tão severo regime, assim o fazem ao custo de sua liberdade pessoal. Eles falham ao entender que junto à sensação de segurança que esses grupos oferecem, há um nível intenso de condenação quando se quebram as regras. Muitos que foram escravizados por esses sistemas contam que acreditavam que deixar o grupo era o mesmo que abandonar a Deus. Se um convertido começa a questionar o grupo ou quer ir a outro lugar, ele é advertido de que corre o risco de ir para o inferno. Esse tipo de pressão e vergonhosas afirmações da detenção da verdade são características desses grupos.

Por outro lado, uma igreja que encoraja as pessoas a encontrar um lugar em que podem crescer em seu caminhar com o Senhor, mostra sinais de saúde espiritual. Na Calvary Chapel, sugerimos com frequência para as pessoas procurarem um lugar em que possam ser ministradas mais efetivamente. Alguns que vêm a nossa comunidade gostariam de ver mais emocionalismo ou sensacionalismo em nossos cultos. Encorajamos essas pessoas a exercitar sua liberdade e procurar um lugar que corresponda mais a seus desejos. Não estamos interessados em ver ninguém preso à nossa igreja. É vital que abracemos esta verdade: colocar nossa fé em qualquer obra nos afasta da graça de Deus.

O uso do termo “jugo de escravidão” feito por Paulo é provavelmente uma referência às palavras de Simão Pedro durante o primeiro Concílio de Jerusalém. Em Atos 15, Pedro conta novamente sobre o chamado de Deus para ele ir ministrar aos gentios na casa de Cornélio. Ele sugeriu que o concílio não pusesse um jugo de escravidão sobre os não-judeus, jugo esse “que nem eles nem seus antepassados conseguiram suportar” (verso 10). Paulo cita as palavras de Pedro para enfatizar que a mensagem de liberdade na graça não foi algo inventado por ele, essa liberdade em Cristo era a posição sólida da igreja.

Rituais não salvam

Um aspecto importante do ensinamento rejeitado no Concílio de Jerusalém era a insistência de que os gentios deveriam passar pelo ritual da circuncisão para serem salvos. O concílio concordou com Paulo que obras não podem de maneira alguma tornar alguém justo. Mais tarde, Paulo afirmou que colocar fé em um ritual vai contra o evangelho. Ele escreveu: “Ouçam bem o que eu, Paulo, lhes digo: ‘Caso se deixem circuncidar, Cristo de nada lhes servirá’” (Gálatas 5:2).

Isto nos permite seguramente dizer que depositar nossa fé em qualquer tipo de obra nos afasta da graça de Deus. É fundamental que abracemos essa verdade. Não existem muitos ensinares por aí defendendo a circuncisão como essencial à salvação, mas quantas vezes ouvimos de pessoas muito sinceras que devemos passar pelo ritual do batismo para sermos salvos?

Alguns usam esse princípio para as mais estranhas e extremas práticas. São essas as seitas que ensinam que não somente devemos ser batizados para sermos salvos, como devemos ser batizados “corretamente”. Alguns insistem que devemos ser batizados somente em nome de Jesus, outros afirmam que isso deve ser feito somente por um ministro ordenado de sua denominação. Alguns ficam tão obcecados com tecnicidades, que têm dividido igrejas em relação à aspersão ou imersão, ou até mesmo se as pessoas deveriam ser batizadas voltadas para frente ou para trás.

A raiz de toda essa divisão é uma crença imprópria em que por meio de uma determinada boa obra pode-se alcançar uma posição de justiça com Deus. O ensinamento claro das Escrituras diz que se confiarmos em qualquer boa obra para sermos salvos, então, Cristo não tem valor para nós. Não podemos ficar em cima do muro e confiar em Cristo e em nossas boas obras, porque assim construiremos nossa casa espiritual em um terreno arenoso que será incapaz de nos sustentar.

Há alguns anos, um homem jovem aproximou-se e disse que não era mais cristão, pois havia se juntado à igreja dos mórmons. Quando perguntei em que ele confiava como sua fé para a vida eterna, ele respondeu que sua fé estava baseada em Jesus Cristo e em sua ida contínua à igreja dos mórmons. Eu disse a ele francamente que sua escolha era muito trágica. No momento em que colocou sua confiança em outra coisa que não na obra consumada de Jesus Cristo, ele foi longe demais.

Tudo o que precisamos para nos apresentar de maneira justa diante de Deus é ter fé em Jesus Cristo. Se insistirmos em confiar em Jesus e na circuncisão (ou batismo, ou dízimo, ou no fato de sermos membros de uma igreja), então, Cristo não terá valor algum para nós.

É tudo ou nada

Aqueles que dependem de suas obras para serem justificados não podem escolher o que fazer. Se aceitarmos uma boa obra como essencial à salvação, tornamo-nos devedores a toda lei. Devemos observar a lei em sua totalidade. Como Paulo apontou em Gálatas 3:10: “Já os que se apóiam na prática da Lei estão debaixo de maldição, pois está escrito: ‘Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei’”. Tiago ampliou essa verdade quando afirmou: “Pois quem obedece a toda Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente” (Tiago 2:10).

Se buscarmos justiça na lei, não apenas Cristo não nos beneficiará em nada, como teremos que cumprir todas as ordenanças para obtermos absoluta perfeição. Ou o nosso relacionamento com Deus é baseado no legalismo ou, na graça.

Paulo não economizou esforços em sua rejeição ao falso ensino dos judaizantes. Ele escreveu: “Vocês que procuram ser justificados pela Lei, separaram-se de Cristo; caíram da graça” (Gálatas 5:4). Aqueles que trazem consigo a atitude “sou mais santo que você” para o cristianismo rejeitaram a graça.

É bom lembrarmos que ninguém chegará aos céus por causa de suas obras. Não teremos que ouvir Abraão, Davi, ou Paulo falar sobre todas as coisas maravilhosas que fizeram para alcançar uma posição de justiça diante de Deus. Esses homens simplesmente acreditaram em Deus e sua fé lhes foi imputada como justiça. Nenhum de nós ficará comparando boas obras no céu, porque haverá apenas um que terá suas obras honradas diante do trono de Deus – nosso Senhor, Jesus Cristo. Somente Ele receberá a glória pela nossa salvação. Se não fosse por Ele, nenhum de nós chegaria lá.

Como Paulo falou: “Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gálatas 6:14). Não importa quantas boas obras fizemos, quantas pessoas levamos a Ele, ou quantas igrejas plantamos. Nossa única glória está em Jesus Cristo, que morreu por nós. Nossa justiça não é uma questão de boas obras, esforço humano, regras ou dietas alimentares. Nossa justiça aqui e para a eternidade é o resultado da nossa fé em Jesus, o Filho de Deus.

Justificação pela fé remove todas as diferenças entre aqueles que pertencem a Cristo. Não sou melhor do que você, nem você é melhor do que eu. Somos todos pecadores, salvos somente pela gloriosa graça de Deus. Não há outro meio de conseguir uma posição de justiça diante de Deus. Existe apenas um tipo de justiça que Ele aceitará: aquela imputada por Jesus Cristo.

Este não é um assunto secundário para nós cristãos. Devemos permanecer firmes na liberdade na qual Cristo nos fez livres. Não podemos permitir que regras que trazem condenação venham e dominem nossas vidas. A menos que estejamos orando sete horas por dia, ou lendo 25 capítulos da Bíblia em nossa devocional, não somos nada justos. Nossa justiça não está relacionada ao quanto lemos, oramos, jejuamos, ou contribuímos. Nossa justiça está baseada na simples confiança de que Jesus nos limpa de nossos pecados e nos purifica aos olhos do Pai.

A obra da salvação já foi realizada. Não há nada que possamos fazer para aperfeiçoá-la. Nossas boas obras resultam do amor e da aceitação do Senhor. Não fazemos obras para ganhar Seu amor. Caminhar de acordo com as instruções de Cristo não nos faz mais justos, apenas mais felizes e satisfeitos. Há maneira melhor de viver do que entregar a minha existência àquele que me ama tanto aqui e agora, e que prometeu tomar conta de mim para sempre? Ser dirigido e guiado por Deus é a experiência mais realizadora do mundo.

Apenas duas escolhas

Ou todos nós estamos trabalhando e para ser bons o suficiente para agradar a Deus, ou acreditamos e confiamos Nele para fazer o que não podemos fazer por nós mesmos. Em cada momento de nossas vidas, nos achamos em um caminho ou em outro. Se ainda estivermos tentando agradar a Deus sendo bons, derrota e frustração serão a nossa sorte. Se temos confiado na graça de Deus para nos transformar e gerar Cristo em nós, desfrutaremos de vida e paz. Aprendi a lição eterna de que leis e regras nunca podem mudar nossos corações.

Lembro-me de um incidente quando nossa família, mal direcionada, tentou fazer um esforço para trazer uma atmosfera mais cristã para dentro de nossa casa. Conforme nossos filhos cresciam, chegou um período em que a rivalidade entre eles parecia estar sempre em alta. Eles passaram a ter o hábito de se xingarem mutuamente de “babaca”, “estúpido”, ou “idiota”. Então, tentamos trazer um pouco de disciplina à situação e estabelecemos algumas regras.

Em um sobrado, com carpete por todos os lados, aspirar a escada é uma das piores tarefas. E para melhorar a qualidade de vida em nosso lar, decidimos manter o registro dos membros da família que costumavam insultar uns aos outros. Aquele com mais violações tinha que aspirar a escada. Tudo isso parecia muito sensato à época. Mas hoje, tenho a leve sensação de que algo estava sendo armado para mim.

Um dia, nossos dois meninos começaram a fazer travessuras. Quando cheguei ao quarto, eles estavam no meio de uma destruição. As primeiras palavras que saíram da minha boca foram: “Quem foi o idiota e estúpido que fez

esta bagunça?” Creio que você já sabe quem acabou aspirando a escada naquela semana.

Pelo menos, tirei algo proveitoso de tudo isso. Aprendi mais uma vez a lição eterna de que leis e regras nunca podem mudar nossos corações. Nossas intenções eram boas. Todos nós nos esforçamos nessa tentativa de justiça – porém falhamos miseravelmente.

Não importa o quanto tentamos ser santos. Temos mesmo que encarar o fato de que nossa justiça é como trapo imundo aos olhos do Senhor. Deus deu-nos uma esperança diferente de justiça – uma posição e um relacionamento com Ele mesmo, que devemos receber como um presente. Justiça é dada a nós, ao crermos em Jesus Cristo e ao ficarmos cientes de que não conseguiríamos viver um padrão perfeito. Esta é a escolha crucial que se apresenta diante de nós. Podemos tentar limpar nossos trapos velhos, sujos e rasgados para parecermos apresentáveis no céu, ou podemos escolher ser cobertos da justiça completa de Cristo pela fé. Meu aspirador de pó faz-me lembrar de que minha única esperança está na escolha da graça.

Fora de rumo e de visão

Sempre fico admirado com a facilidade que temos de nos desviarmos do caminho na vida cristã. Mesmo uma pequena falha em uma área da fé do comportamento pode tirar completamente o equilíbrio da nossa vida cristã. Por isso, fazer esforços para manter uma pureza doutrinária está se tornando mais importante a cada dia.

Recentemente, tive a oportunidade de discutir assuntos espirituais com um conhecido que acreditava que a igreja passaria pela Grande Tribulação. Ele perguntou por que eu tinha uma posição tão firme sobre o que ele considerava ser um aspecto sem importância da escatologia (doutrina sobre o fim dos tempos). Respondi: “Se a igreja vai passar pela Grande Tribulação, quem são os 144 mil mencionados no livro de Apocalipse?” Ele respondeu que essas pessoas eram parte da igreja, porque a igreja é o Israel espiritual. Então, perguntei se acreditava que todas as promessas de Deus à nação de Israel foram, de alguma forma, cumpridas na igreja. Ele concordou que sim. “Que interessante”, disse eu, “Que uma área ‘sem importância’ da escatologia tenha afetado completamente sua doutrina da igreja também”. Colocando isso nos termos de Paulo: “Um pouco de fermento leveda toda a massa” (Gálatas 5:9).

Vamos colocar isso de outra maneira. Imagine que você esteja viajando de Los Angeles para o Havaí. Antes da decolagem, o piloto anuncia pelo alto falante: “Senhores passageiros, estamos com um pequeno problema com o nosso sistema de navegação, mas não se preocupem com isso. Não estaremos mais do que dois graus fora de curso”. Dois graus fora de curso não seriam muito se fosse em Los Angeles, mas voando a uma altitude de 3.000 milhas

sobre o oceano Pacífico, estaríamos perdidos. Não conseguiríamos enxergar nem a maior ilha.

Claramente, a melhor resposta é evitar estar fora de curso, ainda que seja por milímetros. Em relação às doutrinas, é imperativo que busquemos as Escrituras, que as coloquemos à prova e rejeitemos argumentos simplesmente porque vêm de homens persuasivos.

Vigilância custosa

Não seja enganado! Tal vigilância custa algo. Controvérsias e perseguições têm rodeado a pregação do evangelho desde o início. Como Paulo ressaltou em Gálatas 5:11: “Irmãos, se ainda estou pregando a circuncisão, por que continuo sendo perseguido? Nesse caso, o escândalo da cruz foi removido”. Se Paulo pregasse que uma posição de justiça diante de Deus poderia ser obtida por meio de boas obras, não haveria oposição ao cristianismo. Mas a cruz de Cristo foi sempre uma ofensa.

Ela mostra que há somente um meio de se tornar justo diante de Deus. A verdadeira mensagem da salvação somente em Cristo ofende as pessoas, porque é algo muito restrito e exclusivo. A cruz declara ao mundo que existe apenas uma esperança para a vida eterna, que é a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. O que Paulo está dizendo em essência é: “Se eu quisesse ser liberal, diria: ‘Circuncisão é algo bom se funciona para você’; então, ninguém me perseguiria. Mas estou sendo perseguido porque me empenho o bastante para ficar com a verdade”.

Paulo nunca foi daqueles que disfarçam suas palavras. Podemos observar seu comprometimento emocional com a verdade, no combate contra aqueles que apóiam a circuncisão. “Quanto a esses que os perturbam, quem dera que se castrassem!”, escreveu ele em Gálatas 5:12. Paulo quis dizer: “Se esses falsos ensinadores acreditam que um pouco de mutilação da carne nos torna justos, então, por que não cortam tudo, a começar por eles?!” Um paralelo moderno ao que afirmou Paulo seria: “Eu queria que aqueles que dizem que a justiça vem por meio do batismo se afogassem!” Paulo descarregou seus sentimentos sobre os que se atreviam a perverter o glorioso evangelho da graça.

Pense no quão deprimido o apóstolo deve ter ficado por causa desses acontecimentos. Aquela era uma comunidade em que o espírito estava trabalhando, e as pessoas estavam em amor com Deus e umas com as outras. Havia unidade e entusiasmo no Senhor, até que esses falsos mestres chegaram. Com a introdução de suas próprias versões do evangelho, criaram divisão e logo facções começaram a proliferar. O lindo amor e o relacionamento que esse corpo havia conhecido, rapidamente tornou-se uma lembrança distante. Por isso, não é de se estranhar que a condenação desses ensinamentos por parte de Paulo fosse tão direta!

Obrigado, Paulo!

Nós, que viemos à graça salvadora de Jesus Cristo, devemos a Paulo uma boa parte dos agradecimentos. Se não fosse por ele, muitos na igreja teriam se tornado facilmente parte de uma seita judaica. Mas foi Paulo que permaneceu firme e estabeleceu os novos cristãos na graça de Jesus Cristo. Sua posição custou-lhe algo. Ele foi perseguido, caluniado e cruelmente confrontado durante a maior parte de seu ministério. Mas valeu a pena. No final de sua vida, ele pôde escrever estas emocionantes palavras: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda” (2 Timóteo 4:7,8).

Que Deus nos dê a graça para permanecer na verdade e sabedoria a fim de compartilhá-las em amor. E Ele permita que permaneçamos firmes em Jesus Cristo e no conhecimento da verdade. Que possamos ser conscientes da incrível profundidade das bênçãos e da liberdade que Deus tão ricamente nos tem concedido. E que possamos experimentá-las diariamente em nossa caminhada no lindo amor de Deus, permanecendo firmes em Sua gloriosa graça.

13. Membros da realeza

Quando você era criança, alguma vez imaginou como seria nascer em uma família real? Alguns de nós que vieram de famílias pobres, provavelmente, passaram algum tempo sonhando em como seria ser rico.

Podemos não vir de famílias abastadas, mas a Bíblia deixa claro que por causa de nosso relacionamento com Cristo, somos feitos uma nação espiritual de descendentes por meio da fé. Como Paulo escreveu em Gálatas 3:29: “E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa”. Quando rastreamos nossa verdadeira origem, não mais a encontraremos na Europa, Ásia ou África. Pela graça, podemos rastrear nossa verdadeira linhagem até Cristo, que é o cumprimento da promessa de Deus a Abraão. E, por causa desse relacionamento especial, somos herdeiros do reino de Deus.

O que é ser um herdeiro?

Uma criança de seis ou sete anos que recebe uma grande herança é, tecnicamente falando, muito rica. Porém, até que ela atinja a maioridade, como estipulado no testamento deixado por seus pais, ela não é nada diferente, de maneira prática, do que um servo contratado da casa. Certamente, todas as suas necessidades serão atendidas, mas não terá nenhuma autoridade para decidir como sua herança será administrada, até que tenha alcançado a idade estipulada.

A situação de um herdeiro não mudou consideravelmente desde o tempo de Paulo. Ele escreveu: “Digo porém que, enquanto o herdeiro é menor de idade, em nada difere de um escravo, embora seja dono de tudo. No entanto, ele está sujeito a guardiões e administradores até o tempo determinado por seu pai” (Gálatas 4:1,2). Paulo explica que o herdeiro se encontra sob a autoridade de um administrador (mordomo), que ficou com toda a responsabilidade para administrar todos os bens. Tipicamente, um guardião também é apontado para supervisionar a educação da criança e ensiná-la até que chegue à idade adulta.

Na sociedade romana, um garoto era considerado infantil até os sete anos de idade. Dessa idade até os 17 anos, uma pequena faixa roxa rodeava sua túnica, identificando-o como uma criança. Aos 17, ganhava outra túnica sem a faixa roxa para indicar que deveria ser considerado um homem. Entretanto, só poderia desfrutar de direito legal para se envolver em assuntos de negócio aos 25 anos de idade.

As coisas eram mais simples na cultura judaica. Aos 12 anos, um garoto passava por uma cerimônia conhecida como bar mitzvah, na qual se tornava um completo “filho da aliança”. O pai do garoto se colocava em pé e fazia uma oração de agradecimento por não mais ser responsável pelas ações de seu filho. O menino, por sua vez, orava aceitando a responsabilidade pessoal por suas próprias atitudes como um homem.

Paulo usa esta tão conhecida transição para a vida adulta a fim de ilustrar o relacionamento da lei para o povo de Deus. Quando Israel estava sob a lei, foi feito herdeiro das promessas de Deus. Contudo, enquanto a nação permanecesse sob a lei, as promessas de sua gloriosa herança não se cumpririam. Eles aguardavam o dia chamado de “plenitude do tempo”, quando Deus compensaria todas as promessas feitas por meio de Seu Filho. Até esse dia chegar, Israel era como uma criança pequena sob o controle da lei.

A escravidão da lei

A lei cobria quase todos os assuntos do dia-a-dia, desde dietas a transações de negócios e relacionamentos conjugais. Ela exercitava um controle rígido sobre o povo de Deus até o tempo em que se “graduariam” da infância para a vida adulta, quando finalmente poderiam desfrutar dos benefícios da herança prometida a eles. A promessa de um novo e maravilhoso relacionamento com Deus por meio da vinda do Messias foi dada a Israel, mas ainda não poderia se cumprir, até que a hora fosse determinada pelo Pai.

A lei oferecia uma estrutura para que dois indivíduos e até mesmo toda uma sociedade vivesse em ordem e harmonia. Se tais direcionamentos externos forem tudo o que temos em nosso relacionamento com Deus, encontramos-nos numa forma de escravidão. Por isso Paulo escreveu: “Assim também nós, quando éramos menores, estávamos escravizados aos princípios elementares do mundo” (Gálatas 4:3). A lei nunca pode nos levar a rica, plena e livre vida que o Espírito Santo quer para nós.

Quando Paulo se refere aos “elementos do mundo” está falando sobre o que chamamos de o básico da vida. A lei de Moisés era bastante eficiente em relação aos fundamentais “sins e não-s” da vida cotidiana.

Sempre achei irônico o primeiro concílio da igreja (descrito em Atos 15) lidar tão fortemente com a questão de um código de comportamento tão complexo para o controle da vida dos cristãos. Mesmo tendo concluído que os cristãos não eram mais obrigados a seguir um código de comportamento externo, ainda há muitas igrejas nos dias de hoje que buscam impor um controle semelhante aos seus membros.

Eu cresci em uma igreja que acreditava ter o mandamento divino para dizer às mulheres como deveriam se vestir e quais eram os penteados apropriados e

os inapropriados. Os líderes também pareciam acreditar que tinham a revelação sobre a opinião de Deus em relação à maquiagem. Quando crianças, recebíamos infinitas ordens sobre o que podíamos ou não fazer. Não diria que a igreja colocou sobre nós a lei de Moisés, mas depositaram uma carga muito pesada de condenação e obrigação sobre mim. Eu não estava apto a suportar aquele peso. Estava constantemente me arrependendo, porque simplesmente não podia viver de acordo com os padrões estabelecidos por eles.

A lei nunca pode nos levar a rica, plena e livre vida que o Espírito Santo quer para nós. Ela traz somente culpa, condenação e frustração. Felizmente, a lei não é o fim da história.

Quando chegar a hora

Nos dias de Paulo, os procedimentos legais de governança sobre o recebimento de uma herança eram muito precisos. Quando a criança alcançasse a idade especificada no testamento, não haveria mais a necessidade de um guardião ou de um administrador. Quando atingisse a idade, na “plenitude do tempo”, o herdeiro receberia o que lhe fora prometido.

Paulo tinha isso em mente quando escreveu: “Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da lei” (Gálatas 4:4). Como Jesus já veio, podemos experimentar a plenitude das bênçãos que Deus prometeu. Mas há outra sombra sobre o significado dessa ideia de “plenitude do tempo”. Você já perguntou por que Deus permitiria que seu povo vivesse sob a lei por aproximadamente 1400 anos, até que enviasse Seu Filho? Honestamente, podemos nunca chegar a entender o tempo de Deus. Seus caminhos não são os nossos caminhos e Seus pensamentos não são os nossos pensamentos. Mas se dermos uma rápida olhada na história, podemos ver muitas razões óbvias e entender porque o tempo da vinda de Jesus à humanidade foi especialmente oportuna.

Primeiro, Cristo nasceu numa época de paz sem precedentes. Por aproximadamente 13 anos antes de Seu nascimento e durante toda a Sua vida, as portas do templo de Janus em Roma permaneceram fechadas. Sempre que Roma ia à guerra, esse templo ficava lotado de adoradores orando a Janus por vitória. Mas na época de Cristo, a clássica Pax Romana (paz romana) estava firmemente estabelecida.

Roma também havia avançado nos transportes, criando um sistema bem planejado de estradas por todo o império. E o grego, uma língua clara e muito expressiva, tornara-se universal sob o domínio romano.

Todos esses fatores contribuíram para a rápida divulgação do evangelho no primeiro século. Pode ser que Deus tenha esperado por este momento

estratégico, para que a mensagem de Seu amor e perdão a toda a humanidade pudesse causar um impacto mundial.

Note que Paulo falou que Cristo foi “enviado” pelo Pai, não somente indicando a eterna pré-existência de Cristo, como também que Jesus veio com um propósito específico em mente. Ele foi enviado a este mundo para completar a redenção da humanidade. Ele veio para estabelecer uma nova aliança pela qual o homem poderia se relacionar com Deus com intimidade e adentrar a plenitude das bênçãos que foram prometidas.

Paulo também diz que “Jesus nasceu de uma mulher, debaixo da lei”. Essa referência ao nascimento virginal de Jesus remete-nos firmemente à primeira promessa da Bíblia sobre o Messias. Em Gênesis 3:15, Deus prometeu que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente, destruindo as obras da morte e a separação de Deus que Satanás trouxe sobre o jardim do Éden. Jesus também foi “concebido debaixo da lei”, uma referência ao fato de que Cristo nasceu como judeu e foi enviado primeiro a redimir o povo judeu. Ele veio para que o povo de Deus pudesse finalmente alcançar maturidade espiritual e desfrutar por completo de sua herança espiritual. Somente por Jesus eles receberiam essa herança do Pai celestial.

Que Pai!

Eu freqüentemente sinto a falta de uma já falecida santa, com o nome de Iva Newman, que se envolveu com o ministério da Calvary Chapel desde o seu início. Essa mulher de Deus caminhou com o Senhor por mais tempo do que eu já vivi. Eu adorava ouvi-la orar. Como eu amava isso! Ela desfrutava de um relacionamento lindo, próximo e íntimo com Deus. Ela chamava a Deus de seu “Pai querido”.

Você sabia que a morte e a ressurreição de Cristo conquistaram para você esse tipo de relacionamento rico e próximo com Deus? Foi o que Paulo escreveu: “Porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho ao coração de vocês, e ele clama: ‘Abba, Pai’” (Gálatas 4:6).

Nessa passagem, vemos o maravilhoso retrato do envolvimento de toda a Trindade na vida do cristão: Deus, o Pai, envia o Espírito de Seu Filho a nossos corações. Outra passagem encontrada em Romanos 8:15,16 diz que o próprio Espírito de Deus testifica ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Esse tipo de relação somente é possível se experimentarmos um renascimento espiritual completo. Como Jesus mesmo colocou: “O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito. Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: ‘É necessário que vocês nasçam de novo’” (João 3:6,7). Quando nascemos espiritualmente de novo, ganhamos acesso a um relacionamento muito íntimo com Deus, tipificado pelo uso do termo “Abba”, feito por Paulo.

Abba é um termo muito carinhoso para “pai”. É uma palavra aramaica e, em Israel, mesmo nos dias de hoje, você pode ouvir constantemente as crianças chamando: “Abba! Abba!” Elas estão dizendo: “Papai! Papai!”

Jesus freqüentemente usava o mesmo termo. Sem dúvida, Seus discípulos ouviram-no usá-lo tantas vezes em Suas orações que acabaram não traduzindo a palavra para o grego. Eles preservaram a expressão em aramaico para conservar o mesmo ardor e a mesma intimidade que Jesus dividia com Seu Pai. O objetivo de Deus é que o conheçamos como um Pai de amor, como nosso Paizinho mesmo.

Como é maravilhoso saber que Deus quer ter o mesmo relacionamento de amor e proximidade conosco em nossa caminhada com Ele! Muitas vezes, tendemos a ver Deus como um Criador grande e todo-poderoso, porém distante, mas é Seu desejo que O conheçamos como nosso Pai amoroso, como nosso Paizinho.

Alguns vêem esse tipo de liberdade de maneira desrespeitosa. Entretanto, é o próprio Deus quem nos convida a esse tão grande grau de intimidade. Lembro-me de uma vez que tive a oportunidade de me encontrar com um grupo de cristãos italianos para orarmos. Para a minha sorte, eles oravam em inglês, mas mesmo assim continuavam a se referir a Deus como “Papa”. Inicialmente, pensei que estavam sendo informais demais, mas um momento de reflexão me fez reconsiderar. Havia uma profundidade de amor e proximidade naquela expressão que se mantinha fiel à Bíblia.

É extraordinário como Deus nos recebe em Sua presença como crianças queridas e amadas e não como apreensíveis e temerosos escravos. Não é assim que o relacionamento entre um pai e seus filhos deveria ser? Quando os meus filhos me vêm visitar, não ficam tensos, nem prestam continência e também não tremem de medo quando falam comigo. Eles não usam todas aquelas formalidades pretensiosas: “Oh, pai exaltado, conceda este humilde pedido de seu filho no dia de hoje”. Geralmente, é mais ou menos assim: “Oi, pai, preciso de cinco reais. Não posso lhe explicar agora. Me dê e depois lhe explico!”

Deus deseja que nosso tempo com Ele seja relaxante e restaurador aos nossos corações. Ele quer que nos sintamos em casa e que sejamos livres e abertos em nossos relacionamentos. Deveríamos sentir-nos assim também, uma vez que nossas vidas são um livro aberto diante Dele. Ele nos conhece mais do que conhecemos a nós mesmos.

Deus não quer que tenhamos um relacionamento frio e distante. Ao contrário, Ele quer que conheçamos o Seu amor. Qualquer expressão que comunique tal proximidade é inteiramente aceitável, seja ela “pai”, “paizinho” ou até mesmo “papa”.

O Pai ideal

Deus é nosso Pai no sentido mais puro, verdadeiro e santo. Ele é nosso Pai ideal. Deus, ajude-nos, porque nossa cultura tão corrompida destruiu a imagem de pai nos corações de muitas crianças. Isso é trágico. Agradeço a Deus pelo meu pai, que foi uma pessoa temente a Ele e sempre me ajudou a me relacionar com Deus de uma maneira íntima e gloriosa. Sinto muito pelas pessoas que não conseguem se relacionar com Deus como Ele sendo o seu Pai por causa de algum exemplo corrupto nas suas vidas.

Qualquer que tenha sido sua experiência, Deus quer que você se relacione com Ele da maneira mais próxima, mais íntima, e que o conheça como um Pai amoroso, justo, santo, puro e carinhoso. Seu Espírito que habita em nossos corações clama: “Abba! Papaizinho! Pai!”

Deus é capaz de conceder-nos Seu amor, dispensando Sua bondade e Seu carinho sobre nós, para que venhamos a amá-Lo mais e mais. Esse é o propósito de Deus aos homens. Sua vida nunca estará completa, até que os propósitos de Deus sejam completados em você – até que você se relacione com Deus de modo próximo e pessoal, até que você diga “Oh, Abba!” e sinta isso em seu coração.

Pais, vocês se lembram da primeira vez que seu filho disse “papai”? É muito marcante! Você entendeu tudo completamente. Minha única filha era muito esperta. A primeira palavra que falou foi “papai”. Isso mesmo – tão claro como deve ser. Virei-me, gritei e berrei: “O quê?” Fiquei triste porque não havia ninguém por perto e por isso quem acreditaria em mim? Tentei fazê-la dizer novamente e ela me dava o sorriso mais doce, porém não repetia o que dissera. Mesmo assim, eu ouvi! Logo, ela estava dizendo isso em frente de todos e eu ficava muito emocionado.

No dia em que dizemos pela primeira vez: “Oh, Abba!” e Deus nos ouve, Ele fica orgulhoso. É o início de um relacionamento, que de coração podemos falar: “Olha, esse é meu Abba. Esse é o meu Pai”. E a maravilha é que este é apenas o começo da riqueza da nossa intimidade com Deus.

Herdeiros de Deus

Como se não bastasse a incompreensível grandeza de começar um relacionamento com Deus, como nosso “Abba”, esse não é o fim da história. Paulo diz: “Assim, você já não é mais escravo, mas filho; e, por ser filho, Deus também o tornou herdeiro” (Gálatas 4:7). Ao fazer parte desse relacionamento com Deus como Seus filhos adotivos, Seu Espírito agora clama em nossos

corações: “Abba Pai”. Tornamo-nos herdeiros de Deus. Somos os herdeiros do glorioso e eterno reino de Deus.

Nosso Pai ama-nos tanto que generosamente nos fez Seus herdeiros e Deus quer que essa herança espiritual seja uma bênção real e presente em nossas vidas.

Algumas pessoas cometem o erro de pensar que o cristão deve esperar até chegar ao céu para desfrutar sua herança, mas nada poderia estar mais distante da verdade do que isso. A Bíblia diz que as marcas do reino de Deus são justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Romanos 14:17). Podemos aproveitar essas maravilhosas bênçãos aqui e agora. A paz de Deus que excede todo entendimento pode acalmar nossos corações e mente agora mesmo. Nossa alma pode transbordar de alegria e estar cheia de glória. Podemos experimentar nossa libertação de culpas e temores, porque fomos completamente declarados justos pela nossa fé na obra consumada de Jesus Cristo.

Isso ainda não é tudo

Esses são apenas alguns dos elementos da gloriosa herança que já é nossa, pois Deus nos fez co-herdeiros com Jesus. Podemos entrar no lugar das mais altas bênçãos por causa do maravilhoso amor e da graça do nosso “Papai” celestial.

E ainda isso não é tudo. Jesus disse que chegará o dia em que dirá àqueles que estiverem à Sua direita: “Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo” (Mateus 25:34). Eu sou um herdeiro de Deus, sou o filho adotivo do Rei. Se meu Pai é o Rei do universo, então, isso me faz sentir como o príncipe Charles!

Também faz de você um príncipe ou uma princesa. Faz de você um herdeiro do reino – o reino que Deus quer que você compartilhe e desfrute com Ele, um mundo sem fim. E, então, os propósitos de Deus para a humanidade serão alcançados, quando forem restaurados nesse pleno, completo e íntimo relacionamento com Deus.

Nossos corações podem transbordar de gratidão pelo calor e pela segurança que agora sentimos em conhecer a preocupação e o amor sem limite de Deus por nós. É uma segurança saber que Ele tomará conta, cuidará de nós e nos manterá em Seu amor. Podemos viver confiantes de que temos um Pai que é por nós e que nos apóia em cada passo do nosso caminho, dando-nos recursos tremendos para que andemos com Ele em novidade de vida.

Nosso “Abba Pai” está comprometido em impedir nossa queda e apresentar-nos sem falhas diante da Sua presença com grande alegria (leia Judas 24). Ele nos deu um lugar de filho e uma herança incorruptível por meio de Jesus Cristo,

nosso Senhor. Não que o mereçamos nem porque o tenhamos conquistado. Tudo isso foi somente possível pela Sua abundante misericórdia e graça.

É maravilhoso saber que quando nascemos novamente descobrimos que, de maneira única, tornamo-nos ricos espiritualmente e também membros da realeza, no melhor e mais verdadeiro sentido do termo. Porque somos filhos de Deus, fomos feitos príncipes e princesas do reino. Por causa do que Cristo fez por nós, receberemos uma herança que é incorruptível e imaculada, e que não desaparece – e está esperando por todos nós para ser desfrutada por toda a eternidade.

14. Nossa própria responsabilidade

A mensagem do Novo Testamento é simples, direta e sem erros. Somos salvos pela graça de Deus, por meio da fé, não pelas boas obras que fazemos. A responsabilidade de um cristão é acreditar no amor e na graça que Deus livremente oferece.

Esta clara mensagem contrasta exatamente com os ensinamentos daqueles que querem que acreditemos em Cristo e obedeçamos a certas regras ou a certos rituais. Esses ensinadores chamam sua mensagem de evangelho, mas definitivamente não são boas novas. Eles afirmam que para sermos aceitos por Deus, precisamos praticar certas obras. Lei e obras são colocadas lado a lado com a graça como um bilhete duplo para a justiça. Ao contrário desses professores, o Novo Testamento insiste que não são lei ou obras que justificam, mas a graça de Deus e nossa atitude de fé.

Enfrentamos uma clássica situação. Justiça deve vir ou pela fé em Cristo, ou por guardar perfeitamente a lei de Deus. Uma posição de justiça com Deus pela fé, ou salvação mediante as obras são mutuamente exclusivas. Quando buscamos ser justos diante de Deus, devemos fazer nossa escolha e não buscar um meio termo comprometedor.

Abraão foi um homem que simplesmente acreditou em Deus e Deus o imputou como justo. O mesmo aplica-se a nós, e por isso somos herdeiros das mesmas bênçãos e promessas que ele desfrutou. Esse privilégio vem apenas pela fé, não pela obediência a um código de lei ou a uma série de regras. Se buscarmos ser justos diante de Deus pelas nossas obras, em vez da fé, encontramos-nos debaixo de uma maldição. Não há exceções a essa regra.

Se temos a lei como nossa esperança diante de Deus, a única maneira de haver certeza é guardar todos os mandamentos sem falha alguma. Como Paulo escreveu: “Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei” (Gálatas 3:10). Isto significa que nunca poderíamos saber se somos salvos até que morramos, e quem pode viver com esse tipo de pressão?

Imagine que você viveu uma vida perfeita, guardando todos os mandamentos, nunca cometeu uma atitude errada. Um dia, você decide cruzar a rua e espera corretamente o sinal ficar verde para você. De repente, um motorista passa o farol vermelho e o atinge. Ao assistir o motor do carro passar por cima da sua cabeça, você levanta seu punho e suas últimas palavras são uma avaliação dos hábitos de direção do idiota que o atropelou. Nessa pequena

atitude, você passou do ponto. Deixou de ser perfeito. Você pecou – e a Bíblia diz que o salário do pecado é a morte.

Você pode ser capaz de guardar perfeitamente nove dos mandamentos de Deus, mas se falha no décimo, acabou! Você pecou e a má notícia é que, a menos que você guarde toda a lei e pratique tudo o que está escrito nela, você é culpado. Não importa que lei você violou, basta uma falha e você está fora.

Assim, você não tem o mínimo de chance de ser declarado justo com base na sua bondade. Você já está fora, já passou do ponto. Tudo o que pode esperar é a maldição da lei. Justificação por obras é impossível, porque depende do imperfeito esforço humano. Legalismo é o caminho da maldição.

O oposto disso, a avenida da verdadeira justiça e bênçãos é a que é pela fé, porque não depende do seu esforço, mas da grande misericórdia de Deus e graça abundante sobre você por meio de Jesus Cristo. Apesar de você ter errado – embora tenha falhado em ser justo pelos seus próprios esforços – Deus o justificou em Seu Filho. Jesus ficou com a responsabilidade pela sua queda dos padrões de Deus e pagou o preço que você devia, mas nunca poderia pagar. Ele lhe dá Sua perfeita justiça se apenas você acreditar e colocar sua fé Nele. E por ter sido feito justo diante de Deus por meio de Jesus, você é um beneficiário de todas as bênçãos maravilhosas de Deus.

Um erro trágico

Um dos piores erros que a igreja pode cometer é o de enfatizar o trabalho que os cristãos deveriam fazer para Deus. Quantas vezes você já ouviu pesados sermões de acusação que dizem: “Você tem que orar mais! Você tem que ofertar mais! Você tem que evangelizar mais, ou ler mais a Bíblia, ou servir mais a Deus em algum departamento!” Quantas vezes você vai à igreja para buscar encorajamento e acaba ouvindo sobre seus fracassos e como Deus deve estar desapontado com você?

A última coisa de que preciso é que alguém coloque um fardo pesado com as minhas falhas sobre mim. Eu sei que deveria fazer mais. Ninguém precisa me dizer que não oro, oferto ou leio a Bíblia o suficiente. Tudo o que consigo com pregações como essas, é um enorme complexo de culpa. Minha frustração aumenta porque realmente quero amar mais a Deus, orar mais, ter maior comunhão com Ele. Quando damos ênfase às áreas de fracasso, acabamos criando cristãos desencorajados e derrotados que desistem e abandonam a corrida.

Que mensagem diferente encontramos quando abrimos o Novo Testamento! Ele não destaca o que devemos fazer para Deus, mas o que Ele já fez por nós. O que podemos fazer por Deus nunca será o suficiente. Nossos esforços de justiça são sempre arruinados por nossas imperfeições, mas o que Deus fez por

nós é perfeito, lindo, completo e fantástico. É muito triste que tenhamos invertido a equação e constantemente insistimos em nossa responsabilidade em vez da maravilhosa graça de Deus! É por isso que vemos tantas pessoas na igreja à beira da morte. Não precisamos de alguém para nos mostrar a nossa triste situação. Precisamos de graça, não de culpa.

Sua única obrigação

Deus lhe deu uma única e simples responsabilidade: acreditar em Sua promessa. Você pode desfrutar a bênção de um relacionamento com Deus mesmo que não ore o suficiente, ofereça o suficiente ou se sacrifique o suficiente, por causa da sua fé no que Deus já fez por você.

Deus fez com que Jesus se tornasse pecado por você para que fosse feita justiça de Deus por meio Dele. Jesus dá a você Sua justiça quando você simplesmente coloca sua fé Nele e acredita na obra que Ele fez por você. Sua obra é toda a graça.

Paulo abriu sua carta aos gálatas com a saudação: “Graça seja com vocês”. E ele a encerrou assim: “Irmãos, que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com o espírito de vocês”. Sua bênção tem um profundo e rico significado à luz da intenção de sua carta sobre a gloriosa graça de Deus. A graça de Jesus, não a lei de Moisés, era a grande necessidade dos gálatas. Andar no poder do Seu Espírito, não nos vãos esforços da carne, era o seu chamado.

Como os gálatas responderam? Não sabemos. Talvez porque a questão levantada na Galácia esteja sempre em aberto. Você dependerá da sua própria justiça ou confiará na graciosa provisão de Deus? Permanecerá na simples mensagem da salvação pela graça por meio da fé ou adicionará sua própria lista de obras ao trabalho já consumado de Cristo? Andará na carne ou no Espírito? Se gloriará somente na cruz de Cristo ou buscará aprovação e recompensa deste mundo para que se glorie em sua carne?

Esses são os assuntos que todo cristão, de todas as gerações, eventualmente, se pega lutando. As verdades que você professar farão a diferença entre paz e medo, orgulho e verdadeira humildade, até mesmo entre vida e morte espiritual.

Que você possa permanecer sem hesitar na graça de Jesus Cristo. Que você não seja movido pelo desejo enganador de agradar a homens. Que você tenha a mente de Cristo, para que seja bondoso, guardando a palavra de vida em um mundo de crescente escuridão e desesperança. E que você, no dia de hoje, possa se gloriar somente em Jesus e no que Ele fez por você.